

Ernesto Cofiño

Perfil de um homem do Opus Dei

1899-1991

José Luís Cofiño – José Miguel Cejas

Agradecimentos

Os autores desejam testemunhar seu mais sincero agradecimento às numerosas pessoas que tornaram possível a elaboração deste livro: familiares, parentes, colaboradores, amigos e alunos do doutor Ernesto Cofiño. Entre eles destaca-se de modo especial a figura de Mons. Antonio Rodríguez Pedrazuela. Muito obrigado também a Louis Le Roy e a Javier Paredes Bordejé por suas diligentes gestões em Paris.

Que a tua vida não seja uma vida estéril. - Sê útil. - Deixa rasto. - Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor.

Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. - E incendeia todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que levas no coração. – SÃO JOSEMARÍA

Diante do cenário de guerra do século XX, a honra da humanidade foi salva pelos que falaram e trabalharam em nome da paz. – SÃO JOÃO PAULO II

Alegria, cristãos; cristãos, alegria! – SÃO PEDRO DE SAN JOSÉ BETANCOUR¹

¹ São Pedro de San José Betancur (1626 - 1667) foi um religioso franciscano espanhol e missionário na Guatemala. É conhecido por ser o primeiro santo nativo das Ilhas Canárias e também considerado o primeiro santo da Guatemala. (N do T)

Antes de começar

6 de outubro de 2002

A ideia deste livro surgiu em 1995, quando um jornalista espanhol, José Miguel Cejas, fez comigo uma entrevista para a televisão sobre a figura de meu pai, Ernesto Cofiño, falecido quatro anos antes.

“-- E o senhor nunca pensou em escrever um livro de memórias?” – perguntou-me ao terminar.

“-- Muitas vezes!” – disse-lhe; “-- Mas preciso de alguém que me ajude”.

Ali começou tudo. Falamos sobre um possível projeto em colaboração, sem concretizar nada, até que três anos depois veio de novo à Guatemala, e definimos um plano de trabalho: eu iria escrevendo a meus filhos algumas cartas sobre seu avô, e ele lhes daria forma literária.

Durante os anos seguintes – 1999, 2000, 2001, 2002 – trabalhamos no projeto. Nossos e-mails, cruzaram o Atlântico em um e outro sentido; e assim, através do correio eletrônico, nasceu o livro que o leitor tem entre suas mãos.

Um esclarecimento prévio. Sou professor universitário de Ciências, não historiador. Não pretendi fazer um estudo histórico. Deixo essa tarefa aos especialistas. Estas páginas são apenas cartas de família, que recolhem essas recordações e anedotas que se contam na intimidade do lar. Não me estranharia por isso de que, apesar de meus esforços por confirmar os dados, haja datas que mudem ou nomes equivocados. Solicito nesse caso a indulgência do leitor.

Os caminhos de Deus são imprevisíveis. Pressentia que o começo de um novo milênio seria apaixonante, mas... quão longe estava de pensar o que iria acontecer! Nunca imaginei que, durante a elaboração deste livro, se abriria a Causa de Canonização de meu pai; que eu poderia estar presente às cerimônias de abertura e clausura do Processo Informativo; e que enquanto preparávamos estas páginas para entregá-las à editora, a igreja canonizaria São Josemaría, fundador do Opus Dei.

Por essa razão, datei este prólogo neste dia histórico e inesquecível, 6 de outubro de 2002, véspera da festa da Virgem do Rosário; dia em que o Papa João Paulo II canonizou São Josemaría na Praça de São Pedro, perante uma multidão de fiéis vindos do mundo inteiro, muitos deles da Guatemala.

A história – ou melhor, a misericórdia divina – nos apresenta essas surpresas, repletas de um sentido insuspeitado.

Um último esclarecimento. Não escrevi estas cartas movido apenas pelo desejo de que meus filhos conheçam melhor a figura de seu avô. Em minha alma – e na de Guisela, minha esposa, que seguiu com tanto carinho estes trabalhos – pesa uma razão muito mais profunda.

Este livro quer ser, fundamentalmente, um hino de louvor às misericórdias de Deus em nossas vidas; e um ato de ação de graças a Nosso Senhor Jesus Cristo e a sua Santíssima Mãe, a Virgem do Rosário, Padroeira da Guatemala. Emociona-me pensar que está sendo publicado no Ano do Rosário.

Este é o sentido mais profundo e verdadeiro destas páginas: dar graças a Deus porque, em sua amorosa Providência, concedeu-nos o dom inigualável de conhecer e conviver durante muitos anos, dia após dia, com um santo.

José Luis Cofiño

Primeira carta: 1899 - 1919

5 de junho de 1999

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Esta tarde, enquanto voltava para casa, depois do ato em homenagem ao centenário do nascimento do avô, pensava em vocês. Em 1991, quando faleceu, eram muito pequenos; e temo que lhes aconteça o mesmo que a mim, que perdi minha mãe quando tinha seis anos e não me lembro de nada: nem uma palavra, nem uma imagem, nem um gesto sequer.

Parece incrível, não é verdade? O que sei dela me foi contado, ou o vi no álbum de fotografias e nos filmes de Super-8 que o avô fez. Como é possível? Talvez sua morte tenha sido um golpe tão duro que de repente tudo se apagou para mim.

Como não quero que lhes aconteça o mesmo, vou contar-lhes a vida do avô em uma série de cartas, para que nunca se esqueçam dele.

Encontrei no sótão – onde não quero que subam, porque o piso de madeira está fraco em algumas partes e vocês poderiam cair – muitas coisas suas: uma cartola dos “felizes anos 20”, um chapéu colonial dos anos 40, calças *jeans* dos anos 80... e muitos papéis, porque o avô não jogava nada fora.

(Herdei esse costume: guardo as cartilhas do colégio, os trabalhos da Universidade... e até os brinquedos de quando era garoto!).

Lá em cima, no sótão, está sua sela de montar a cavalo; seus cadernos de anotações; seus diplomas, cuidadosamente enrolados e amarrados com longas fitas vermelhas; os recortes de jornal que lhe interessavam, classificados por data em suas respectivas pastas; e vários maços de cartas escritas por seu próprio punho. Não é que fosse um saudosista (pelo

contrário: não gostava de olhar para trás, nem de permanecer preso ao passado); era, simplesmente, um homem ordenado que desejava deixar registro dos acontecimentos.

Não sei de quem havia herdado esse costume... Com certeza, não de seu pai, e por isso temos tão poucas notícias desse ramo da família. Pelo que sei – e sei pouco –, eram espanhóis: o primeiro Cofiño que veio à Guatemala era de Infiesto, um pequeno povoado de Astúrias, um Departamento que há no norte da Espanha.

Eu nunca estive ali, mas deve ser um lugar bastante bonito, pelo que contam; com um mar agitado, o Cantábrico; com prados eternamente verdes pela chuva, e uma cadeia de montanhas ao fundo: uma paisagem parecida com a da “Tierra Fría”². Pois bem; segundo minhas informações, esse primeiro Cofiño – Pedro Cofiño – chegou aqui há dois séculos, no século XIX. Era, deixem-me pensar... o avô do avô de vocês; ou seja: seu tataravô!

Não sei a que se dedicaria esse bom senhor, e penso que não haja ninguém que o saiba na família, porque o avô não gostava de trepar nos ramos de sua árvore genealógica com a esperança de achar algumas gotinhas de sangue azul ou algum antepassado aparentado com um rei de Castela. Essas coisas não lhe importavam!

Sei apenas que os bisavós viviam em uma casa que chamavam de “los Leones”; que possuíam um sítio, Retana; e uma companhia elétrica em Antigua; e que o avô nasceu na Cidade da Guatemala às 10h15 da noite de 5 de junho de 1899, no número 9 do beco de Luna. Batizaram-no quatro dias depois, no dia 9 de junho, na Paróquia do Sacrário, e deram-lhe o nome de Ernesto Guillermo.

1899. Vocês se dão conta disso? Faz quase dois séculos! O avô era um homem do século dezanove!

Passou os primeiros anos de sua vida em Antigua, uma bela cidade com velhas mansões meio em ruínas e templos de muros rachados e cobertos de hera: as sobras daquele esplendor que se foi para sempre com o terremoto de 1541. Voltei a ler a crônica de Juan Rodríguez, testemunha do desastre. Ele a intitula: “*Relato do espantoso terremoto que ocorreu nas Índias em uma cidade chamada Guatemala*”, e ali conta:

“Sábado, 10 de setembro de 1541, às duas horas da madrugada... houve uma enorme tormenta de água do alto do vulcão que está em cima de Guatemala, e foi tão súbita... foi tamanha a tormenta da terra, que arrastou águas e pedras e árvores, que os que a vimos ficamos admirados. E invadiu a casa do governador dom Pedro de Alvarado, que Deus o tenha, e levou todas as paredes e telhados assim como estavam, a uma distância maior do que um tiro de besta...”

Embora o avô tenha sido também testemunha de vários terremotos quando era pequeno, minha impressão é que teve uma infância feliz, de garoto brincalhão e travesso, que se divertia correndo de bicicleta pelas ruas de Antigua, fazendo pequenas travessuras, em meio a um estranho silêncio...

Mas antes de falarmos desse silêncio, vou contar-lhes um pouco mais sobre os bisavós. O pai do avô, José María, nascido em 1863, fundou uma companhia elétrica. Era “um homem de antigamente”, como dizia sua irmã, a tia Clarita. Seu caráter se reflete no retrato do

² Região montanhosa da Guatemala, a algumas horas de viagem da capital. (N do T)

corredor, no qual aparece com um terno negro, camisa de seda, relógio no bolso do colete – a moda daquele tempo –, gravata-borboleta e uma barba fina e pontuda. Sempre me impressionou essa severidade, esse olhar... Os que o conheceram empregam a mesma palavra: terrível.

A vida o fez assim. Depois lhes contarei. Possuía um temperamento indomável e um caráter fortíssimo. E sua esposa, a bisavó Clotilde, também devia ter o seu...

A bisavó havia nascido em 1856; é curioso: exatamente um século antes de mim. Pelo que contam, foi a imagem viva da *mulher forte* da Bíblia, embora os retratos que conservamos dela deem certa impressão de debilidade: vemo-la tão pequenina e graciosa, tão doce, com essa expressão que não se sabe se é de ternura ou tristeza... No entanto, se prestarem bem atenção no porte e nas mãos da fotografia em que aparece junto ao avô, descobre-se nela uma profunda energia interior: aperta com firmeza as mãos de seu filho, como que comunicando-lhe seu ímpeto e sua força.

Sofreu muito. Não sei como explicá-lo. Talvez não o entendam... Os bisavós tiveram quatro filhos: a mais velha foi a tia Eugenia; depois vieram o tio José e o tio Ricardo, e o caçula foi meu pai. Mas além disso, meu pai teve duas irmãs, apenas por parte de pai, a tia Maruca e a tia Clarita, às quais amava muitíssimo. E a bisavó Clotilde acabou criando e educando os seis, em sua própria casa, sem distinção alguma, como se todos fossem seus filhos. Tinha um grande coração!

Às vezes temos uma ideia equivocada da dignidade: pensamos que consiste em defender não se sabe que pontos de orgulho “irrenunciáveis”. Pensamos: podemos chegar só até esse ponto!, e esquecemo-nos de que, acima de tudo, está a caridade. Essa foi a grande lição da bisavó Clotilde: soube amar de verdade, e por isso soube perdoar.

Antes de seguir adiante, duas ou três pinceladas sobre aquela época. Naquele tempo, o presidente era Estrada Cabrera, um advogado de Quetzaltenango que subira ao poder em 1898. Vocês devem ter visto seu retrato nos livros de História: um sujeito de rosto poderoso com um não sei quê sinistro no olhar, e uns bigodões enormes, caídos sobre o lábio...

No começo, parecia um governante relativamente moderado; até que ocorreu o atentado da “Bomba” de 1907, e se descobriu quem ele era: um tirano. Alguns historiadores reconhecem seu desejo de elevar o nível educacional do país. Outros destacam os avanços que ocorreram sob seu mandato, como a chegada da estrada de ferro até a Cidade da Guatemala.

Sim; houve alguns avanços: é inegável; mas... a que preço! Precisava-se de operários para construir estradas? Não havia problema: prendiam-se uns tantos quantos índios e se lhes obrigava a carregar as pedras. Os fazendeiros da costa procuravam braços para a colheita de café? Também não havia problema! Escreviam a um amigo seu, chefe político do Altiplano, e pediam-lhe duzentos ou trezentos rapazes, a tantos *quetzales* cada um.

“Não, é muito pouco; posso enviá-los por tantos *quetzales*” – respondia-lhes o chefe político, naquelas cartas que desciam e subiam, em lombo de mula, da montanha até a costa.

Regateavam; e quando chegavam a um acordo, o chefe dizia: “*Preço aceito. Envie cordas!*”. Enviavam as cordas, amarravam os indígenas e levavam-nos, a pé, como se fossem animais, pelos caminhos que descem até a costa.

Isto que lhes conto não é do século XVI, mas de começos do século XX. Já sei que lhes parece uma eternidade, mas não se passaram tantos anos: ainda devem estar vivos alguns filhos daqueles homens que foram tratados como escravos.

Foi uma época terrível. O país estava imerso em um clima sórdido e policial. As pessoas viviam temerosas em meio a uma rede de delações e suspeitas. Essa era a razão daqueles estranhos silêncios que o avô percebia em sua meninice; dizer uma palavra a mais podia custar a vida.

Estrada governava o país como se fosse sua propriedade privada, e havia organizado uma rede secreta de agentes do governo que lhe davam informações sobre qualquer um em troca de favores. Não pensem apenas em policiais. Esses agentes podiam ser um falso amigo, um vizinho, um conhecido... havia “ouvidos” por toda a parte; e alguns confidentes e espiões ficaram tristemente famosos, como “o galã” ou “o da barbicha”...

Nesse mundo de intrigas e temores, o avô viveu até sua juventude. “Todos devem algo ao Presidente”, dizia-se; e Estrada ia eliminando meticulosamente seus adversários, um depois do outro. (Às vezes tratava-se apenas de possíveis adversários). Ordenava envenenar este, fuzilar aquele, matar um terceiro a pauladas; proibia uma viagem “por ordem superior”; e não havia quem entrasse ou saísse do país sem sua permissão. Dirigia a imprensa: “Que se publique este artigo”. Controlava o correio: “Copiem a correspondência de fulano e siclano”. Absolvía e condenava a seu bel-prazer: “Vigiem a esse”; “Deixem esses presos uma horinha no sol”.

Granados conta em seu caderno de memórias as torturas dos prisioneiros: “Luis Echeverría Ávila (...), de 16 anos de idade e meu companheiro no colégio (...), 200 pauladas. A Rafael Rodil, de 15 anos (...), açoitaram-lhe as pernas nuas (...). Rodolfo Jaúregui (...), de 10 anos, sofreu um castigo semelhante”.

O clima de terror chegou a tal ponto que os historiadores afirmam que em 1907, quando o avô completou oito anos, não havia na Guatemala nenhuma família de classe alta que não tivesse perdido um pai ou um filho por uma denúncia, ou por uma tentativa de rebelião, verdadeira ou imaginária.

Nossa família não foi exceção. Em 30 de abril de 1907 chegou uma ordem presidencial na casa de Antigua, e o bisavô José María e seu irmão, o tio Pedro, foram encarcerados “por ordem superior”.

Um anos depois, em 23 de abril de 1908, soou um tiro: o tio Pedro havia sido fuzilado junto com Ramón Palencia nos fundos da igreja de São Francisco o Grande, onde está enterrado o Irmão Pedro³. “*Por opor-se ao Governo*”, disseram. Conta Luis Cardosa, cujo pai dividiu a cela com o bisavô, que fizeram um sorteio para ver quem matariam.

³ Não imaginava, quando escrevia estas linhas, que se cumpriria tão depressa um sonho de séculos do povo guatemalteco: a canonização do Irmão Pedro, que foi beatificado em 1980 e canonizado em julho de 2002. (N do A)

Não foram os únicos: naquele mesmo dia assassinaram vários outros nas ruínas da igreja do Espírito Santo, perto da alameda de Santa Lucía.

Pouco depois libertaram o bisavô que, em vista da situação, decidiu vir à Cidade da Guatemala, para que o Presidente comprovasse com seus próprios olhos que não estava conspirando contra ele.

Em Antigua ficou sua mãe, que morreu em 22 de maio de 1910, com 69 anos, dois anos depois do fuzilamento de seu filho. Um dia temos de ir ao cemitério de São Lázaro para rezar diante de sua tumba, que tem gravadas sobre o mármore umas palavras do Salmo:

“Semeou com lágrimas e colherá cheia de júbilo!”

Continuemos com a história dos bisavós. Vieram à Cidade da Guatemala e compraram uma casa no bairro de Gerona, perto da Aduana Central, no Terminal Ferroviário. Pensavam que quanto mais perto estivessem do Presidente – que foi reeleito em 1910 –, melhor poderiam defender-se de uma prisão “por ordem superior”.

Vocês têm que colocar-se naquela época com a imaginação. A Cidade da Guatemala era muito menor do que agora; tão pequena que era impossível a um homem da posição social do avô passar inadvertido. A simples ausência de um ato público era interpretada como uma manifestação de “desafeto ao Presidente”. Era costume pedir-lhe que fosse padrinho de casamento: não o fazer significava uma “provocação”.

Imaginem que vamos, pelo túnel do tempo, à Guatemala de um século atrás... Pelo Passeio da Reforma vemos os jovens cadetes, exibindo suas espadas junto às senhoras e as senhoritas, que usam saias longas e se protegem do sol com sombrinhas brancas. Os homens usam chapéu coco, luvas e gravata de plastrão⁴: é a *moda da França*. O Passeio tem um ar inequivocamente francês, porque a França é o país dos sonhos, a nação do *grandeur*, e Paris, a capital do mundo... A moda por excelência é “a moda de Paris”, e os edifícios que o Presidente construiu são copiados dos Campos Elíseos, como o Asilo Joaquina, batizado assim em homenagem a sua mãe, ou o Asilo de Convalescentes Estrada Cabrera.

Sobrevivem ainda, como uma lembrança de tempos passados, velhos costumes espanhóis: ainda se celebram algumas touradas, e nas últimas portas do portal do Comércio ficam anciãos que ainda falam das guerras carlistas, que são umas guerras que houve na Espanha no século XIX... É um mundo fechado, onde muitos se conhecem e se cumprimentam ao passar. As quitandeiras percorrem as ruas de pedra, com suas cestas transbordantes de frutas da costa, entre condutores de carruagens, mulheres com vestidos coloniais e cabelos reluzentes, e vendedoras de melcocha⁵, que apreçoam sem parar:

– Melcocha amarela! Melcocha branca!

Esse era o mundo do bisavô, que mesmo não tendo participado em nenhum ato subversivo, e mesmo tendo vindo à Cidade da Guatemala precisamente para evitá-lo, acabou sendo

⁴ Também conhecido como “nó ascot”. (N do T)

⁵ Doce popular nos países centroamericanos, semelhante à rapadura. (N do T)

preso, acusado de não sei quê. Não lhe adiantou nada viver sob o olhar do Presidente! Tudo era possível naquele tempo em que se assassinava e se torturava ao grito de “ordem superior”!

Não sei quando o prenderam, nem para onde o levaram. O mais provável é que tenha sido levado para o Pavilhão 2 da Penitenciária Central, com os prisioneiros políticos; embora pudessem encerrá-lo em qualquer dos seis cárceres que havia na cidade, com a indicação de “bem recomendado”. Isso significava que os carcereiros deviam tratá-lo de modo brutal.

Porém são suposições minhas, porque nunca perguntei ao avô mais detalhes sobre este assunto: sabia que era uma lembrança muito dolorosa para ele, e que não esquecia as visitas que fez à prisão, quando menino, para ver seu pai; visitas que o Presidente permitia como um “favor especial”.

O bisavô contava seus dias na prisão dando pequenos nós nas franjas de um cobertor que lhe deram. Quando o deixaram em liberdade, ao fim de dezoito meses – um ano e meio de angústia e dor – trouxe o cobertor para casa.

O avô guardou esse cobertor como se fosse uma relíquia, e em seus últimos dias, pouco antes de morrer, pedia-me que lho desse. Eu queria cobri-lo com um cobertor novo; mas ele me dizia que não: que queria o cobertor com que se havia coberto seu pai naqueles meses tão tristes, porque estava empapado com suas lágrimas...

Os seres humanos reagimos de formas distintas diante dos sofrimentos. A alguns, a dor os aniquila; a outros, torna-os teimosos e obstinados, duros como uma pedra. Foi o que sucedeu ao bisavô: converteu-se, à força de padecer, em um homem de ferro, seco, duro, *terrível*; era um pai tremendamente exigente na educação de seus filhos.

Isso explica por que meu pai o amava e temia ao mesmo tempo; e que se distanciou um pouco dele em sua juventude, porque quando se é jovem, não se entendem totalmente certas coisas. Com o passar dos anos, foi compreendendo-o, desculpou seus erros e passou a amá-lo cada vez mais.

Quanto a sua mãe, amava-a com loucura. **Era uma mulher santa**, dizia. A bisavó Clotilde era muito piedosa, ao contrário do bisavô que, como tantos homens de sua geração, tinha uma formação cristã deficiente. Vocês já sabem que a situação da Igreja na Guatemala era estremecedora, e o termo não é exagerado: desde os governos liberais do século XIX, salvo *uma* exceção, foram expulsos *todos* os arcebispos da Guatemala; confiscaram *todas* as igrejas e conventos; e suprimiram *todas* as ordens e congregações religiosas menos uma, as Filhas da Caridade. Havia muito pouco clero; e não permitiam que entrasse, como regra geral, nenhum sacerdote estrangeiro.

A fé católica manteve-se graças a pessoas como a bisavó, que a transmitiu a seus filhos mediante sua palavra e seu exemplo. Todos os dias, sem falhar nenhum, ia à Missa matutina das cinco na igreja de São Domingos.

Ela preparou o avô para a Primeira Comunhão, que ocorreu em 29 de junho de 1910, festa de São Pedro e São Paulo, na capela da Casa Central das Irmãs da Caridade, onde havia assistido à catequese. Tinha 11 anos, a idade normal naquela época. Na lembrança, junto a um desenho eucarístico, lê-se:

*“Quem ama Jesus
pensa frequentemente nEle,
dEle fala,
a Ele busca,
por Ele obra e trabalha.”*

O avô cursou o Ensino Médio no Instituto Nacional Central para Varões, um centro de prestígio, onde muitos se matriculavam e muito poucos se formavam. Em 1901, por exemplo, começaram 220 e terminaram apenas 32. Não recebeu nenhum tipo de formação religiosa, que estava proibida nas escolas públicas do país. Era a única escola secundária da Cidade da Guatemala, porque os governos liberais, como lhes disse, haviam fechado todas as escolas católicas da época colonial.

O Instituto ocupava a sede do antigo Seminário, que havia sido confiscada da Arquidiocese. Era uma espécie de academia militar, tanto pelo ambiente como pela disciplina e pelos trotes. Os valores eram muito simples: o Presidente personalizava a Pátria, que era o Ideal Supremo.

Escreve González Villanueva que nesse instituto o avô experimentou “a trágica dualidade que, desde os tempos coloniais, impediu a unidade e a solidez da nação. A vida familiar e social – até certo ponto – era uma; a vida ‘pública’, ‘oficial’, era outra. Escutou as provocações e ironias dos professores contra a religião; as acusações mais graves contra a Igreja; e foi espectador das piadas mais grotescas sobre tudo o que, em seu lar e para ele, era o mais sagrado”.

Que tipo de estudante era ele? Um colega de curso, o Nobel de Literatura Miguel Ángel Asturias, recordava-o como um garoto “terrível e brincalhão, que dava trotes como ninguém”. Imagino-o aos quatorze anos, cheio de vitalidade, cantando pelas ruas, nas famosas festas de Minerva...

Vocês devem ter ouvido falar dessas festas, que o Presidente havia ordenado que se celebrassem no último domingo de outubro, em honra da deusa da Sabedoria, para premiar os estudantes no final do curso. Duravam três dias inteiros, com toda a pompa e circunstância possível: arcos decorados, concertos de música, corridas de cavalos, desfiles de carros – uma novidade –, partidas de futebol – outra novidade –, e “exercícios de ginástica e esporte”. E, à noite, fogos de artifício.

O país inteiro parava. Vocês conseguem imaginar nove mil estudantes desfilando pela Avenida Estrada Cabrera? Iam vestidos com uniformes militares e levavam aos ombros os famosos “palotines”, pequenos rifles de madeira.

Estrada havia feito construir o templo de Minerva apenas para essas festas. Era um edifício gigantesco que imitava os antigos templos gregos, com grandes colunas jônicas e um átrio decorado com alusões à deusa. Os estudantes chegavam ao templo, tocavam-se os clarins,

os homens tiravam os chapéus respeitosamente, os meninos apresentavam armas, as meninas cantavam o hino nacional, içava-se a bandeira e... começavam os discursos.

E quando o Presidente terminava de falar... que salvas de palmas, que gritos de entusiasmo, que loas ao *Benemérito da Pátria*, ao *Ilustre Mandatário*, ao *Protetor da Juventude Estudantil*, ao *Péricles chapín*⁶! Depois continuavam os cantos e festas por toda a cidade.

Conseguem imaginar o avô, dançando ao som da marimba e assobiando as canções que causavam furor, como *La Flor del Café*? Talvez lhes custe; mas eu consigo vê-lo perfeitamente, dançando, alegre e feliz, no meio do rebuliço que durava quase um mês, porque as minerválias prolongavam-se até unir-se com os festejos de aniversário de Estrada, no final de novembro.

Aos dezoito anos, em 10 de agosto de 1917, acabou o Ensino Médio. Talvez planejasse entrar na Escola de Medicina, onde, segundo meus dados, graduaram-se no total oito médicos em 1914. A cifra fala por si mesma. O diretor da Escola até 1910 havia sido Ortega y Carrascal, uma eminência científica que, depois de doutorar-se em Paris, ensinava com foco preferencialmente hospitalar.

Como podem imaginar, com semelhante regime político a Medicina do país estava pouco desenvolvida, e girava ao redor do Hospital Geral, que Ortega y Carrascal havia modernizado com um setor de esterilização, um lavatório e uma sala de pós-operatório.

Porém não pensem em universidades e hospitais como os de agora. Nem a saúde nem o ensino dispunham de meios materiais, nem de liberdade de ação: todas as faculdades: Engenharia, Medicina e Farmácia, Direito e Contabilidade – eram diretamente controladas pelo presidente, que conseguiu que a Assembleia Legislativa batizasse a Universidade Nacional em 1918 como “Universidade Estrada Cabrera”.

E quando o avô se dispunha a entrar na Universidade... um terremoto arrasou grande parte da Cidade da Guatemala durante o Natal de 1917.

Em poucos instantes vieram abaixo numerosos edifícios, especialmente os que haviam sido construídos sob o mandato de Estrada; e, para cúmulo dos males, quatro semanas depois, em 24 de janeiro de 1918, um segundo terremoto derrubou o que ainda restava em pé. Caíram as torres da catedral, a igreja de São João de Deus, e muitos monumentos importantes, como a estátua de Colombo na Praça das Armas.

Milhares de famílias não tiveram outro remédio senão instalar-se em acampamentos improvisados na zona de Tívoli.

Esta catástrofe desorganizou a imensa teia de aranha policialesca que o presidente havia tecido, porque as pessoas, unidas pela desgraça, começaram a falar sem travas entre si. Era impossível controlar tudo, como antes.

A universidade fechou. A saúde sofreu um golpe gravíssimo: várias salas do Hospital Geral – incluindo a nova sala de operações recém inaugurada – ficaram em ruínas. O governo não soube fazer frente à situação. A exasperação popular foi crescendo, e perdeu-se o

⁶ Apelido das pessoas naturais da Guatemala. (N do T)

medo de falar em voz alta. Em maio de 1919 o bispo d. Piñal pregou algumas homilias na igreja de São Francisco sobre a corrupção, com críticas veladas ao governo. O presidente o prendeu e acabou expulsando-o do país; porém nada voltaria a ser o mesmo.

E assim chegamos a 1919, ano em que começa uma etapa decisiva da vida do avô. Tem vinte anos; está há dois anos sem aulas. A cidade vai se reconstruindo lentamente, vencendo inúmeras dificuldades. Em 1918 o país sofre uma grave epidemia de influenza. A universidade continua fechada. Para ocupar o tempo, organizou um pequeno laboratório em sua casa e vai estudando por conta própria. Porém os meses passam, e não parece que a universidade vai reabrir logo. Encontra-se em um beco sem saída. O que fazer? Esperar mais um, dois, três anos? É um período de incerteza e desconcerto.

Parecer-lhe-á incrível, Paola, mas poucos anos antes havia se graduado Olimpia Altuve, a primeira universitária da Guatemala, e o presidente em pessoa quis entregar-lhe o título. Parecia algo tão excepcional que uma mulher fosse à universidade quanto que um homem estudasse no exterior, coisa que até então só haviam feito algumas personalidades de renome, como o insigne doutor Rodolfo Robles.

Conto-lhes isso para que valorizem a decisão do avô, que... mas não adiantemos os acontecimentos. Um dia de 1919, o doutor Arturo Gálvez Paiz, um prestigioso médico que havia estudado em Paris, disse ao bisavô:

– Dom José María, seu filho Ernesto é inteligente e trabalhador. Por que não o manda à França para estudar?

E o bisavô decidiu que ele estudaria na Sorbonne.

Além das possibilidades econômicas, o bisavô tinha várias razões para tomar essa decisão. Uma delas era a falta de uma data concreta de reabertura da Universidade. E é muito possível que desejasse distanciar seu filho do Presidente, que estava cada vez mais alheio à realidade e dava já mostras claras de loucura.

Fossem quais fossem as razões, o caso é que quando o bisavô lho disse, o avô não conseguia acreditar. Ele, com vinte anos, em Paris! Se nem sequer se atrevera a sonhá-lo! À Sorbonne, nada menos: uma das universidades mais prestigiosas do mundo! E ainda por cima, iria... de barco!

Não riam. Uma viagem de barco naquela época significava toda uma aventura, e o avô nunca havia visto o mar. A viagem mais longa que já fizera era daqui até Antigua, naquelas carroças puxadas por mulas que levavam dezessete horas.

Preparou as malas... E aqui se abre um apaixonante capítulo de sua vida, que lhes contarei com calma outro dia.

Com todo o carinho,

Papai.

Segunda carta: 1919 - 1929

20 de agosto de 1999

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Datei esta carta quando se completa outro aniversário do avô. Agora há pouco passei perto da estação Pamplona, de onde partiu para a França em 20 de agosto de 1919: hoje fazem exatamente 80 anos. Não me esqueço da data, porque coincide com o aniversário da prima Mercedes.

Toda a família foi à estação para despedir-se dele. e quando o trem partiu, viu, através da fumaça da locomotiva, como a bisavó se ajoelhava e abençoava-o, com o rosto coberto de lágrimas.

Essa imagem esteve sempre presente em sua memória: sua mãe, de joelhos, dando-lhe a bênção, enquanto o trem se distanciava sacolejando em direção a Puerto Barrios...

Partia, em parte entristecido e por outra parte feliz: ia começar a grande aventura de sua vida. Podem imaginá-lo? Que sonhos teria ao contemplar a Serra das Minas e o verde das montanhas do Mico, de Zacapa, de Quirigua...!

Havia onze anos que funcionava aquela estrada de ferro, e embora já tivesse passado o tempo dos velhos maquinistas, que possuíam um amor em cada estação, viajar de trem continuava a ser um sonho dourado para a maioria dos guatemaltecos. Nunca ouviram esta canção?

Já chegou o trem a Mazatenango,

E nas planícies muito alegres vai apitando,

E os passageiros vão felizes vendo a manga

Que o maquinista da boca me tirou...

O trem levava doze horas para chegar à costa: doze horas apaixonantes, em que viu aquelas paisagens maravilhosas de que ouvira falar tantas vezes, entre apitos e vaivéns, com paradas intermináveis nas estações.

Imagino-o no vagão, debruçado à janela, evocando os dois últimos anos de sua vida, desde agosto de 1917 até aquele agosto de 1919. Um período estranho: o fim do colégio, os terremotos, a reeleição de Estrada com o apoio dos intelectuais e das "cabeças pensantes"... a Universidade, fechada por tempo indefinido... E quando o horizonte parecia mais negro, Paris!

Vejo-o descendo do comboio, cansado pela viagem, passeando com suas malas pela Baía de Amatique, cantarolando *Bella Guatemala* entre caixas de bananas e sacas de café. Foi ali que viu o mar pela primeira vez.

E de lá embarcou novamente, rumo a Nova York. Devia ter a alma a ponto de explodir de sonhos ao subir pelas escadas do barco. Sonhos banhados em tristeza, porque – como contava por carta anos depois – foi uma **travessia dura, cheia de penas e incertezas**. O que o esperava em Paris? Teria que estudar e prestar exames... em francês! Era otimista por natureza, mas talvez aquilo fosse superior a suas forças e tivesse que retornar à Guatemala, fracassado...

Passou por Nova Orleans. Não sei se viu as antigas casas coloniais com suas grandes varandas características, transbordantes de flores; sei apenas que experimentou pela primeira vez o isolamento de um idioma desconhecido e costumes estranhos. Assim que possível, tomou o trem que o levou a Nova York. Ali, sentia-se **como perdido, sem falar o idioma, sem conhecer ninguém**. Em poucos dias, embarcava de novo, rumo à Europa.

O navio cruzou o Atlântico em um tempo recorde: 21 dias, cifra assombrosa para aquele tempo.

O avô chegou à França em 10 de setembro, em uma tarde chuvosa. O transatlântico atracou no porto de Havre, que está relativamente perto de Paris. Em muito pouco tempo, talvez no dia seguinte, vislumbraria pela primeira vez, à distância, a silhueta da Cidade-Luz: as torres de Notre Dame, a cúpula do Sacre-Coeur, a Torre Eiffel...

Imagino-o, com seus vinte anos, sob as marquises da *Gare d'Orsay*, perguntando, muito decidido, com seu francês balbuciante, pela rua onde ficava a residência de Luciano Boudousse, que possuía um negócio de importação e exportação com sede em Paris e fazia as funções de banqueiro com os poucos guatemaltecos que possuíam filhos na França. Era seu “homem de confiança” na Europa.

Suponho que o avô estaria vestido ao estilo daqui, com um chapéu Panamá e uma sacola leve dos trópicos, que chamariam a atenção naquele novo mundo que desfilava diante de seus olhos: as margens do Sena, com agitadas multidões que iam e vinham; as estações do metrô, de estilo *art-nouveau*; o rebuliço estudantil do Bairro Latino...

Devia estar esfregando os olhos, ainda sem conseguir acreditar: era verdade! Estava em Paris, a capital do mundo, onde se tomavam as grandes decisões! Acabava de terminar a Primeira Guerra Mundial, e um mês após sua chegada, em 11 de outubro, o Senado francês ratificou o Tratado de Versalhes.

Estava feliz, porém... não conhecia ninguém, e estava a milhares de quilômetros de sua família. E aquele sol pálido... Havia passado de nossa luminosidade esplendorosa para uma cidade de edifícios espetaculares, mas frequentemente encobertos por nevoeiros acinzentados e nuvens tristes. O vento de outono dar-lhe-ia nostalgias de nossa “eterna primavera”...

Vocês ainda não tiveram a experiência de viverem sozinhos no exterior. O avô escreveu à tia Clemen: **O desconsolo é a primeira coisa que se apodera da pessoa, que tenta**

dominar sua vontade. Há um desejo ardente de voltar, de abandonar tudo para ser feliz ao lado dos seus, daquilo que se ama.

Não teve outro remédio senão superar seus sentimentos e adaptar-se. Não deve ter sido fácil. Ainda se viam uniformes militares, ingleses e americanos, pelas ruas, e havia-se desatado naquela cidade, depois de tantos anos de angústia, um desejo frenético, quase enlouquecido, de aproveitar a vida.

John Dos Passos, um escritor norte-americano, define a Paris daqueles anos como uma cidade “cheia de música”. A Cidade-Luz, como a chamavam, era a meca da moda e do luxo; a capital da arte. Os grandes artistas encontravam-se ali. Nos cafés da moda, era possível deparar-se com Chagall ou Modigliani na mesa ao lado...

De qualquer forma, ainda que lhe custasse adaptar-se aos novos costumes, ficou admirado com as virtudes dos franceses, e o ambiente cultural parisiense encantou-o. A França inteira deixou-o fascinado.

Cheguei a Paris – recordava – logo depois de haver terminado a primeira guerra mundial, que deixou tão ferido o povo francês, que se levantava com ânimo renovado dos escombros da guerra.

Parecia uma nova aurora, depois de anos de tormenta: havia otimismo no ambiente, e esperança de que aquele vandalismo não voltaria a repetir-se.

Começou a preparar-se para o exame de admissão, o P.C.N., que compreendia três matérias: Física, Química e Ciências Naturais. Poderia ter conseguido uma equivalência, porém decidiu ampliar seus conhecimentos e prestar o exame, porque era consciente da insuficiência de sua formação acadêmica.

Pensem em que maturidade e realismo supõe essa decisão. **Este é o erro – explicava – dos que vêm estudar Medicina e conseguem dispensa do P.C.N., valendo-se do título do Ensino Médio; entram na Faculdade desorientados, sem conhecer o idioma, sem métodos de trabalho, sem o costume de assistir às aulas.**

Começou sua vida universitária. Nos corredores, vivia-se um momento excepcional: após o longo parêntese da guerra, naquele novembro de 1919 se retomavam as aulas. Os recém-chegados, como o avô, encontraram-se com alunos de turmas anteriores que haviam passado vários anos na frente de batalha; e com professores que haviam trabalhado como médicos militares e guardavam vivos na memória os desastres do conflito. Isso deu à universidade daquele período um estilo prático e realista;

A Sorbonne era – e continua sendo – uma universidade de enorme prestígio. Basta visitar o edifício da Faculdade de Medicina para dar-se conta do posto proeminente que a Medicina francesa ocupava no mundo. Atravessa-se um espaçoso pátio de entrada; sobe-se por uma escadaria solene, ladeada por uma selva de colunas de pórfiro; e chega-se então a uns salões magníficos, com piso de mármore e paredes enfeitadas com bustos de médicos famosos, com inscrições como esta, que traduzo:

No reinado de Luís XVI

iniciou-se este edifício,

*consagrado ao estudo
e à perfeição da cirurgia,
por ordem e sob os auspícios
de Luís, o bem amado,
no ano da graça de MDCCLXIX.*

Na França não existiam o que hoje chamamos de Hospitais Universitários; mas em bem pouco tempo, no começo do ano letivo seguinte, em 19 de outubro de 1920, a Prefeitura de Paris e a Universidade firmaram um acordo pelo qual os professores da Faculdade de Medicina converteram-se em chefes de serviço dos diversos hospitais da cidade.

Com esse acordo deu-se um passo gigantesco, segundo os historiadores da Medicina, porque a saúde francesa começou a beneficiar-se dos avanços científicos universitários, e os novos alunos da Faculdade, como o avô, passaram a receber um ensino clínico direto. Por isso, o avô explicava que havia entrado, **mais do que na escola de Medicina, no hospital, para preparar-me para o primeiro concurso, que se chamava externato.**

Durante esse ano decidiu mudar de residência. Na casa de Monsieur Boudouse viviam latinoamericanos demais, e pensou que daquele modo nunca iria dominar a língua. Instalou-se na *Rue du Dragon*, entre o *Boulevard Saint Germain* e as ruas *Four* e *Grenelle*.

A Rue du Dragon é uma rua estreita, com o ambiente característico do Bairro Latino. Gostaria que a vissem alguma vez, com seus edifícios altos e recuados, de quatro ou cinco andares, e suas casas de portões senhoriais. Nos muros há placas que recordam as personalidades que viveram ali. Em uma delas lê-se:

Victor Hugo morou nesta casa em 1821.

29 de fevereiro de 1907.

Os Hugófilos.

Um pouco adiante vivera Huysmanns, o “construtor de Paris”; e em uma casa próxima, dois escritores famosos: Giono e Martin du Gard.

Todas as semanas recebia uma carta do bisavô, desde a Guatemala. Não exagero: *escrevia-lhe todas as semanas*. Dessa maneira, o avô, além de manter-se em contato com a família, estava a par da vida política por aqui. A situação havia melhorado relativamente. O Congresso havia incapacitado Estrada declarando-o louco, mas o velho ditador resistira em sua residência, “La Palma”, e bombardeara a capital desde lá...

Foi sucedido por um senhor de engenho, Carlos Herrera. Poucos meses depois, celebrou-se na Costa Rica uma Conferência que criou a Federação das Repúblicas Centro Americanas. Parecia tornar-se finalmente realidade o velho sonho unionista, e em 15 de

setembro de 1921 a Guatemala uniu-se a Honduras e El Salvador, formando um novo Estado, com capital em Tegucigalpa, que se chamou *República da América Central*.

Mas aquele sonho se desfez logo: houve um golpe de estado e obrigaram Herrera a renunciar ao cargo. instaurou-se um triunvirato com uma figura central, Orellana, colaborador próximo de Estrada, que se retirou da União em 14 de janeiro de 1922.

Entre 1921 e 1926, o avô fez o “externato” nos hospitais de Paris, no qual se entrava através de um concurso. Era um estudante bom e responsável. Insisto nisso, porque o ambiente frívolo dos anos vinte, tão boêmio e extravagante, ficou desgraçadamente famoso.

Era a Paris dos “anos loucos”. Triunfavam o fox-trot e a java, umas danças das quais estou seguro que vocês nunca ouviram falar. Lembram-se daqueles filmes de Maurice Chevalier, em que sapateava, cantando: “*Não há nadaaaaa / melhor / que / Pariiiiiiiis*”?

Que estou dizendo? Como vão conhecer Maurice Chevalier, se pensam que os Beatles são uma banda “antiga”?

Paris vivia um período de esplendor desenfreado. A Torre Eiffel estava iluminada por meio milhão de lâmpadas; e a cidade era o símbolo mundial, junto com Nova York, do progresso e da modernidade. Uma “modernidade” bastante enlouquecida em seus costumes e sem referências morais, embora, graças a Deus, o avô, como contava a tia Uca, não se deixou arrastar por aquele ambiente em que “o excesso convertera-se na regra habitual”.

Nas palavras da tia Uca, “não aprendeu o mal que se aprende nesses países, embora estivesse na flor dos anos e não fosse nenhum monge ou coisa desse estilo. Porém nunca foi, muito menos, um libertino, nem um viciado em nenhum sentido! Nem um imoral, ou um perdulário... nunca!”.

Esse período foi, para o avô, um tempo de estudo intenso, trabalho e responsabilidade. Mas me perdi, e já não lembro o que estava lhes dizendo... Ah, era a respeito do ambiente que o rodeava em 1926, quando terminou o externato e começou a preparar-se para o exame para entrar no “internato” nos hospitais de Paris, a “grande escola” da Medicina francesa.

Ser “*interno dos hospitais de Paris*” significava a glória, o sonho dourado, a mais alta aspiração de um estudante de Medicina daquele tempo. Todas as grandes figuras da Medicina francesa do século XIX haviam passado nesse concurso, que gozava de um imenso prestígio, dentro e fora do país.

O concurso funcionava com um sistema muito francês. Quando os alunos internos passavam no concurso, continuavam sendo estudantes, porém assumiam as responsabilidades dos médicos e convertiam-se, durante quatro anos, no que se chamava “médicos e cirurgiões residentes”; e ao terminar o curso, defendiam suas teses, orientadas por eminências científicas de sua especialidade.

O avô propôs-se a isso, embora soubesse que era um concurso difícilíssimo: havia poucas vagas – 70 no total – para centenas de candidatos, e ele deveria passar anos de estudo intenso, recluso entre as quatro paredes de seu apartamento.

Apresentou-se na primeira fase e... nada.

Voltou a trancar-se em casa para estudar.

Foram-se sucedendo as estações – lá não vivem sempre na primavera, como nós –: verão, outono, inverno... e o avô continuava na solidão de seu quarto, repassando uma e outra vez as matérias do exame, enquanto ouvia pela janela o burburinho da vida de Paris...

Deixemo-lo por um momento preparando seu concurso na Rue du Dragan e retornemos à Guatemala, à casa dos bisavós. Disse-lhes que a bisavó Clotilde era uma mulher de caráter, muito independente para os padrões da época. Hoje, vocês três podem estudar e praticar os mesmo esportes... embora eu duvide muito, Paola, que você acabe jogando futebol. Sabe o que o avô dizia de você? **Esta minha neta não anda, dança! Será bailarina.** É verdade, Paola: quando pequena você andava pelos corredores nas pontas dos pés, como se estivesse dando passos de ballet.

Voltei a perder-me... Ah, sim, dizia-lhes que agora vocês três têm as mesmas oportunidades, podem praticar os mesmos esportes, viajar para o exterior... Essa igualdade, no começo dos anos vinte, pelo menos na Guatemala, era impensável. A imensa maioria das mulheres vivia reclusa em seu lar, sem aspirações de nenhuma espécie, preteridas social e culturalmente. E, nisso, a bisavó Clotilde era uma exceção.

Além disso, estava inquieta por seu filho, que não via havia vários anos, e essa separação tornou-se-lhe insuportável.

Então, as distâncias pareciam imensas. Agora mesmo, se discarmos o prefixo do México, podemos conversar por telefone com a tia Clemen; mas na época a bisavó só podia comunicar-se com seu filho pelo correio, através de cartas que levavam semanas em ir e vir.

Até que um dia não aguentou mais e disse ao bisavô que deviam ir a Paris para vê-lo. O bisavô inquietou-se: sabia que, quando se decidia a algo, era muito difícil impedi-la.

– À França? Que loucura, Clotilde! Para que temos de ir à França?

– Para ver nosso filho! Parece-lhe pouco?

Discutiram e discutiram, até que o bisavô sentenciou:

– Veja bem! Se você for... irá sozinha!

– Pois então, vou sozinha!

– Como assim? Não vá!

– Vou sim! É meu filho, e quero vê-lo!

– Clotilde: se você for, não volte para esta casa!

A bisavó chegou a Paris sem saber nada de francês e esteve ali durante uma temporada, orientando-se a duras penas. Seu ponto de referência era uma venda que tinha uma

abóbora na porta, que iam vendendo em porções... até que venderam a abóbora inteira, e a bisavó se perdeu. Começou a dar voltas pelo Bairro Latino. Por sorte, encontrou um policial e mostrou-lhe o papel em que o avô havia escrito o endereço de sua casa...

Durante esse tempo, foram a Lourdes. Não sei o que aconteceu ali, exceto que aquela peregrinação foi muito importante para o avô, que até então não parecia especialmente interessado pela religião. Aquela temporada em Lourdes significou em sua alma um “antes” e um “depois”.

Não é que fosse um homem sem fé; cria em Deus; mas sua fé, naqueles momentos, não era algo decisivo em sua vida. Só pensava em estudar, em ser interno dos hospitais, em triunfar. Porém não tenho mais dados sobre esse ponto: já lhes disse que é só a minha impressão.

A bisavó regressou à Guatemala. Bateu à porta de casa, e o bisavô saiu para recebê-la.

– Aqui estou – disse-lhe.

– Como assim? Voltou para cá? – disse o bisavô, furioso.

– É claro que voltei para cá! É a minha casa!

Entrou com suas malas... e assim acabou a história.

Eram assim: com um caráter de fogo e um temperamento vulcânico. Cada vez que vejo os vulcões Água e Fogo, penso neles...

Voltemos a Paris, onde deixamos o avô preparando-se para seus concursos.

Apresentou-se pela segunda vez aos exames. Fez as três provas escritas, e foi selecionado! É fácil imaginar sua alegria...

Isso permitiu-lhe passar à terrível prova oral que durava... cinco minutos!

E por aí ficou.

Voltou a fechar-se pela terceira vez entre seus livros. Passaram os meses; e por fim, em 1927, na terceira oportunidade, compareceu ao exame, fez as três provas, selecionaram-no, superou a prova oral e obteve 56 pontos. Era interno! Finalmente!

... Embora, na realidade, fosse apenas “interno interino”, porque para obter o título necessitava de 56 pontos... e meio.

Meio ponto a mais ou a menos, o fato é que entrara nos Hospitais de Paris. Nessa época foi visitado por seu amigo Miguel Ángel Asturias, que lhe fez uma entrevista para *El Imparcial*, publicada na Guatemala pouco depois.

“O último triunfo de Ernesto Cofiño – escreveu Asturias – fez-me distraí-lo de suas ocupações com uma visita que lhe tinha prometido desde minha chegada a Paris, e que

ainda não havia podido fazer-lhe. Fui até seu pequeno apartamento da rua do Dragão, e depois de um longo abraço, disse-lhe:

“– Vim para conversarmos mil e quinhentas noites seguidas.

“– Com muito gosto, meu irmão, – respondeu-me, – mas sobre o que vamos conversar tanto tempo?...”

“– Sobre você...”

“– Sobre mim?”

“Sentamo-nos em um sofá azul escuro; e repeti que iríamos conversar sobre ele, o doutor Ernesto Cofiño, interno dos hospitais de Paris.

“-- Você se lembra...”

“– Nada de ‘você se lembra’, – interrompi-o: – as recordações interessam apenas a nós dois, e vim para entrevistá-lo; quero que o público da Guatemala – você se lembra da Guatemala? – saiba que você é o primeiro guatemalteco e, depois do doutor De Bayle, o primeiro centroamericano que alcança o prestigioso posto de interno.

“– ... Mas a que preço, meu irmão! Deixei os melhores anos de minha vida na preparação para o tão sonhado internato. Sempre acreditei que, se o título da Universidade de Paris é muito honroso, muito mais honrosa é a categoria do interno...”

“-- Que entre nossos compatriotas, de todos os que passaram e fizeram seus estudos em Paris, você é o primeiro a alcançar...”

“Entusiasma-me o seu triunfo, continuei, porque é uma afirmação rotunda das capacidades da juventude guatemalteca. Se queremos substituir os velhos, temos de ser mais aptos do que eles. Em que você está trabalhando agora?”

“– Tenho sob minha responsabilidade um serviço no hospital de crianças enfermas.”

O futuro prêmio Nobel apresentava o avô como um exemplo a ser seguido pelos jovens guatemaltecos. Não desejava que fosse considerado um ideal alcançável somente para “mentes privilegiadas”; e concluía em tom dolorido:

“Não gostaria que ao ler esta entrevista e comentá-la dissessem: é muito inteligente, porque bem sabemos que na Guatemala todas as pessoas medianas têm fama de inteligentes; gostaria de algo mais, de que o leitor dissesse: é um grande trabalhador, é uma grande vontade a serviço de um cérebro normal, já que temos de convir que Cofiño não chegou aonde se propôs simplesmente por sua inteligência, mas por sua vontade de trabalho e sacrifício, virtudes que fazem falta em países em que o charlatão deslumbra e o medíocre senta-se em cátedras de matérias que ignora ou que conhece apenas superficialmente”.

O avô havia colocado todo o seu empenho naquele concurso, sacrificando por esse ideal os melhores anos de sua vida, como disse a seu amigo Asturias. Anos depois, quando eu ficava nervoso com meus exames da Universidade, dizia-me que ele, já casado, ainda sofria pesadelos algumas noites e acordava, suando...

– O que está acontecendo, Ernesto? – perguntava a avó.

– **Sonhei que estava prestando o exame de novo...**

Começou a trabalhar no Hospital de Crianças Enfermas, na *Rue de Sèvres*, que funciona até hoje. Ainda se pode passear por sua grande avenida central, ladeada por duas fileiras de plátanos, entre dois pavilhões pintados de branco. Ali exerceu a Medicina junto às maiores figuras da Pediatria francesa.

Havia valido a pena tanto esforço. **Ser interno – dizia – é estar muito próximo do Chefe do Serviço, o Patrão, como o chamávamos, com uma perfeita mescla de carinho, respeito e agradecimento; era também sentir a emoção de ser responsável; passar visita, ser um “pequeno chefe”. Os internos ficavam encarregados dos plantões, faziam pesquisa junto com os grandes especialistas, estavam constantemente junto aos doentes... e tudo isso lhes proporcionava uma formação teórica e prática formidável.**

Durante esse mesmo ano, 1927, publicou um estudo sobre a peritonite com Jean Hutinel, Medalha de Ouro em Medicina e médico honorário daquele hospital desde 1921. Um ano depois, fez outro estudo com Mozer, sobre a vacina contra a difteria.

Colaborou com *os grandes*: com Pierre Nobecourt, Prêmio de Medicina em 1898 e Chefe de Clínica do hospital desde 1914; com Aviragnet; e com Pierre Lereboullet, Medalha de Ouro e professor associado de Patologia Interna. E trabalhou junto a Robert Debré, seu Chefe de Clínica, que se converteria, segundo os historiadores da Medicina, “no mais ilustre dos pediatras franceses do século XX, e um dos maiores médicos do mundo”.

Robert Debré era um personagem singular, oriundo de Sedan, na fronteira com a Bélgica. Um sujeito alto, de rosto angular, com barba espessa e nariz aquilino, que estava na plenitude de sua vida profissional. Era especialmente admirado por suas aulas de Bacteriologia na Faculdade, por seus cursos de Pediatria no hospital e por seus trabalhos de pesquisa.

Era um médico humanista, com uma formação universitária nada convencional. Ao terminar o Liceu, estudou Filosofia; foi discípulo de Charles Péguy e era amigo de intelectuais como Maritain e de poetas como Paul Valéry; porém dois anos após obter a licenciatura em Letras, decidiu, para o assombro geral, “trocar os livros pelos homens e o pensamento pela ação”, e começou a estudar Medicina.

Debré era um trabalhador infatigável; culto e tolerante; de uma vitalidade e de uma memória prodigiosa; tenaz, criativo e inovador; com uma profunda sensibilidade para os problemas dos mais necessitados. Quando o avô o conheceu, estava ligado ao Instituto Pasteur e dirigia importantes estudos no campo da Bacteriologia e da Anatomia Patológica. Estava situado na ponta de lança da pesquisa pediátrica, colocando em prática o conselho que dava a seus alunos:

“É preciso fazer um esforço desesperado – e a expressão não é exagerada – para estar atualizado em todos os ramos da medicina de crianças”.

O avô manteve com ele uma relação profissional muito intensa: foi quem orientou sua tese de doutorado, e foi seu *mestre* no sentido mais pleno da palavra.

Por sua vez, Debré manifestou sempre um grande afeto pelo avô, um afeto que costumava demonstrar, coisa incomum, porque, segundo contam, tinha um modo de ser reservado e distante.

Do ponto de vista espiritual, seguiram trajetórias distintas. Debré havia crescido em um clima familiar intensamente religioso: seu pai era grande rabino da comunidade israelita de Neuilly. Mas abandonou a fé de seus pais na adolescência. “E você, que religião tem?” – perguntou-lhe sua irmã aos quinze anos. “-- Eu sou pagão!” – respondeu-lhe.

O avô, pelo contrário, foi passando da aparente atonia espiritual de sua primeira juventude para uma progressiva aproximação a Deus. Sobre essa “atonia”, há diversas opiniões. Alguns garantem tê-lo ouvido dizer que, quando vivia em Paris, fiel aos ensinamentos da bisavó, assistia à Missa aos domingos; outros, que durante esse tempo não ia à Missa, porque estava muito centrado em seu trabalho, embora continuasse sendo um homem crente, de vida limpa e bom em seu comportamento.

Eu não sei o que pensar, porque não costumávamos falar do passado; mas tenho a sensação de que durante esses anos estava um pouco descuidado em sua vida espiritual. Segundo a tia Clarita, havia decidido permanecer em Paris, entre outras razões, porque se havia apaixonado por uma francesa.

Ficar em Paris? Isso não estava de acordo com os planos do bisavô, que continuava a escrever-lhe uma carta todas as semanas. O avô tentava responder-lhe com a mesma frequência, mas quando começou a trabalhar nos hospitais já não tinha tempo, e em uma ocasião enviou-lhe dez cartas de uma vez.

O bisavô respondeu-lhe no correio seguinte:

Querido filho,

Não se preocupe em escrever dez cartas de uma vez. Já percebi que todas têm o mesmo carimbo.

E decidiu trazê-lo de volta.

Dito e feito. Em 1929, embarcou com as tias Clarita e María em um vapor da Hamburg-American Lines, e foi a Paris.

Demoraram um mês para chegar em Amterdam. A tia Clarita recorda que na Europa fazia um tempo belíssimo, e que a paisagem holandesa encantou-os, com os moinhos de vento e os campos coalhados de tulipas.

De lá viajaram a Paris e hospedaram-se com o avô em um hotel, em frente à igreja de *Saint-Germain-des-Prés*. A tia Clarita tem gravada na memória a figura do avô, com trinta anos, passeando pelos bulevares do Bairro Latino, “alto, magro, elegante, com os olhos

claros e seu caráter alegre, muito alegre!... e algo genioso às vezes, embora pouco a pouco tenha ido se dulcificando”.

As tias estavam na flor da vida, e o avô tinha o desejo de levá-las à Ópera, para que conhecessem *le grand monde*. Como não podiam ir de qualquer maneira, compraram vestidos de festa. Depois, não sei o que aconteceu; o bisavô se aborreceu e disse: nada de Ópera!

– E que faremos agora com os vestidos? – queixavam-se as tias, chorosas.

– Depois os estrearão na Guatemala! – disse o bisavô. Talvez não quisesse que suas filhas se “apaixonassem” pela gente de Paris, como havia acontecido com seu filho Ernesto. Segundo a tia Clarita, o bisavô estava disposto a trazê-lo para cá de qualquer maneira, e explicou-lhe o plano que pensava seguir: primeiro iria com elas à Espanha; e depois de um mês, quando voltassem... já tinha de estar doutorado!

Imagino a resposta do avô. Como se uma tese pudesse ser feita e defendida em alguns meses!

E começaram seu *tour* europeu. Foram a Infiesto em busca de “suas raízes”, e depois o bisavô passeou com suas filhas pela Andaluzia. Levou-as a Sevilha, para que vissem a Exposição Universal que se celebrava aquele ano, e ao fim de um mês, como havia dito, regressaram a Paris.

– E então? Já recebeu o título? – perguntou-lhe o bisavô, assim que chegou.

O avô não se havia doutorado, naturalmente.

Então, o bisavô... decidiu permanecer um ano inteiro em Paris, aguardando até que o avô recebesse o título!

É assim que a tia Clarita conta essa história. Quanto à namorada francesa... não tenho ideia; talvez houvesse algo de novela no assunto – talvez não –, e certo gosto por imaginar romances onde não os havia, porque as tias eram então duas mocinhas jovens... Só lhes posso dizer que o avô afirmava que desde sempre quis casar-se com uma guatemalteca, e há poucas guatemaltecas em Paris...

Seja ou não verdade isso da namorada francesa, o que conta a tia Clarita retrata fielmente o caráter do avô, trabalhador e responsável; e o do bisavô, teimoso como poucos e completamente “à moda antiga”.

Muitas vezes, ao recordar a figura do bisavô, pensei que é um bom exemplo de como Deus se serve até mesmo de nossos defeitos e limitações para levar a cabo seus planos de salvação; porque, se não fosse por causa daquela teimosia e daquele gênio autoritário, duvido que o avô tivesse regressado tão depressa de Paris.

Por fim, o avô defendeu sua tese, orientada por Robert Debré, em 6 de novembro de 1929, com um tema de grande interesse científico: *A sensibilidade à tuberculina nas crianças vacinadas com BCG*. Demonstrou que a vacina administrada por via oral era capaz de positivar a reação tuberculínica. E não posso dizer-lhes muito mais, porque não sou médico.

Essa tese foi premiada com a Medalha de Prata da Faculdade de Medicina. Medalha de Prata! Era uma honra enorme!

Com a tese defendida, e de modo tão brilhante, no final de 1929 dispôs-se a abandonar Paris. A cidade havia dado naquele ano seu último adeus ao marechal Foch, o herói da Primeira Guerra, com grandes honras fúnebres. Puseram um grande catafalco sob o Arco do Triunfo, e organizou-se um grande desfile em sua honra. A comitiva entrou solenemente em Notre Dame ao toque de trombetas e à luz de archotes.

Parecia que a ameaça de guerra havia desaparecido para sempre...

Como escreveu o avô, **havia otimismo no ambiente, e esperança de que aquele vandalismo não voltaria a repetir-se. Foi só uma esperança...!**

Uma ilusão. Logo se descobriu, como dizia um escritor da época, que aquela cidade enlouquecida “levava anos dançando sobre um vulcão”.

E... chega por hoje. Já me alonguei muito. Outro dia continuaremos com esta história.

Com todo o carinho,

Papai.

Terceira carta: 1929 - 1933

15 de setembro de 1999

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Volto a pegar a caneta. Em 1929, fazem agora 70 anos, o avô retornou à Guatemala. Não sei em que mês: a tia Clarita só lembra que ela e a tia María “estavam usando uma boininha, à espanhola”. Deve ter sido em dezembro, porque o diploma do doutorado está datado de 8 de novembro.

Escreveu: **Foi chegando ao fim 1929; cheguei, após uma longa viagem de barco, depois de estar longe por onze anos. Reviveu meu amor pela família, pela terra, por nossos costumes... sem por isso deixar de sentir saudades de Paris.**

Essa saudade de Paris e da França acompanhou-o durante toda a sua vida. Nunca esqueceu aquele país com o qual contraiu **uma dívida de amor** – dizia – **que mantenho fresca, como o lírio-do-vale que floresce nas primaveras de Paris.**

Durante aqueles onze anos, a Cidade da Guatemala havia triplicado e rondava os 250 mil habitantes, embora conservasse muitas antigas tradições. A “vida da sociedade”, por exemplo, continuava girando ao redor dos salões, onde se celebravam longos serões nos quais se cantava ao som do piano ou do acordeão.

A cidade havia-se recuperado do terremoto; reedificaram-se as torres da catedral; porém – escreveu o avô, com tristeza –, durante aquele período **houve apenas um impulso, um desenvolvimento aparente, desde que eu a deixei.**

Seus amigos puseram-no a par das coisas. Já não se celebravam as Minerválias, como na época de Estrada, embora permanecesse o gosto pelos desfiles, que ainda perdura até hoje. O presidente era Lázaro Chacón, um militar do Oriente⁷, e o clima político continuava instável. Em janeiro daquele ano havia estourado uma revolta, sufocada havia poucas semanas, que mantivera o país sob lei marcial até março.

Alguns, ao vê-lo de novo, estranharam. Para que voltava? Em Paris já estava bem posicionado, e aqui... O índice de analfabetismo era muito alto; faltavam escolas e livros; os poucos professores que havia estavam mal preparados e pior remunerados.

E quanto à Universidade, que dizer! Era melhor que se esquecesse da Sorbonne! Não havia especialistas em Radiologia; o Hospital Geral não possuía um pavilhão para isolar os infecciosos...

Apesar de sua grande preparação científica, o começo de sua vida profissional na Guatemala não foi nenhum mar de rosas; porque, na França, podia ser o que fosse, mas aqui era um “joão-ninguém”.

... Um “joão-ninguém” que aos 31 anos desejava a independência econômica. Que fazer?

– Ernesto – disse-lhe seu irmão mais velho, o tio Chepe – alugue uma clínica em um bom lugar e eu o ajudarei. Você me pagará quando puder!

Montou um consultório, em que colocou, esperançoso, uma placa de metal na porta: Ernesto Cofiño. Médico. Abotoou seu longo avental branco – um daqueles aventais antigos, que chegavam quase até o chão –, e preparou-se para atender os pacientes.

Mas os pacientes não chegavam. Ao saber disso, o tio Chepe começou a telefonar a seus amigos:

– Fulano, faça-me um favor: vá ao consultório do meu irmão e peça-lhe que o examine.

– Mas estou perfeitamente bem de saúde!

– Não importa! Que ele o examine por alguma coisa qualquer! Vamos, tome estes *quetzales*, e pague a consulta com eles. E nem pense em dizer que está indo de minha parte!

E assim, com a ajuda do tio Chepe e trabalhando duro, conseguiu um certo prestígio. Cobrava 25 centavos por consulta e fazia visitas em domicílio, tratando qualquer doença, não só de crianças.

Na Guatemala não existia a especialidade de Pediatria. Considerava-se a criança como um adulto em miniatura, e alguns colegas da “velha escola” receberam-no mal. “O que pode ensinar *a mim* esse juvenzinho – diziam –; a mim, que levo décadas exercendo a

⁷ Região administrativa no sudeste da Guatemala. (N do T)

Medicina?"; A pediatria guatemalteca estava ancorada ao começo do século... e ele vinha de um dos hospitais mais avançados do mundo!

Foi abrindo caminho pouco a pouco, entre mil dificuldades. Não são nada fáceis os primeiros passos na profissão! Conta Manuel Tilve que alguns colocaram-lhe obstáculos quando quis obter o registro profissional. Teve que prestar um novo exame em 28 de fevereiro para poder exercer. Em 4 de março de 1930, concederam-lhe o registro por unanimidade de votos.

Começou a trabalhar em 1931, como sócio ativo, com a Sociedade Protetora da Criança, uma entidade privada criada por vários médicos para a atenção às crianças pobres. Essa associação construíra em 1928 uma enfermaria com doze leitos, que chamavam de "o Hospitalzinho".

Em 1932, nomearam-no Chefe de Clínica do Serviço de Medicina de Crianças do Hospital de São João de Deus, e, segundo consta em seu currículo, continuou publicando trabalhos de pesquisa sobre as doenças infantis, a desnutrição e a tuberculose.

Enquanto isso, a situação política complicara-se. O general Chacón sofrera um derrame cerebral em 10 de dezembro de 1930, e dois dias depois o Conselho de Ministros designou Baudilio Palma como presidente interino.

Aproveitando a situação, vários grupos políticos tentaram derrubar o regime; houve lutas sangrentas na capital, nas quais morreu Mauro de León, o vice-presidente; e Palma teve de refugiar-se na Legação da Alemanha.

Em 17 de dezembro de 1930, sucedeu-o como presidente provisório o general Orellana. Depois deste veio Reina Andrade, que convocou eleições, pelas quais subiu ao poder outro general, Jorge Ubico, que em um de seus primeiros decretos anulou a limitada autonomia que a Universidade havia conseguido, "para evitar a propagação de ideias subversivas". Esta medida reflete seus princípios políticos.

Entretanto, falaremos de Ubico mais tarde. Falemos agora de outro tema, já que a vida não se reduz a trabalho e política.

O avô era um rapaz de trinta anos, de boa posição social e de bom aspecto: *um bom partido*, como se dizia antigamente. Era jovem, simpático, trabalhador, e com um futuro promissor. Desejava casar-se, mas faltava-lhe tempo, porque andava sempre ocupado com seus doentes...

Até que um dia, em dezembro de 1930, quando conversava em uma farmácia com amigo seu, Rafael Barnoya – solteiro como ele –, viu passar pela sexta avenida uma mocinha de vinte anos, alta, com cabelos negros e olhos muito lindos.

– Olá, Clemencia! – disse Rafael.

– Olá, Rafael! – disse ela, com certa timidez, passando ao largo.

O avô ficou olhando para ela. Era tão formal, tão seriazinha...

– **Quem é?**

– Não a conhece? Clemencia Samayoa!

Antes, em determinados ambientes todos se conheciam. A tia Uca conta que pelo sobrenome era-se imediatamente reconhecido: “Ah, fulaninho! É filho de tal e primo de qual”. Seu amigo Rafael contou-lhe que Clemencia era uma jovem professora de Quetzaltenango; que sua irmã chamava-se Uca; e que... mas será melhor que lhes transcreva o que escreveu a tia Uca sobre aquele encontro.

“-- **Que moça bonita!** – Exclamou Ernesto ao vê-la –. (E era verdade, pois Clemencia era uma moça preciosa: pequenina – menor que eu, que era quatro anos mais nova do que ela –, e tinha olhos lindos, de um olhar profundo e sereno).

“-- **Olhe, Rafael** – disse-lhe –, **de todas as moças que passaram, é a primeira que não vai flertando... Você não poderia me apresentar a ela?**

“-- Com muito gosto – disse-lhe Rafael – mas não vou dizer a ela que venha aqui para vê-lo! Teremos que procurar uma oportunidade. Porém... por que você ficou tão interessado de repente?

“-- **Porque tenho um pressentimento, Rafael... Tenho o pressentimento de que é com essa moça que vou me casar!**

“Era perto do Ano Novo, e era costume então celebrar a passagem de ano no Clube Alemão, com um baile de gala.

“-- Muito bem. Se você quiser – disse-lhe Rafael, assombrado – vamos ao baile do Clube Alemão, e se ela for, pois quase sempre vai, apresento-a...”.

E foram ao baile do Clube Alemão, que ficava na esquina da rua 11 e da quinta avenida da zona 1, e era muito conhecido pelas noites de música de câmara que organizava. contando a tia Uca:

“-- Lá está! Está vendo? – disse Rafael a Ernesto logo que nos viu. – Veio! Não lhe disse?

“Era um baile de outra época. A música de que gostávamos era muito cadenciosa e agradável, sem esses pulos e gritos de agora. Tudo se fazia segundo as regras da etiqueta: com sossego, sem pressa... Persistiam alguns costumes de sabor europeu: o que ainda nos restava da Espanha... Por exemplo, a etiqueta mandava que os convidados fossem trocando de par a cada dança.

“Ao terminar uma música, Rafael aproximou-se de nós e disse: – Clemencia, quero apresentar-lhe meu amigo Ernesto, que acaba de chegar da França, onde se formou médico na Sorbonne.

“É como se o estivesse vendo: alto, bonito, magro, elegante, com seu colarinho duro de um branco imaculado, que se destacava sobre uma gravata escura, com aquele sorriso e aquele *savoir faire* tão especial...”

“-- Concede-me esta dança? – perguntou Ernesto. Clemencia assentiu como sempre: simples, um pouco distante. Eu acabava de fazer dezesseis anos, e seguia atentamente a cena.

“Começaram a dançar. Era um grande contraste. Ela era uma mocinha de vinte anos, quase adolescente, e ele, um homem maduro que havia passado dos trinta. Ela era uma tímida professorinha de Quetzaltenango, e ele, uma futura promessa da Medicina, Medalha de Prata dos hospitais de Paris! Ela não conhecia quase nada, e ele era um homem do mundo, algo que se notava em tudo: no modo de apresentar-se, de falar, de sorrir...

“Ao terminar, Ernesto perguntou-lhe se lhe concederia a dança seguinte. E dançaram a seguinte, e a seguinte, e a seguinte, alternadas: uma sim, uma não. E sempre, no último compasso, Ernesto dizia-lhe:

“-- Vou esperá-la aqui, neste lugar. Por favor, conceda-me a seguinte...

“E aguardava sem mover-se do lugar, como um estudante. Um estudante dos de então, naturalmente! Naquela noite, falaram de mil coisas: ela, do colégio Minerva, onde havia estudado; e ele, da Sorbonne e das grandes cidades que havia conhecido...

“Ela ficou deslumbrada; e é compreensível: tinham onze anos de diferença (ele era de 1899 e ela de 1910), e era quase uma menininha.

“Tão menina era que à meia noite, e não mais, tínhamos de estar em casa. Ele pediu para dançar outra vez, mas Clemencia, olhando o relógio, disse-lhe muito séria:

“-- Já vou despedir-me. Muito boa noite.

“-- Por favor, Clemencia, não vá ainda, espere.

“-- Sinto muito, mas esperam-nos em casa antes das doze.

“-- Muito bem. E onde poderei vê-la outra vez?

“Era todo aquele conto romântico de que, embora você desejasse voltar a vê-lo, tinha de responder com certo desdém, como se não se importasse... Estávamos nos anos 30, e parece-me uma cena de uma novela romântica do século XIX. Mas nossa geração, na Guatemala, foi educada assim. Que tempos! Parecíamos gente de outra época; talvez o fôssemos, porque vivíamos em um mundo tão diferente do de agora!

“Ela não podia dizer-lhe que não, porque havia ficado maravilhada – acredito que se apaixonaram naquele baile –; mas também não podia dizer-lhe que sim, porque o jogo consistia em fazer-se de rogada, em fazer esperar... Assim, respondeu:

“Ver-nos-emos em qualquer lugar: encontramos-nos por acaso, e por acaso voltaremos a encontrar-nos...

“E ao fim de três dias – sei tudo isso porque ela me contou, e eu seguia, além disso, de olhos atentos –, à saída do colégio, às quatro da tarde, Ernesto esperava-a em uma esquina, como se fosse um colegial de quinze anos. Acompanhou-a até sua casa, e ao chegar perguntou:

“-- Amanhã posso trazê-la para casa?”

“-- Pois... – respondeu Clemencia, um pouco indecisa –, está bem.

“E passou a acompanhá-la, um dia e outro, até a porta de casa – sem entrar, naturalmente – até que um dia coincidiu com papai na rua. ‘Doutor Cofiño! O que o traz por aqui?’. E papai, logicamente, convidou-o a entrar em casa. Clemencia estava envergonhadíssima.

“Chamaram mamãe – não a mim, com meus dezesseis anos eu não participava da visita –, e a partir de então Ernesto começou a frequentar a casa, e começaram os passeios naquele Packard tão bonito que ele tinha – agora já não existe essa marca, era um automóvel que um de seus irmãos lhe havia presenteado.

“Foi seu primeiro amor... o dela, naturalmente! O de Ernesto, é claro que não...”

O que queria dizer a tia Uca com essa frase: “*de Ernesto, é claro que não*”? Pois... não sei. Sobre isso, nunca falei com o avô. Só me comentou uma vez, de passagem, quando eu era namorado da mamãe, que a época mais linda de uma mulher é o namoro.

Eram muito diferentes entre si, embora em certos aspectos se parecessem muito. Tinham um perfil muito “moderno” para seu tempo: audazes, empreendedores, sem preconceitos, tolerantes, cultos... A avó havia sido uma aluna de destaque no Colégio Minerva de Quetzaltenango, onde estudavam as filhas das “melhores famílias” da cidade.

Já lhes disse que naquela época era raro que uma mulher estudasse. Muitos pensavam que se soubessem cuidar de seu lar e tocar piano, já tinham o bastante. “Mas Clemencia era diferente – conta a tia Uca – e sempre teve desejo de aprender, de superar-se, de ser útil... Foi das poucas alunas entre suas colegas, se não a única, que recebeu título de professora”.

O avô queria casar-se logo: com dois meses, “porque sempre foi muito impaciente”, diz a tia Uca.

Um pouco impaciente devia ser, mesmo; mas não irrefletido; gostava de dar a cada coisa o seu tempo. Maravilhava-me que nos anos oitenta continuasse usando uma Remington Portátil, a mesma máquina de escrever com que havia escrito sua tese cinquenta anos antes; e que além de conservá-la em perfeito estado, a cada vez que terminava um trabalho a guardasse em seu estojo com calma e com cuidado. E assim, todas as coisas.

Penso que queria casar-se logo não por impaciência, mas porque estava convencido de que havia encontrado a mulher de sua vida: uma jovem belíssima, pura em seus costumes, educada, doce, inteligente.

Porém teve que esperar, porque em 11 de novembro de 1932 morreu a bisavó Clotilde, aos 66 anos, depois de uma longa doença.

A bisavó havia pedido que colocassem seu corpo no chão quando falecesse, como manifestação de humildade: não queria nenhuma honra funerária. Isso explica que quando

minha mãe chegou à casa para dar os pêsames, ao ver a bisavó assim, como ignorava a causa, repreendesse o avô, porque aquilo lhe parecia uma falta de amor...

Enterraram-na no Cemitério Geral. Cada vez que vou rezar diante de sua tumba, peço-lhe que interceda por nós, porque a bisavó Clotilde foi, com sua fé e fortaleza, o fundamento cristão do avô e de toda a nossa família.

Continuemos com a nossa história. Deixamos os avós a ponto de casar-se. Como mandava a tradição, o avô foi “montando a casa para a noiva”, ajudado por seus irmãos. E enquanto estava nisso, a avó adoeceu de febre paratifoide, uma doença mortal naquele tempo.

Imaginem sua dor e confusão. “Primeiro minha mãe – deve ter pensado – e agora, minha noiva”. Colocou os meios a seu alcance. Recorreu aos maiores especialistas. Rezou...

Aquelas desgraças purificaram sua alma, e o amor de Cristo foi se apoderando de seu coração, cada vez mais próximo à Cruz.

A avó curou-se, e por fim, após uma longa convalescença, em 21 de maio de 1933 os avós se casaram na capela do Hospício Nacional. Era “um dia de muitíssimo calor – recorda a tia Uca –. Ela estava belíssima em seu vestido rendado; e ele, a seu lado, pareceu-me, mais do que nunca, um grande senhor”.

Logo depois de casados, viveram na esquina da rua 13 com a 2ª Avenida da Zona 1, em uma casa muito bem iluminada com dois andares, com um pátio repleto de jasmims, gerânios e azaléas, como recorda a tia Uca.

Nessa casa, que ficava muito perto da Faculdade de Medicina, estreamos muitos destes móveis: esta escrivaninha onde escrevo; as poltronas de leões da sala de estar; a estante de livros; os móveis de estilo Luís XV da entrada; toda a sala de jantar; o relógio de pêndulo, que foi presente de casamento do bisavô...

Ali o avô instalou seu consultório particular. A prima Mercedes conta que tinha as paredes do consultório decoradas com fotografias das crianças que atendia. Os pais as enviavam, agradecidos.

Os avós foram muito felizes em seu casamento, e desde o princípio se completaram de forma estupenda.

“Ele tinha muito bom caráter – escreve a tia Uca –: era simpático, alegre, empreendedor. Era um homem bom, mas educado à moda antiga. Na época o homem era o rei e senhor da casa, e fazia-se tudo o que ele dizia; e o que dizia era sempre a última palavra...”

“No entanto, não houve problemas entre eles, porque a amava muito, e procurou mantê-la em seu ambiente de sempre, muito protegida, muito mimada pela sorte.

“É curioso: algumas vezes as personalidades distintas se chocam; outras, complementam-se: foi isso o que aconteceu. Ela foi suavizando-lhe as arestas, e polindo

pouco a pouco seus defeitos. Porque era dominador: estava acostumado a mandar sem que ninguém o contestasse, e ela o foi dulcificando, com uma frase, com um olhar.

“E assim, pouco a pouco, Ernesto foi mudando... e Clemencia também, porque amadureceu e tornou-se mulher a seu lado. No princípio, talvez, ela a tratasse um pouco como uma filha, com certo sentimento paternal e protetor, e esmerou-se em cuidá-la, em protegê-la, porque ela era a pura inocência, e ele... ele vinha bem “educadinho” por sua longa temporada na Europa, em Paris, onde havia vivido uma vida sóbria e decente, sim, mas livre como um pássaro!

“Naquele tempo de recém casados, encantava-lhe a vida social: ir dançar e participar em saraus e reuniões, conversar, tomar um traguinho, mas nada mais; e sempre junto com Clemencia.

“Assim, os dois foram mudando: ele foi se adaptando a ela, e ela a ele. Isso é o casamento: ir cedendo, ir aprendendo a amar o outro tal como é, e não como nós desejaríamos que fosse, ir ajudando-o em tudo o que for bom.

“E os dois tinham muitas coisas boas para compartilhar: Clemencia era muito virtuosa, possuía um coração grande e generoso: sabia perdoar, sabia esquecer; e isso é muito importante no casamento. Soube apoiar Ernesto em tudo... Que teria sido de Ernesto, se em vez de encontrar uma mulher que foi capaz de graduar-se como Assistente Social para ajudá-lo melhor, tivesse encontrado uma frívola que só pensasse em seus caprichos; ou com uma mulher suscetível, ou...?

“Dizem que o amor não consiste em olhar nos olhos um do outro, mas em que os dois saibam olhar na mesma direção. Foi isso que fez Clemencia: aprendeu a olhar para onde ele olhava, e amou-o amando aquilo que ele amava.

“Essa personalidade dominadora de Ernesto tinha um outro lado da moeda: seu grande espírito de superação. E este contagiou a Clemencia. Ela viu como no princípio Ernesto não se expressava muito bem; mas aprendeu a falar em público e converteu-se, com o passar do tempo, em um grande orador: era uma delícia escutar seus discursos.

“Viu que dominava o francês, e que nunca perdeu seu amor pela França, mas como precisava falar inglês, propôs-se a aprendê-lo, e aprendeu, embora não tivesse um minuto livre. Depois do almoço, com o cansaço de toda uma manhã de trabalho no hospital, o professor vinha a sua casa. Lembro-me de vê-lo repetir uma frase depois da outra, dia após dia, morto de fadiga e de sono, até que dominou o idioma.

“E ela seguiu seus passos. Casada e com filhos, estudou, especializou-se, acompanhou-o a congressos. E fez tudo isso por amor: para estar a seu lado, para ajudá-lo melhor.

“Quando se casou, era um pouco ciumento. É natural. Mas depois deixava que Clemencia viajasse sozinha ou com uma amiga, com total confiança. Nunca tiveram problemas.

“Ela procurava ajudar a todas as pessoas necessitadas com que se encontrava. Ele estava mais preocupado em deixar um bom patrimônio a sua família, para que não tivessem problemas econômicos no dia de amanhã. Pensava que ia morrer antes dela, e economizava tudo o que podia. Por isso, não era muito generoso.

“Mas foi mudando. Por ela.”

Foram nascendo os tios: o tio José Ernesto, em 28 de maio de 1934; a tia Clemen, em dezembro de 1937; a tia Sofia, em 1943; e o tio Roberto, em 21 de setembro de 1947. Conta a tia Uca que o avô deu a seus filhos a mesma educação que havia recebido, exigente e autoritária, sem dar-se conta de que os tempos haviam mudado. Não era falta de carinho, mas um conceito defasado de educação.

“Nisso, a meu ver, equivocou-se – opina a tia Uca –: pensou que seus filhos seguiriam seus passos, com a mesma dedicação que sua esposa; pensou que era o bastante tudo aquilo que fazia por eles: matar-se trabalhando para dar-lhes um bom colégio, uma boa posição social, um bom futuro...; e não se deu conta de que, mais do que aquilo que pudesse dar-lhes, o que necessitavam era de estar com ele.

“É um erro muito comum de então e de agora: deixar por conta da mulher a educação dos filhos. E os filhos, em certas idades, precisam estar com o pai, e contar-lhe seus problemas. Especialmente durante a adolescência: é preciso chegar a tempo... e ele não chegou”.

Compreendo a tia Uca: os pais tendemos a pensar que nunca fazemos o bastante pelos filhos. Quando surge algum problema, dizemos: “é culpa minha, não cheguei a tempo”. E às vezes esquecemos que nossos filhos são também filhos de sua época, de seu colégio, de seus amigos, de seu caráter (ou de seu mau caráter), de suas virtudes e de seus defeitos.

Eu ainda não havia nascido, e só posso dizer-lhes que meus irmãos recordam-no como um homem atarefado, mas sempre pendente deles. O tio Roberto conta que “o tempo que passava conosco era suficiente, porque sua presença estava sempre ali”.

A tia Clemen recorda aqueles fins de semana em San Juan, onde os ensinava a jogar *croquet* e a montar a cavalo. “Às vezes, metíamos-nos na cama onde estava deitado – escreve – e ele começava a brincar conosco. Dizia-nos que éramos traças que estavam comendo um pedaço de madeira”.

Muito bem. Já temos o avô casado e pai de família numerosa. E agora... agora não tenho outro remédio senão despedir-me de vocês, porque esta carta já está comprida demais.

Ficamos por aqui, no começo dos anos 30.

Com todo o carinho,

Papai.

Quarta carta: 1933 - 1946

Novembro de 1999

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Tínhamos parado no começo dos anos 30, durante o governo de Ubico, um governante autoritário, muito polêmico, que fez muitas obras públicas. Escreve Luján que “não pensou em fazer hospitais, escolas, etc., mas sim na construção do Palácio da Polícia Nacional, o Palácio dos Correios, a Aduana Central, o Terminal Aéreo de La Aurora e, sobretudo, o Palácio Nacional, sua obra mais ambiciosa e ribombante, inaugurado em novembro de 1943”.

O presidente supervisionava pessoalmente cada projeto. Dispunha de abundante mão de obra, em certa medida gratuita, porque muitos pedreiros eram os bêbados que caíam nas fiscalizações que se faziam nos bares aos fins de semana, e que pagavam a multa mediante dias de trabalho.

Seu governo teve muitas luzes e sombras. Seu decreto mais conhecido é o nº 1995, com o qual libertou os indígenas de uma situação semelhante à escravidão. Até então, os “moços colonos” viviam submetidos a seus patrões por meio de dívidas desproporcionais, que nunca podiam pagar. Era o que se chamava “peonagem por dívida”.

Com esse decreto, declararam-se todas definitivamente salgadas. Compreende-se que os indígenas o chamassem de “Tata Presidente” quando passava pelos povoados supervisionando estradas, resolvendo disputas de terras e assumindo muitas funções, nobres em si mesmas, mas que não lhe correspondiam em absoluto.

Ubico proibiu os sindicatos e organizações operárias, e estabeleceu a “lei viária”, que obrigava os homens de 18 a 50 anos a pagar dois *quetzales* por ano para a manutenção e construção das estradas. Com essa lei, garantia mais uma vez a mão de obra, porque os indígenas que não podiam pagar comutavam sua dívida por dias de trabalho.

Enquanto isso, o avô ia melhorando progressivamente no campo espiritual. Preocupou-se, por exemplo, de que os tios recebessem formação cristã, e levou-os a colégios dirigidos por religiosos. Era fruto dos ensinamentos da bisavó Clotilde e do bom exemplo de minha mãe.

Eu não era uma pessoa má – dizia-me anos depois –, mas meu trato com Deus reduzia-se nessa época a uma religião social, de casamentos e funerais.

Os avós costumavam ir aos domingos à Missa do meio-dia na Catedral, e contam que o avô levava doces no bolso para as numerosas crianças das famílias que ia cumprimentando, porque quem não conhecia o doutor Cofiño na Guatemala daqueles anos?

A propósito, disseram-me que em um 28 de dezembro o tio Leonardo – o marido da tia Uca – pregou-lhe uma boa peça. Tinha-o visto pela manhã na Missa recolhendo as esmolas, e no meio do dia telefonou-lhe, disfarçando a voz:

– Doutor Cofiño? Estou ligando da parte do Senhor Arcebispo, com toda a pena e confidencialidade do mundo, mas é preciso que o senhor vá vê-lo imediatamente, porque as contas das esmolas não estão certas.

O avô, depois de uma primeira reação de assombro, disse com força:

– Como assim? Nunca tomei nada que não fosse meu! Vou esclarecê-lo imediatamente!

E então escutou pelo telefone as gargalhadas do tio Leonardo...

Durante essa época conheceu Piedad García – uma mulher excepcional, de quem lhes falarei depois em outra carta –, que o apresentou ao pároco da igreja de São Sebastião, um sacerdote jovem que teria uma influência decisiva em sua vida: o padre Mariano Rossell.

O padre Rossell – que me deu a Primeira Comunhão – era cinco anos mais velho que o avô; havia nascido em Esquipulas em 1894, e ordenara-se sacerdote em 1918. Era um homem alto e magro, de olhos penetrantes, com muito zelo, que acompanhou no desterro o Arcebispo Muñoz y Capurón, quando este foi expulso da Guatemala em 1922.

Depois de algum tempo, o arcebispo pediu-lhe que regressasse ao país, coisa nada simples, porque o governo havia dado ordens estritas de impedir-lhe a entrada. O padre Rossell armou-se de coragem, viajou até o México e entrou por Ayutlán de trem, com tanto azar que o trem descarrilhou logo depois de atravessar a fronteira. Então, sem medo de que o descobrissem, atendeu os feridos.

Conseguiu escapar; porém as autoridades descobriram que havia voltado, e começaram a procurá-lo por toda parte. Encontraram-no em Esquipulas, e levaram-no de lá, a pé, até a prisão de Chiquimula.

Anos depois, já livre, veio à Cidade da Guatemala, e esteve em várias paróquias. Foi então que assumiu o cuidado de um pequeno órfão, Mario Casariego, que havia trabalhado como engraxate.

O padre Rossell e o avô simpatizaram imediatamente, e além de seu pároco, converteu-se em seu paciente e em um de seus melhores amigos. E foi ele quem... mas não adiantemos os acontecimentos.

E já estamos em 1934, ano em que nomearam o avô como Diretor Médico da Sociedade Protetora da Criança, e do “Hospitalzinho”. Dois anos depois, em 25 de junho de 1936, assumiu a cátedra de Pediatria, e um mês depois, como se lê em seu currículo, assumiu a cátedra de Puericultura. Foi o primeiro catedrático de Pediatria da Guatemala, e todos o conhecem como o Pai da Pediatria guatemalteca.

Enquanto isso, no período compreendido entre 1934 e 1938, o presidente Cárdenas levou a cabo a expropriação das companhias petrolíferas estrangeiras que operavam no México; a Espanha se digladiava em uma guerra civil; o Reich alemão anexava países inteiros; os japoneses declaravam guerra à China...

Essa crise internacional teve suas consequências no país. O governo vigiava de perto os professores, advogados e médicos, e os intelectuais em geral, que considerava possíveis “focos de subversão”, e “correntes de transmissão de ideias do exterior”.

O avô, que havia sofrido o regime de Estrada e que tinha sido educado no marco de liberdades de Paris, não podia sentir-se cômodo naquele sistema político repressivo, que acabou militarizando em 1939 todas as escolas secundárias. Densas redes de espionagem voltaram a controlar o telégrafo e a correspondência dos guatemaltecos.

Agiu com prudência, conforme as circunstâncias, porém sem servilismos de nenhuma espécie, procurando levar para a frente as iniciativas privadas que o regime lhe permitiu, embora repudiasse seus métodos autoritários.

Não se inclinou por nenhum regime ou partido político. E não por desinteresse pelas questões sociais: ao contrário. Sua atitude, profundamente social, obedecia a uma razão importante: considerava que, em uma sociedade tão cheia de conflitos e radicalizada como aquela, devia estar sempre, como médico, com os braços abertos a todos.

Em 10 de janeiro de 1939, ganhou por concurso o cargo de Chefe de Serviço do Hospital de São João de Deus. Sua chegada produziu certa comoção, porque naquele hospital havia chefes de serviço que chegavam às onze da manhã e punham-se a passear... O avô chegava às seis e meia em ponto e exigia que o pessoal cumprisse o horário estabelecido. Uma grande mudança! Conta um colega seu que aquelas medidas foram “dramáticas” para mais de um.

Como escreve Gustavo González, “exigia atenção total ao que se estava fazendo em cada momento; a seriedade e a responsabilidade de quem não quer brincar com uma vida humana. Não importava que se tratasse de uma menina moribunda trazida de San Juan Chamelco ou de San Luis las Carretas⁸, ou de um menino da capital com sobrenome importante. Exigia que se desse a todos a atenção devida na administração dos medicamentos certos, na dose e no momento preciso; a alimentação prescrita e a observação para seguir o curso da doença”.

Pouco tempo depois, em 26 de novembro de 1939, seu grande amigo Mariano Rossell foi ordenado bispo da Cidade da Guatemala. Para o avô foi uma profunda alegria, e continuou ajudando-lhe em seus projetos.

Sobre o período seguinte, a década de 40, tenho poucos dados, especialmente dos anos 1940 a 1946. Foi uma época em que o mundo inteiro deu uma guinada dramática. Deflagrou-se a Segunda Guerra Mundial, pressentida e anunciada por muitos. O avô trabalhava então como Diretor Médico da Sociedade Protetora da Criança, e era um médico reconhecido na sociedade guatemalteca, com uma influência crescente nos ambientes universitários.

⁸ Pequenas cidades do interior da Guatemala. (N do T)

Propôs-se a dar uma resposta aos problemas sanitários, que estavam ligados a profundas deficiências culturais. A maioria das mulheres indígenas eram analfabetas, e nas escolas utilizava-se um método de ensino baseado na memorização, inapropriado à sua mentalidade, acostumada a “aprender fazendo”. (Agora estão chegando ao outro extremo: fazem-nas aprender muito poucas coisas de memória, quando é necessário que esta seja exercitada, porque é um instrumento importantíssimo). Mas vamos continuar com nossa história.

O índice de mortalidade, tanto geral como infantil, era muito alto. Persistia o velho problema da distribuição da terra. A produção nacional seguia concentrada na banana e no café, com uma forte dependência do capital estrangeiro.

Isso colocou o regime em uma situação paradoxal quando se desencadeou a II Guerra Mundial, porque o Presidente simpatizava com a ideologia do governo alemão, que era um dos principais exportadores do nosso café; e os produtores de café alemães constituíam um dos grupos mais poderosos do país. Por outro lado, Ubico estava comprometido com os interesses econômicos dos Estados Unidos.

No final, esses interesses impuseram-se, e o governo da Guatemala foi um dos primeiros a apoiar os EUA depois do ataque japonês a Pearl Harbor. Em 8 de dezembro de 1941, declarou guerra ao Japão, e em 11 de dezembro, à Itália e à Alemanha.

O avô, homem pacífico, sofria ao pensar na velha Europa, que conhecia de novo os desastres da guerra. Hitler passeava pelos Campos Elíseos e as tropas alemãs ocupavam Paris.

Que teria sido de seu mestre Robert Debré, tão patriota, e de seus colegas de hospital?

O ano de 1942 veio carregado de alegrias e tristezas. Em 6 de agosto houve um tremor de terra que afetou o Hospital de Crianças. Um sacerdote apóstata denegria publicamente Mons. Rossell, e a imprensa anticatólica aproveitou a ocasião para atacar a Igreja.

Porém não houve só desventuras. Em 5 de setembro começou um dos projetos que lhe foram mais caros em sua vida: a Colônia Infantil de San Juan Sacatepéquez, patrocinada pelo Lions Club, onde trabalhou durante quatorze anos.

Em 1944 residiu nos Estados Unidos durante o ano letivo, a convite do Departamento de Estado, para conhecer os últimos avanços mundiais na proteção da infância. Não tenho outros dados sobre esta viagem exceto sua participação no Congresso Internacional de Pediatria em Nova York e sua permanência em três universidades de prestígio, nas quais trabalhou junto aos “números um” de sua especialidade.

Esteve na Duke University, como assistente estrangeiro, com o professor W. Davidson; na Minneapolis University, com o professor Irving Mc’Querie; e na famosa Clínica Mayo, com o professor Helmholtz.

Retornou em 1945. O doutor de la Riva, que era então um jovem clínico, contava que quando alguns médicos residentes souberam, pediram para ser mudados de Serviço, porque “o doutor Cofiño – diziam – era muito rígido”.

Não lhes faltava razão: o avô não tolerava a falta de pontualidade, nem a mediocridade, nem a apatia, nem as coisas terminadas de qualquer maneira. Não era um perfeccionista: tratava apenas de realizar seu trabalho o melhor possível. Exigia muito de si mesmo, e exigia muito de seus colaboradores.

Nisto, como em tantas outras coisas, seguia os passos de seu mestre Debré: estudava com rigor cada história clínica; consultava os especialistas correspondentes; examinava as crianças com vagar. De la Riva recorda-o como um Diretor médico “muito sensível e sempre disposto a ajudar aos demais. A seu lado respirava-se ciência ao estilo francês”.

Não sei o que de la Riva quer dizer com “ciência ao estilo francês”, mas vejam: eu sou professor universitário, e asseguro-lhes que não é fácil fazer o que ele fez: começar do zero em seu campo profissional e acabar transformando toda uma mentalidade; criar uma escola; formar discípulos; dirigir várias linhas de pesquisa; estar a par das publicações e avanços mais modernos; e dar a seus alunos um ensino atualizado e prático.

Atingiu esses objetivos graças a seu preparo científico, a sua inteligência e laboriosidade; e foi grandemente ajudado por sua natural simpatia, seu dom de lidar com as pessoas e seus excepcionais dotes organizativos.

Enquanto o avô estava nos EUA, em 21 de junho de 1944 ocorreu na Guatemala uma grande revolta estudantil contra o governo, que detinha o poder havia treze anos.

No dia seguinte, um grupo de cidadãos fez chegar ao Presidente o famoso *Memorial dos 311*, em que solicitavam “o restabelecimento das garantias suspensas, para que o povo possa gozar, sem demora, da plenitude de seus direitos constitucionais”. No domingo dia 25 houve outras duas manifestações, sufocadas brutalmente pela cavalaria.

Houve mortos e feridos; e, em vista da situação, Ubico apresentou sua renúncia; porém ao invés de fazê-lo diante da Assembleia Legislativa, entregou o poder a seus partidários, que formaram um triunvirato militar composto por Ponce, Villagrán e Piñeda.

Os exilados regressaram, e criaram-se numerosos partidos políticos com diversos candidatos: Recinos, Arévalo, Ponce...

Marcou-se a eleição do novo Presidente, em meio a um clima eleitoral muito agitado, para os dias 17, 18 e 19 de dezembro. Em 1º de outubro assassinaram o diretor do *Imparcial*, e vinte dias depois ergueu-se um grupo de militares e civis, que tomou o poder após um combate sangrento.

Em seguida instaurou-se uma Junta Revolucionária, formada pelo civil Torriello e os militares Arana e Arbenz.

O avô continuava desenvolvendo um amplíssimo trabalho profissional. Era membro honorário da Northwest Pediatric Society; Diretor da Luta Nacional contra a Tuberculose durante os anos 1945 e 1946; Delegado da Guatemala para o Instituto Interamericano da Criança, durante dez anos; sócio fundador e primeiro Presidente da Associação Pediátrica da Guatemala, e participante habitual em numerosos congressos internacionais, em San José, Tegucigalpa, Managua, Atlantic City, Nova York, Havana, Monterrey, Nancy...

Trabalhava além disso na reorganização do hospital de combate à tuberculose de San Vicente, inaugurado em abril de 1943 com capacidade para 50 doentes, e que graças a seu trabalho havia triplicado o número de pacientes. Nesse hospital, como recordava Clemente Marroquín, um velho companheiro de colégio, o avô teve uma intervenção decisiva.

“O hospital de San Vicente, como se sabe, é destinado exclusivamente aos tísicos ou tuberculosos, como se chamam agora as vítimas da febre branca. Não era um hospital, mas um antro terrível, pelas informações que tivemos. Havia ali pacientes que estavam em isolamentos que pareciam calabouços, o que, naturalmente, acelerava a morte de doentes que necessitavam, mais do que de remédios, de ar, alimentos e repouso. (...) Pois bem, o doutor Cofiño, que é ativo, empreendedor e sobretudo competente, deu vida nova ao hospital.

“Tirou os doentes dos calabouços e começou a alimentá-los, a distraí-los, a tornar-lhes a vida mais grata. Criou salas para crianças tuberculosas; instalou muitos serviços novos; poucos anos depois, *Nuestro Diario* afirmou que este sanatório lhe devia *quase tudo*”.

Vocês podem imaginar a alegria do avô quando soube que as forças aliadas haviam libertado Paris (soube pelo rádio e pelo jornal, naturalmente: então não havia televisão!).

Alejandro Deutschmann, que tinha uns quinze anos, recorda o dia em que o avô, que era muito amigo de sua família, chegou à sua casa com um pacote embrulhado em papel de presente, e disse-lhe:

– Diga a seu pai que desça, que o verei na sala de jantar.

Desceram os pais de Alejandro (muito ligados à França, porque sua mãe havia estudado lá e seu pai tinha formação francesa), e chegaram também Jorge Herrera e Humberto Garabito.

Então o avô desembalhou o pacote com grande solenidade. Era uma garrafa de vinho francês, presente do pai de um menino cuja vida ele havia salvo.

Encheu os copos e brindaram, cheios de alegria, pela libertação de Paris.

– Vive la France!

– Vive la France!

Esse amor pela França e a cultura francesa presidiu toda a sua vida, que havia chegado a um ano decisivo: 1946.

Mas isso, se lhes parece bem, vamos deixá-lo para a próxima carta.

Com todo o carinho,

Papai.

Quinta carta: 1946 - 1951

7 de dezembro de 1999

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Acabo de ler a mensagem que o Papa dirigiu aos participantes da Jornada Mundial da Paz que se celebrará no próximo 1º de janeiro. Impressionou-me tanto que decidi copiar alguns parágrafos, porque refletem o mundo em que viveu o avô.

“Durante o século que deixamos para trás a humanidade foi duramente provada por uma interminável e horrenda série de guerras, conflitos, genocídios, limpezas étnicas, que causaram indescritíveis sofrimentos: milhões e milhões de vítimas, famílias e países destruídos; multidões de refugiados, miséria, fome, doenças, subdesenvolvimento e perda de imensos recursos.

“Na raiz de tanto sofrimento há uma lógica de violência, alimentada pelo desejo de dominar e de explorar os demais, por ideologias de poder ou de totalitarismo utópico, por nacionalismos exacerbados ou antigos ódios tribais.

“Às vezes, à violência brutal e sistemática, orientada ao sofrimento ou mesmo ao extermínio total de regiões e povos inteiros, foi necessário opor uma resistência armada”.

Estas palavras são uma síntese, dramática e verdadeira, da história do século XX que estamos a ponto de finalizar.

Na Guatemala, estivemos quase um terço do século em situação de guerra. Décadas e décadas terríveis de violência e mais violência. Guerrilhas, sequestros, valas comuns, refugiados, assassinatos de milhares de inocentes...

A mensagem do avô, que sofreu muitíssimo por causa da violência, foi sempre de concórdia e de paz. Mas não ficou nisso: enquanto outros destruíam, dedicou-se a construir a paz e o progresso com todas as suas forças, a favorecer o desenvolvimento humano, social e espiritual de seu país. Colocou em andamento numerosas iniciativas em benefício do povo guatemalteco, especialmente dos mais desfavorecidos, porque sabia que o desenvolvimento, como dizia Paulo VI, “é o novo nome da paz”.

“O século XX – continua o Papa – deixa-nos em herança, sobretudo, uma advertência: algumas guerras com frequência são causa de outras, já que alimentam ódios profundos, criam situações de injustiça e ofendem a dignidade e os direitos das pessoas.

“Em geral, além de serem extremamente prejudiciais, não resolvem os problemas que as originam e, portanto, são inúteis. Com a guerra, é a humanidade que perde.

“Somente a partir da paz e com a paz se pode garantir o respeito da dignidade da pessoa humana e de seus direitos inalienáveis”.

Continuo narrando-lhes a vida do avô. Quando terminou a II Guerra Mundial, soube que seu mestre Robert Debré continuava vivo, depois de participar ativamente na Resistência. Mas alguns de seus companheiros haviam tido menos sorte: alguns haviam sido assassinados, e outros, torturados ou deportados.

Quis datar esta carta hoje, 7 de dezembro, em lembrança daquele 7 de dezembro de 1946, dia em que se tornou realidade um de seus grandes sonhos: a Unidade Assistencial de San Juan Sacatepéquez, uma colônia infantil para crianças tuberculosas. Estou convencido de que escolheu essa data por ser véspera da Imaculada.

Hoje em dia, o conceito de Colônia Infantil já está superado; mas naqueles anos significou um passo à frente na luta contra a tuberculose. E seus esforços foram reconhecidos: a Sociedade Protetora da Criança concedeu-lhe em 1946 uma prestigiosa condecoração: a Insignia de Esmalte.

Na época, essa Colônia Infantil era uma necessidade urgente. Milhares de crianças, na maioria indígenas, cresciam em meio a grandes carências materiais e sanitárias. Não havia antibióticos, e quando adoeciam, morriam, como diz de la Riva, “cem por cento”.

No começo, a Colônia dispunha apenas de um serviço de ambulatório, de uma emergência, de internação, maternidade, um aparelho de raio-X e um laboratório. Depois foi-se modernizando, graças ao avô, que se esforçou por levar até aquele lugar remoto os últimos avanços da Medicina.

Escreve o doutor Hurtado: “Deve ser motivo de orgulho para a Unidade e para San Juan Sacatepéquez o fato de que é o primeiro meio rural em toda a República onde se leva a cabo o objetivo da vacinação rural em massa contra a tuberculose por meio da BCG, a ‘Vacina de Calmette e Guérin’”.

As crianças tuberculosas costumavam passar na Colônia um período de convalescença sob a direção atenta do avô. A diretora era sua amiga Piedad García, que trabalhava com uma equipe de médicos e enfermeiras.

Vocês devem se lembrar desse nome: Piedad García foi quem colocou o avô em contato com Mons. Rossell; e ela foi **a alma e a vida** da Colônia, com sua dedicação e sua entrega.

O avô descreve-a como **uma grande dama. Um coração que brindava a cada criança alentos amorosos de mãe; era como o anjo de cada um deles, e estes lhe deviam mais do que os remédios.**

Quanto esforço punha nas celebrações natalinas e na Semana Santa! Todos nos sentíamos emocionados ao apreciar os quadros vivos que ela sabia ordenar com especial delicadeza.

“A Unidade Assistencial de San Juan” – afirmava *El Imparcial* – “nasceu ao calor de seu carinho; é uma preciosa instituição, que demonstra o que pode fazer a iniciativa privada em conjunto com o Estado, e que podemos orgulhosamente apresentar como modelo a todos os povoados da República”.

Emociona-me ler o que o avô escreveu sobre “a doença da fome”, que era a causa da enfermidade de muitas dessas crianças. Dizia que a fome era o problema número um da América Central, e que essas crianças tinham dois tipos de fome: fome de pão e fome de carinho.

Colocou os meios a seu alcance para que aqueles garotinhos desfrutassem de um clima agradável, de uma comida saudável e do cuidado amoroso das enfermeiras. Para uma criança doente, dizia, o carinho é algo decisivo. E ele o dava e repartia a mãos cheias. Lembro-me de um episódio muito expressivo: durante o Natal organizava uma festa de Reis para esses meninos, e disfarçava-se de Papai Noel para levar-lhes os presentes. Era muito mais do que um médico. Ou melhor: era um médico no sentido mais profundo do termo.

Contava o doutor de la Riva que as crianças chegavam à Colônia esqueléticas e desnutridas, com seus pequenos corpos carcomidos pela doença. Colocavam os meios a seu alcance, e quando já não podiam fazer mais nada por uma criança, enviavam-na ao Hospital Geral, dizendo a Irmã Matilde, a religiosa que os ajudava: “esse menino é um franguinho”, dando-lhe a entender que era preciso atender a todos os seus caprichos, porque estava a ponto de falecer...

O avô desvivia-se para salvar a vida daquelas criancinhas; e quando não conseguia, ia com os que o ajudavam à sala de autópsias para ver se os exames que haviam feito estavam certos.

A família, o ensino, os hospitais... Vocês se perguntarão: como conseguia fazer tudo isso?

Penso que o conseguia, em primeiro lugar, porque aproveitava muito bem o tempo; e depois porque dedicava a essa tarefa até mesmo suas horas de descanso.

Todos os sábados pela manhã, depois de uma longa semana de trabalho na clínica e na universidade, ia com a avó e os tios a Santa Clotilde, uma casinha que possuíam em San Juan, perto da Colônia e da Unidade Assistencial. No domingo levantava-se cedo, ia à Missa na paróquia, e passava visita nas crianças da Colônia. À tarde, depois de descansar com a família em Santa Clotilde, retornavam à capital.

E assim, um fim de semana e outro. Isso explica o que ouvir dizer tantas vezes: que nessa zona, todos os indígenas conheciam o doutor Cofiño.

Compaginava a atenção a sua família com o cuidado dessas crianças. Os tios recordam que as viagens até lá eram muito divertidas: a tia Sofia, que na época era muito pequena, sempre conta que o avô comprava um sorvete para cada um e faziam concursos para ver quem demorava mais tempo chupando o sorvete...

Disse-lhes antes que era muito exigente com seus ajudantes. É compreensível: deve ser muito duro contemplar, um dia após o outro, como morre uma das suas crianças, e outra, e outra... tantas vezes sem poder fazer nada do ponto de vista médico, porque a medicina não era tão avançada como agora.

É lógico que desejasse trabalhar com a maior perfeição possível, e que em algumas ocasiões, ao perceber um erro ou uma negligência grave, repreendesse seus colaboradores com firmeza.

Por sorte, a avó acalmava aqueles ímpetos – **chamemo-los por seu nome, violências**, dizia o avô com humildade, anos depois – e, depois da tormenta, convidava seus colaboradores para almoçar em Santa Clotilde.

Desse modo, foi conseguindo, com seu trato doce e compreensivo, que esses ajudantes não se distanciassem do avô. Nisto, como em tantos outros aspectos, soube estar ao seu lado, ajudando-lhe de forma discreta e prudente, sem que se notasse.

O avô realizou um grande trabalho médico e científico na Unidade Assistencial e na Colônia Infantil. Em 1955, quando saiu, deixou um arquivo com seis mil radiografias e mais de mil observações clínicas, classificadas e anotadas minuciosamente com sua caligrafia de traços firmes e seguros; com uma letra quase indecifrável, como acontece a tantos médicos.

Por que deixou a Colônia? É uma história dolorosa, na qual não quero deter-me muito. Algumas pessoas da diretoria do Lions Club, da qual dependia a Colônia Infantil, acusaram-no nada menos do que de desvio de dinheiro... por cobrar por seu trabalho uma quantia tão pequena que nem sequer bastava para reparar as avarias do carro por aquelas péssimas estradas!

Desvio de dinheiro! Diziam que não devia cobrar nada, porque os Lions só trabalham *ad honorem*. Porém é evidente que não é o mesmo gastar uma hora por mês em uma reunião de diretoria do que dedicar todos os fins de semana a uma tarefa profissional, como ele fazia.

De fato, começou a trabalhar em maio de 1942 e recebeu seu primeiro salário, muito pequeno, oito anos depois, em dezembro de 1950.

O avô explicava:

Conduzir a Colônia Infantil desde o ponto de vista médico requer não somente muito tempo, mas muita experiência e uma dedicação constante.

Não é equânime querer comparar uma função diretiva (como a que corresponde à Diretoria do Lions Club ou à Diretoria da Colônia) com a função técnica, na qual os serviços que se prestam não são como membro do Lions Club, mas como um profissional de caráter técnico.

Não é justo aceitar que uma pessoa trabalhe durante anos (mais de dez anos) sem remuneração alguma, e dedique seus únicos dias de descanso à atenção da Colônia; e que além disso dedique tempo durante a semana à atenção do ambulatório, ao treinamento do pessoal médico, à resolução de muitos assuntos que a cada instante se apresentam.

Passaram os anos, e em 1976 a Diretoria do Lions Club reviu o caso e esclareceu aquele triste episódio, lamentando aquela decisão que afetou profundamente alguns colaboradores do avô, como Piedad García, que sofreu um ataque cardíaco que a deixou prostrada de cama durante quatorze anos. Seus alunos também deixaram a Colônia. Alguns receberam a proposta de ocupar seu lugar, com um salário tentador, mas nenhum deles quis aceitar.

“A Diretoria atual, consciente das razões que motivaram sua renúncia, lamenta profundamente o penoso incidente ocorrido... Lamentavelmente” – escreveu Jaime Briz Sandoval, Presidente do Lions Club – “em tempos passados e presentes, existiu e existirá a Justiça e a injustiça. Estamos seguros de que nenhum de nós teria tomado essa decisão”.

Eu mesmo só tinha uma ideia vaga dessas coisas até há pouco tempo, porque o avô não costumava falar disso; sabia perdoar e esquecer. Agora tenho mais informações. Mas não quero dar-lhes nomes, para que nunca guardem rancor a ninguém, nem sequer um ressentimento: é preciso perdoar tudo e a todos, de todo o coração. Deus queira que vocês sigam sempre o exemplo do avô, que anos depois convidou a Ciudad Vieja aquele que havia sido seu principal detrator, como demonstração de carinho e de perdão.

Os padecimentos daquelas crianças tuberculosas, unidos às incompreensões e às injustiças, foram purificando seu coração. Descobriu naqueles rostos infantis, trespassados pela dor, o rosto sofredor de Jesus Crucificado; e uma chama de fogo, de caridade, foi convertendo em cinzas a autossuficiência de sua juventude. Tornou-se mais humilde e paciente; mais compreensivo e generoso. E começou a sentir, de um modo impetuoso, a necessidade de amar a Deus com toda a alma. Há um episódio que revela essa transformação progressiva. A tia Uca, que trabalhou durante quatro anos em seu consultório, de 1948 a 1952, conta que um dia apareceu lá uma mulher com uma criança agonizante nos braços.

– Rápido! – disse o avô – É preciso fazer-lhe imediatamente uma transfusão de sangue!

A primeira transfusão de sangue na Guatemala havia sido feita poucos anos antes, em 4 de janeiro de 1942, e era ainda algo muito caro.

– Eles não têm dinheiro – disse a tia Uca – nem para a transfusão, nem para nada.

— Não importa! – disse o avô. – O que é preciso ver é de onde tiraremos o sangue.

– Eu tenho O negativo – disse a tia Uca.

Foram rapidamente ao laboratório e o avô começou a dar-lhe picadas nas veias. Não acertava, e a cada segundo que passava a vida do menino corria mais perigo. No final, conseguiram uma pessoa com o tipo de sangue adequado; fez-lhe a transfusão e salvou a vida daquela criança, sem cobrar um centavo.

Em 1949, estive de novo na Europa, junto com minha mãe, que desejava conhecer a França – e quem não? Haviam falado tantas vezes de Paris! Foi a única viagem à Europa que fizeram, mesmo que por sua posição social pudessem ter-se permitido essa viagem e muitas mais.

Mas não pensem que foi uma viagem de turismo. Assistiram ao Curso de Pediatria Social organizado em Paris pelo Centro Internacional de Proteção à Infância. O avô foi como presidente do Comitê da Guatemala; e a avó, que preparava sua graduação como Assistente Social, estava muito interessada profissionalmente nesses temas. Acompanhava-os o doutor Vassaux.

Durante esse curso, que durou seis meses, visitaram muitos centros sócio-assistenciais da França e dos Países Baixos. Fizeram contato com especialistas do mundo inteiro: búlgaros, chineses, gregos, finlandeses, poloneses, etc.

Lembram-se dos filmes de 8 mm que às vezes projetamos em casa, com essa máquina antediluviana, que estou surpreso que continue funcionando? Foram gravados pelo avo durante essa viagem, e a única protagonista é a avó.

O avô filmou-a muitas vezes: na França, na Bélgica, em Sololá, junto ao lago Atitlán, com o vulcão ao fundo; passeando junto a um roseiral; debruçada em um balcão, em Santa Clotilde... Gostava de fazer primeiros planos de seu rosto, especialmente seus olhos. Esses filmes mostram como estava apaixonado por ela.

Essa viagem foi muito importante para a Guatemala, porque os avós trouxeram do Instituto de Paris a vacina BCG contra a tuberculose, com a que se salvaram milhares de vidas.

O país, entretanto, continuava sem resolver algumas questões urgentes. Em 1950, a taxa de analfabetismo era de 70%, uma das mais altas da América Central e do Sul; e a saúde enfrentava desafios formidáveis. Ainda não havia sido criado um Ministério da Saúde propriamente dito, e as poucas enfermeiras que havia trabalhavam sem meios, com salários muito baixos, e em uma estrutura integrada em boa parte dentro do exército.

Esse dado indica até que ponto estavam politizados determinados setores da vida do país. O avô continuava atuando dentro da escassa margem de independência que lhe permitia o Regime. Relata Gustavo González:

“Quem não pertencia a um sindicato e a um partido oficialmente reconhecido passava a ser um cidadão de segunda categoria. Se desempenhava algum cargo público, sabia que podia ser destituído da noite para o dia pelo fácil expediente anônimo do ‘por ordem superior’.

“Ernesto recusava-se a filiar-se a um sindicato ou partido político. Não estava de acordo com sua maneira de ser e atuar. Era um cientista, um pesquisador. Buscava fazer o bem sem distinguir entre doentes ou crianças de direita ou de esquerda, comunistas ou anticomunistas.

“Conhecendo este modo de proceder de seu Diretor, e adiantando-se ao que poderia acontecer, os doentes do Sanatório Antituberculoso San Vicente publicaram em 7 de fevereiro de 1949, no diário oficial, uma carta na qual reconheciam e louvavam o trabalho do doutor Ernesto Cofiño no Sanatório, e a prosperidade da Colônia Infantil em San Juan Sacatepéquez.

Poucos dias depois, em 26 de fevereiro, foram restringidas as garantias nos Departamentos de Izabal e Escuintla, devido aos conflitos entre empregados e patrões. No Congresso da República as frentes assumem uma franca beligerância política. No final de março, o governo enfrenta mais um complô. Abril e maio são meses de manifestações antigovernistas, dissolvidas a paus e a gás lacrimogêneo”.

A situação social foi-se agravando, até que em 18 de junho de 1949 o coronel Arana, homem forte do governo de Arévalo e chefe das Forças Armadas, foi assassinado quando regressava do lago Amatitlán. Começou uma nova fase revolucionária, e em 25 de junho suspenderam-se as garantias constitucionais.

Entre outras revoltas, houve uma manifestação de protesto pelo assassinato de Arana. A polícia dissolveu os manifestantes a tiros, e houve muitos feridos, entre os quais estava Alejandro Deutschmann, que tinha então uns vinte anos.

Quando o disseram ao avô, que estava em uma viagem no exterior, este retornou o mais rápido possível e dirigiu-se do aeroporto diretamente ao hospital para ver Alejandro.

– Você está mal... muito mal – disse-lhe. – Mas sairá. Vai viver!

E foi em seguida visitar seus pais, para animá-los.

Alejandro nunca esqueceu aquele olhar, cheio de confiança e de energia, nem aquelas palavras que lhe infundiram uma profunda serenidade: **Você vai viver!**

Durante o mês de outubro de 1949 ocorreram tormentas e chuvas torrenciais. Na Colônia Infantil notaram-se os efeitos do temporal, embora graças a Deus não houve vítimas, como em outros Departamentos.

No plano político desencadeou-se outro temporal, com ataques à liberdade de imprensa, jornalistas expulsos, greves de trabalhadores e um clima de grande turbulência social, do qual lhes falarei em minha próxima carta.

Como veem, essa foi a constante do século que agora termina: violência e mais violência. O século XX foi um século de injustiça e de pobreza para grande parte de nosso povo, que conheceu numerosas repressões, assassinatos e massacres sangrentos; e ao mesmo tempo foi um século de grandes conquistas sociais e humanas, de avanços médicos portentosos e de profundos avanços espirituais.

Termino esta carta com uma citação dessa Mensagem que tanto me impressionou. O Papa recorda que durante o século XX houve milhares de pessoas que foram testemunhas de Cristo, e chama-os de “honra da humanidade”.

“Diante do cenário de guerra do século XX, a honra da humanidade foi salva pelos que falaram e trabalharam em nome da paz.

“É um dever recordar aqueles que, em grande número, contribuíram para a afirmação dos direitos humanos e sua solene proclamação, para a derrota dos totalitarismos (...).

“Exemplos luminosos e proféticos foram-nos dados por aqueles que orientaram suas opções de vida para o valor da não-violência. Seu testemunho de coerência e de fidelidade, levado inclusive até o martírio, escreveu extraordinárias páginas ricas de ensinamentos.

“Entre aqueles que trabalharam em nome da paz, não se podem esquecer os homens e mulheres cuja dedicação tornou possíveis grandes progressos em todos os campos da ciência e da técnica, conseguindo vencer graves doenças e melhorando e prolongando a vida”.

Enquanto lia essas linhas, pensava no avô, que trabalhou sempre em nome da paz. Até breve.

Papai.

Sexta carta: 1951 - 1953

Natal de 1999

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Tenho nas mãos uma longa *Memória*, escrita pelo avô, que começa assim:

Por Acordo Governamental de 12 de Julho de 1951, fui nomeado Diretor do Centro Educativo Assistencial, cargo que tive de assumir em condições muito anormais, devido ao transbordamento de paixões e à agitação, consequência de medidas apressadas que, distanciando-se de conceitos assistenciais, técnicos e sociais, haviam-se deixado impressionar por ações de ordem sectária e política.

Para explicar-lhes esse período, devo primeiro situá-los no marco histórico concreto.

Em meados do que muito em breve vamos chamar, por estranho que soe, “o século passado”, depois das eleições de 10 a 12 de novembro de 1950, foi eleito presidente Jacobo Arbenz, em meio a uma situação social muito agitada.

O avô conhecia os Arbenz – Jacobo, sua esposa María e seus filhos – havia tempo, por razões alheias à política: haviam sido seus inquilinos anos antes, e viveram durante uma temporada no segundo andar da primeira casa que ele teve; naquela casa com pátio que ficava em frente à Universidade.

Arbenz subiu ao poder em um período particularmente turbulento da história da Guatemala e do mundo, que estava dividido em dois grandes blocos, dominados pelas assim chamadas “superpotências”: Rússia e Estados Unidos. Esse período chamou-se “Guerra Fria”.

Cada bloco – russos e americanos – possuía seus próprios interesses e um fortíssimo aparato de propaganda. Agora, para vocês, isso é apenas o tema de filmes antigos, mas na vida cotidiana deste país produziu-se uma radicalização das atitudes nas opiniões políticas.

Nas conversas habituais, o preto e o branco prevaleciam sobre o cinza, e chegava-se com facilidade a simplismos absurdos. Por exemplo, como o Arcebispo não era comunista, alguns diziam que *tinha que ser, necessariamente, da CIA*. E o contrário: havia uma pessoa que denunciava injustiças ou promovia as mudanças sociais? Nesse caso, *tinha que ser, necessariamente, um comunista*.

Ou se era da CIA, ou se era comunista, não havia meio termo. Se vocês tiverem presente este clima emocional, compreenderão melhor o que vem a seguir.

Ao mesmo tempo, durante essa época, os regimes comunistas de alguns países europeus, asiáticos, africanos e americanos estavam levando a cabo – e a Guatemala não foi exceção – uma série de campanhas contra a Igreja.

Hungria, Polônia, Tchecoslováquia, Lituânia... Milhares de sacerdotes e leigos foram executados, presos ou deportados pelo puro fato de o serem; centenas de igrejas e escolas cristãs foram fechadas ou dedicadas a outros usos e finalidades. Nasceu no leste da Europa a chamada “Igreja do Silêncio”. Nada de novo, por desgraça, para a Igreja da Guatemala, que se recuperava lentamente da cruzada política anticatólica dos governos liberais do século XIX.

O avô, que não era partidário de posturas extremas, continuava atendendo todo tipo de pessoas, sem fazer distinções de cor de pele ou de ideologia, sem ligar-se a nenhuma corrente ou partido político concreto.

Pouco mais de meio ano depois da chegada de Arbenz ao poder, em julho de 1951, as autoridades destituíram o diretor do Centro Educativo Assistencial (CEA), como chamavam ao antigo Hospício Nacional da Guatemala (em cuja igreja, precisamente, haviam-se casado os avós).

Em seguida, nomearam um diretor que quis obrigar os empregados do centro a sindicalizar-se. Oitenta empregados negaram-se, e foram despedidos.

Esse diretor propôs, além disso, que se transferissem as Filhas da Caridade, que atendiam ao CEA havia muitos anos, para o Hospital de Mazatenango. Essa Congregação, como vocês se lembram, era a única que não havia sido expulsa da Guatemala no século XIX, quando expulsaram do país todos os sacerdotes e religiosos.

Essas medidas provocaram a indignação de setores sociais muito variados. Para algumas locatárias do mercado, significava deixar seus filhos sem escola. O Hospício era uma espécie de cárcere em que se recolhiam, em princípio, crianças abandonadas; porém a realidade era muito diferente: nem todos eram órfãos: muitos deles eram filhos de vendedoras, locatárias do Mercado e de pessoas sem meios econômicos.

Viviam ali uns 700 garotos. A maioria permanecia no CEA até os dezoito anos. Ao completar essa idade deixavam-nos na rua, habitualmente sem trabalho, pelo que muitos acabavam na delinquência. Somente as Filhas da Caridade e um grupo de senhoras caridosas punham um ponto de humanidade naquele lugar.

A situação do Hospício era fruto de uma longa série de deficiências. **Durante muitos anos – escreveu o avô – a iniciativa privada desempenhou um papel de primeira ordem na administração, desenvolvimento e progresso do Hospício Nacional (...), até que o Estado o tomou completamente a seus cuidados, com o que o diretor ficou na categoria de um simples funcionário, cujas atribuições se foram limitando paulatinamente, até ficar reduzido a um administrador comum.**

É evidente que ao desaparecer a iniciativa privada na função caritativa, o diretor perdeu a possibilidade de obter a ajuda material, a colaboração econômica ou de trabalho, enfim, todos esses fatores que antes permitiam salvar com eficiência as reduzidas finanças do Centro e obter a cooperação direta de pessoal idôneo, cuja ausência se nota muito claramente na atualidade.

A tentativa de transferir as freiras foi a gota d'água – real ou tática – que fez transbordar o recipiente. Quando os funcionários souberam que o novo diretor estava tentando levá-las, revoltaram-se contra ele e declararam greve. Em 10 de julho de 1951 pela manhã, fecharam todas as portas de entrada, e postaram-se ali, sem deixá-lo sair.

Os que acusavam Arbenz de comunista, por contar com alguns comunistas em seu governo e levar a cabo uma polêmica reforma agrária, encontraram uma ocasião de ouro; e poucas horas depois, perto das duas da tarde, um grupo de agitadores concentrou-se junto às portas do Hospício dando gritos contra o Presidente.

Começou a chover. Chegou a Guarda Civil, que abriu as portas para que o diretor do Hospício saísse. Quando o viram, os manifestantes – cerca de 1500, segundo a imprensa – começaram a agredi-lo, dando gritos de “morte ao comunismo” e pedindo sua demissão.

Houve tanto alvoroço que Mons. Rossell foi até lá perto das 8 e meia da noite para acalmar os ânimos. Quis entrar no Hospício, porém os alunos do centro – segundo determinados meios – negaram-se a abrir.

Os dados que traz a imprensa daqueles dias – nos que me baseio para contar-lhes esta história – são muito confusos, e em alguns pontos, contraditórios. Alguns meios estavam

tão radicalizados como a situação social. Seria preciso comparar muitos desses dados, para ver se estão certos e até que ponto.

Por exemplo, segundo outras fontes de informação, os agentes da Guarda Civil que estavam na porta disseram ao Arcebispo que não podiam deixá-lo passar sem a permissão de seus superiores. Fizeram vários telefonemas sem obter resposta, enquanto Mons. Rossell esperava na rua, debaixo de chuva, pedindo aos exaltados que se acalmassem. E às dez e quinze, depois de quase duas horas de espera, ao ver que lhe negavam a entrada, o Arcebispo decidiu retirar-se.

Seja como for, o caso é que dois dias depois, na madrugada da quinta feira, 12 de julho, chegou a ordem do governo: as Irmãs da Caridade foram expulsas do CEA. Ao saber da decisão, a Madre Teresa Vanegas, a Superiora, foi à capela, recolheu o Santíssimo Sacramento, e saiu com as outras freiras para a Casa Central. Eram cinco da manhã.

Ao vê-las caminhar àquela hora pela rua, as vendedoras e locatárias do mercado começaram a dar gritos e ameaças contra a polícia. Enquanto isso, os alunos faziam tocar os sinos da capela do CEA, como manifestação de protesto.

Um grupo de senhoras da cidade, junto com algumas vendedoras do mercado, foram ao Palácio Nacional para protestar. Recebeu-as um ministro de Arbenz, ao qual pediram – depois de esclarecer que não tinham nada a ver com os agitadores – que as freiras permanecessem no Hospício.

Vocês estão vendo que aparentemente o motivo do protesto era o mesmo: a transferência das freiras; no entanto, na realidade, os objetivos eram muito distintos.

Os agitadores tentavam converter o episódio na chispa de uma rebelião popular contra o governo de Arbenz, que acusavam de comunista; as senhoras apenas pediam que o CEA mantivesse sua identidade, e não se transformasse, como se via acontecer, em um centro de doutrinação marxista.

Intervieram no caso outras pessoas: os ladrões e batedores de carteiras, que aproveitaram o tumulto, segundo conta a imprensa, para fazer a festa. Em rio agitado, o lucro é dos “pescadores”...

O Presidente reuniu-se com uma comissão de assessores, acedeu às petições das senhoras, e decidiu substituir o diretor do Hospício. Porém a escolha de uma pessoa adequada não era simples, ainda mais naquelas circunstâncias, pela dimensão pública que o assunto havia tomado. Necessitava-se um profissional de prestígio, sem significação política, que fosse respeitado e conhecido por suas ações em favor dos mais pobres e desvalidos.

Arbenz concluiu que o avô reunia essas características, e mandou chamá-lo. Enquanto isso, criara-se na cidade um clima de exaltação que pressagiava o pior. Ao longo da manhã, havia-se reunido uma multidão em frente ao Palácio Nacional, com intenções tão diversas quanto seus cartazes. Em um deles, lia-se: *Senhor Presidente, temos fé no senhor*. Em outro: *Que as irmãs sejam respeitadas*. Em outro: *Pedimos a expulsão dos líderes comunistas*. Segundo o *La Hora*, havia cerca de seis mil pessoas.

Às duas da tarde, o avô compareceu, junto com a avó, ao Palácio Nacional. Uma vez lá dentro, as autoridades – provavelmente o Presidente em pessoa – ofereceram-lhe a direção do CEA.

O avô aceitou, apesar de suas múltiplas ocupações, pensando que era um modo de pacificar a situação e de servir ao país. Colocou uma condição: que sua nomeação não fosse uma solução emergencial e transitória. Deviam dar-lhe tempo suficiente para colocar em prática suas ideias. Arbenz – ou quem o representava – concordou, e a partir daquele momento apoiou-o sem restrições.

Quando o avô saiu do Palácio Nacional, encontrou os manifestantes, que continuavam gritando e protestando nas escadarias. Pediu-lhes silêncio, que conseguiu a duras penas. E, de pé, sobre os degraus de entrada do Palácio, disse:

– Senhoras e senhores: o Governo da República houve por bem encarregar-me da direção do Hospício, cargo que aceitei com a maior boa vontade.

Uma das medidas que já acordamos é o retorno das três Irmãs da Caridade... por isso rogo-lhes que retornem com calma a seus lares.

Depois dos vivas e aplausos de um setor, pediu-lhes que se dispersassem pacificamente, e dirigiu-se à Casa Central das Irmãs da Caridade, onde estava a Madre Teresa com as outras duas freiras que trabalhavam no Hospício. Informou-as de sua nomeação como Diretor e convidou-as a dirigir-se ao CEA, onde chegaram em meio a uma boa quantidade de senhoras e locatárias do mercado.

Entretanto, uma parte dos manifestantes permanecia dando gritos em frente ao Palácio Nacional, circunstância que – segundo o *Diário de Centroamerica*, “o Porta-voz Oficial da Revolução” – foi aproveitada por alguns franco-atiradores para postar-se em diversos lugares do Parque Central. Chegou um carro, um Hudson 46, pela sexta avenida, pilotado por um homem que tentou abrir caminho pelo meio da multidão. Provocaram-no, ele respondeu, e quando tentaram agredi-lo, saiu do carro e fugiu correndo. Ao ver que havia escapado, começaram a depredar o veículo.

“O carro – conta *La Hora* – foi tombado, e começaram a girá-lo, até conseguir quebrar os vidros e soltar as portas e outras peças, até deixá-lo inutilizado, e para completar puseram-lhe fogo”.

Uma fotografia com essa imagem – um carro em chamas, entre uma multidão vociferante – apareceu nas páginas da *TIME* e espalhou-se por diversos países do mundo.

Depois do incêndio houve fugas e perseguições, entre gritos de morte a Arbenz e ao comunismo. Chegaram três caminhões da Guarda Civil e começou um tiroteio no qual morreram cinco pessoas e ficaram feridos mais de 50 manifestantes.

Os dados são confusos, porque uma fonte não governamental elevava até dezessete o número de mortos. O Governo decretou a restrição das garantias constitucionais.

Não posso dizer-lhes se esses dados, que tomo das informações da imprensa daqueles dias, são objetivos e verdadeiros. Sei apenas que esses acontecimentos entristeceram profundamente o avô, que foi restabelecendo a normalidade no Hospício, **sem ver cores de**

esquerda nem de direita. Simplesmente – como declarou ao *La Hora* – **vim cumprir uma missão profissional.**

A descrição que há em sua *Memória* sobre os antigos refeitórios do Hospício dá ideia do penoso estado em que se encontrava o lugar: **assim como os dormitórios, são enormes salões, escuros, de aspecto tétrico, nos quais, por falta de ventilação suficiente, o ambiente permanece cronicamente impregnado de odores desagradáveis; as mesas, longas, cobertas por uma superfície de granito rachada, impossibilitando mantê-las adequadamente limpas; longos bancos incômodos para sentar; a jarra de estanho descascada e toalhas insuficientes completam esse aspecto miserável.**

Começou a fazer reformas, com uma mentalidade aberta que não duvidava em chamar as coisas por seus nomes. O *Diario de Centroamérica* fez-se eco de suas primeiras declarações: “O doutor Cofiño afirma que na Guatemala estamos atrasados em muitos anos ao manter esse enorme centro, e que essa espécie de instituições semelhantes a quartéis já não existem em lugar nenhum. Que o Centro deve ser desfeito, adotando soluções científicas para esses casos. Defende a colocação dos jovens em lares substitutos”.

Minha primeira atitude – relata o avô em sua *Memória* – **foi a de serenar os ânimos, o que de fato consegui, colocando o interesse social dos alunos acima de qualquer outra preocupação, para obter um clima que fosse propício a um estudo objetivo e desapaixonado da situação.**

O avô sabia que os diretores anteriores não haviam disposto nunca dos meios materiais e humanos necessários, nem de um orçamento suficiente para solucionar os problemas. Como consequência, escrevia, **o órfão – que na realidade é o objetivo essencial do Centro Educativo – foi relegado a um plano secundário, longe da atenção primordial, e não houve empenho em que sua educação seja integral, o que representa uma verdadeira negação da Pediatria Social corretamente exercida.**

Afirmava de forma clara e firme que **o Estado cumpriu parcialmente com seu compromisso, no sentido de oferecer teto, vestuário e alimento, com as restrições que apontarei mais tarde; porém fracassou de maneira evidente e indiscutível na parte educativa, não só no sentido integral dessa palavra, mas até mesmo se considerada no aspecto puramente escolar e no do ensino de ofícios, em ambos os quais encontram-se erros e deficiências muito sérias.**

Tentou buscar ajudas no setor privado. Embora tenha conseguido que alguns empresários colaborassem em seu empenho, não encontrou a acolhida que esperava. Desejava que os principais responsáveis da indústria e do comércio cooperassem na formação daqueles rapazes, mas seu afã tropeçou **algumas vezes com a negativa direta, e outras com o oferecimento de uma ajuda que não se cumpria, exceto parcialmente.**

Sua passagem pelo CEA foi decisiva: classificou e selecionou os jovens realmente necessitados, para que só vivessem lá os meninos sem família; negou-se a aceitar recomendações; criou um bom serviço pediátrico; modificou o sistema de dormitórios,

terminando de uma vez por todas com a promiscuidade e a superlotação; e reorganizou o serviço médico.

A lista de realizações que fez é enorme. Equipou com novos materiais as oficinas de carpintaria, encanamento, trabalho com ferro, sapataria e costura; conseguiu a colaboração privada de mais de 30 pessoas que trabalhavam *ad honorem*; e criou uma Escola do Lar para as jovens, com seções de cozinha, lavanderia, aulas de beleza, arranjos de flores, roupas, aulas de etiqueta e de administração do lar.

Colocou em andamento um inovador programa de prevenção social: “O Chaveiro”, que consistia em dar uma chave do centro aos que faziam 18 anos, para que não perdessem seu vínculo e voltassem em caso de necessidade.

Criou o Berçário “El Nido”; o Jardim de Infância, “Los Gorriones”, na fazenda Vista Hermosa; e uma colônia de férias, “Las Golondrinas”, para crianças convalescentes.

Propôs às autoridades um projeto de lei para o Centro, no qual pedia que se constituísse um Patronato que livrasse a iniciativa privada da dependência de organismos políticos e oficiais, porque **com muita frequência – dizia –, os magníficos sonhos de um momento, e os projetos brilhantemente estudados, passam ao esquecimento nas gavetas de algum escritório do Ministério.**

Embora seu modo de atuar não tivesse nenhuma conotação política, como o Centro Educativo Assistencial dependia economicamente de alguns setores determinados da sociedade guatemalteca, ligados a alguns partidos políticos concretos, alguns grupos tentaram politizar suas ações. Como resposta, o avô criou um Conselho Econômico do Hospício, independente de partidos e ideologias.

Teve de morder de novo – como tantos que se propõem fazer o bem nesta vida – a fruta amarga da calúnia. Por isso, não se assustem se no futuro vocês forem pagos com essa moeda. Foi assim que trataram a Nosso Senhor, e o discípulo não é maior do que o Mestre. Em vez de agradecer seu trabalho, alguns aproveitaram qualquer ocasião para atacá-lo.

Os motivos eram ridículos. Por exemplo, quando não aceitou um indígena para um determinado cargo no CEA, porque não possuía a qualificação profissional suficiente, acusaram-no nada menos do que de... racista! Racista ele, que havia consumido tantos anos de sua vida na promoção dos indígenas e das pessoas mais necessitadas da Guatemala, sem fazer a menor distinção pela cor de pele!

O avô sempre perdoou essas calúnias, que não conseguiram o objetivo que pretendiam – afastá-lo da direção do centro –, porque o Presidente Arbenz reafirmou repetida e publicamente sua confiança nele.

Foram anos de trabalho duro, difícil e grato – escreveu o avô –. E essa jovem mulher – Madre María Teresa – foi a alma dessa luta que levamos de mãos dadas.

Entre seus mais fiéis colaboradores estava Carlos Cossich, aluno dos últimos anos de Medicina. Em uma ocasião, o avô lhe disse que examinasse algumas crianças. Cossich viu que não eram capazes de sentar-se e sustentar a cabeça, e deduziu, segundo o que havia estudado, que padeciam de um defeito psíquico.

– Doutor – disse-lhe, alarmado – há aqui quarenta retardados mentais.

O avô olhou-o com um gesto divertido:

– Ah, sim? Vamos ver...

Examinou as crianças e disse que as levassem a “El Nido”, onde Cossich lhes faria uma revisão periódica.

Em “El Nido” havia boas enfermeiras, que punham em prática, por iniciativa do avô, a chamada “estimulação precoce”, da que se falaria tantos anos depois.

Pouco a pouco, as crianças começaram a reagir. Cassich ia de surpresa em surpresa: crianças que poucas semanas antes não ficavam em pé davam os primeiros passos; e os maiores saíam correndo para recebê-lo quando o viam chegar de carro.

– Venha cá, Cossich – disse-lhe o avô, sorrindo, um dia em que coincidiram em “El Nido”
–. Apresente-me seus retardados mentais!

– Não há nenhum, doutor.

– Veja só... e agora vamos dá-los para a adoção.

E explicou-lhe o programa de adoção que havia criado, de acordo com as conclusões da avó, que estava preparando uma tese intitulada “Projeto de organização de lares substitutos na Guatemala”, no Instituto Guatemalteco de Seguridad Social.

Aquelas propostas eram muito abertas e inovadoras para a época. Agora, como é lógico, algumas devem ter sido superadas; porém muitas outras não: continuam em plena vigência, e na mesma direção em que trabalhavam os avós.

Por exemplo, com relação à adoção, adiantaram-se várias décadas à mentalidade de seu tempo e estabeleceram as bases de um sistema parecido ao que seguem na atualidade, meio século depois, os países mais avançados e progressistas nessa matéria.

Durante aquela época, as crianças abandonadas viviam nos Berçários, onde eram cuidadas até que um casal escolhia a que mais lhes agradasse, pagava uma determinada quantia e levava-a.

O avô nunca aceitou esse sistema, que lhe parecia degradante. Não permitia que os futuros pais escolhessem ou descartassem as crianças porque eram altas ou baixas, loiras ou morenas, como uma mercadoria.

– Não! Por que querem ver as crianças primeiro? Sou eu quem devo saber primeiro quem são eles, o que fazem, como vivem...

Somente quando havia uma informação positiva sobre os futuros pais e quanto se tinha a segurança de que as crianças iam receber uma educação em um ambiente familiar adequado, é que se decidia a designação correspondente. Sobre isto, conserva-se ampla documentação.

É muito expressiva, nesse sentido, a aula que o avô apresentou sobre a assistência à Criança Órfã ou Abandonada, no I Congresso Centro-Americano de Pediatria, na Costa Rica.

Era uma tarefa bela e dura, porque às vezes as crianças adoeciam e faleciam. Em uma ocasião, Carlos Cossich comprovou, com impotência, que não podia fazer nada medicamente para salvar a vida de uma criança. Deve ser terrível, não é verdade? Que morra em suas mãos uma criança pequena... Os que não somos médicos não estamos acostumados com isso. É lógico que os médicos enfrentem essas situações com uma disposição especial; se não, ficariam paralisados.

Era isso que estava sucedendo a Cossich. Ao dar-se conta, o avô pegou-o pelo braço, levou-o para fora e disse-lhe:

– Com as cozinheiras, quebram-se pratos, por quê? Porque têm que trabalhar com pratos! E com os médicos, que trabalhamos com doentes... os doentes morrem! Você fez todo o possível para salvá-lo, colocou todos os meios!

Consolou-o e animou-o, fazendo-lhe ver que tinha de ser forte, porque infelizmente ver-se-ia nessa situação mais vezes em sua vida.

Cossich recordava também que, quando era recém-formado, encontrou-se com o avô na Faculdade, e este lhe perguntou à parte:

– Venha cá, Cossich! Você já está trabalhando em algum lugar?

– Não, doutor. Só aqui.

Colaborava na Faculdade, porém sem retribuição econômica.

– E como está fazendo com o dinheiro e tudo o mais?

Explicou-lhe que continuava dependendo de sua família. O avô, então, pegou um cheque, assinou no verso, e disse-lhe:

– A partir de agora faremos “meio a meio”: um mês o cheque é meu, e no outro mês é seu.

E deu-lhe o cheque por muitos meses, até que conseguiu um trabalho.

– Nunca vi alguém que tivesse feito isso – dizia Cossich – e eu mesmo nunca o fiz com ninguém, apesar do bom exemplo que me deu.

Outro médico, De la Riva, relatava algo parecido. Havia retornado do exterior sem meios econômicos para viver, e o avô, para ajudá-lo, hipotecou esta casa para que pudesse adquirir uma propriedade.

– São coisas – comentava De la Riva, emocionado – que enchem a alma, e que me ficaram profundamente gravadas...

Aquele contato diário com o sofrimento das crianças foi purificando sua alma. Sua relação com Deus tornou-se cada vez mais intensa, assim como sua preocupação pela formação cristã de seus filhos. Na Semana Santa levava meus irmãos a El Molino, em Tecpán, na casa dos Matheu. Ali, além de descansar e divertir-se – era um lugar muito bonito – podiam participar nos Ofícios da paróquia.

Em El Molino havia uma cozinheira indígena que sofria fortes dores de cabeça fazia um ano. O avô interessou-se por ela e descobriu que um bruxo lhe dissera que levasse na cabeça um pano úmido para baixar sua temperatura; e era isso, precisamente, que aumentava sua dor.

Levou-a à cidade e fê-la passar por um otorrinolaringologista, que a curou. E quando voltou para El Molino, aconselhou-a que no futuro tratasse mais a Nosso Senhor e esquecesse os bruxos...

Conhecia muito bem o mundo indígena. Tenho um recorte de jornal com algumas declarações suas a *La Tribuna del Pueblo*, o diário de San Juan, nas quais afirma que a medicina devia ser **como a árvore, que reparte seus frutos entre todos aqueles que cobre**. Era preciso chegar a todos os âmbitos sociais – dizia, com força –, e em especial ao mundo indígena: **temos que chegar ao índio, reconquistar sua saúde, sua fé e sua confiança**.

Enquanto trabalhava no CEA, aconteceu a Revolução de Outubro. Desaparecidos, torturados, cárceres lotados de presos... Ofensivas de estilo comunista... Cartas pastorais e denúncias públicas da parte de Mons. Rossell...

No meio daquele ambiente turbulento, os avós continuaram promovendo atividades de beneficência e promoção social. Em 30 de julho de 1953 deram à avó o título de Assistente Social no anfiteatro da Universidade de São Carlos; isso permitiu-lhe colaborar de forma ainda mais próxima com o avô.

Entre 19 e 30 de agosto desse mesmo ano teve lugar um Seminário Nacional, organizado pelo Instituto Panamericano de Proteção à Infância, com o apoio do Governo. O avô era delegado permanente desse Instituto, e participou de forma tão ativa que a imprensa comentou: “o dinâmico diretor do CEA está na vanguarda dos grandes nomes da beneficência pública”.

Seu prestígio superava já as fronteiras da Guatemala. Durante os dias 6, 7 e 8 de novembro, uma especialista nessas questões, María Rosario Araoz, publicou vários artigos em *La Nación* de Lima, nos quais afirmava:

“Na Guatemala não se pode falar de proteção à infância sem referir-se a Ernesto Cofiño, o homem extraordinário, cujo talento e coração está realizando em seu país uma das mais formosas e transcendentais transformações na assistência à criança.

“Pai da Pediatria na Guatemala, o doutor Cofiño não só é o precursor da assistência especializada à criança do ponto de vista médico; é também infatigável promotor do Serviço Social em seu sentido mais cabal”.

A situação política foi-se deteriorando, até que Jacobo Arbenz viu-se forçado a renunciar em 27 de junho de 1954. Dissolveram-se os sindicatos e os partidos políticos. Carlos Castillo Armas, um militar, tomou o poder em 8 de julho. Assumiu a Presidência em 1º de setembro de 1954.

Alguns setores exaltados disseram que o avô, que estava em viagem aos Estados Unidos, havia ido para lá apenas para tirar do país o filho do Presidente, Jacobito, que era seu paciente.

Ao regressar à Guatemala, o avô explicou que havia feito aquela viagem por motivos estritamente pessoais; mas esclareceu que se tivesse precisado ajudar aquele menino, tê-lo-ia feito com muito gosto, fossem quais fossem as circunstâncias, porque era médico, e em suas ações não se movia por critérios políticos, e sim por critérios exclusivamente humanitários e médicos.

Após a derrubada de Arbenz, continuaram atacando o avô, desta vez por meio da imprensa anticomunista. Passou-se de um clima de fanatismo comunista para outro de fanatismo anticomunista.

Acusaram o avô de... comunista!; de haver enganado o Arcebispo e o novo governo; de ter feito viagens ao exterior para cuidar dos interesses de Arbenz; etc.

Porém sua figura já era suficientemente conhecida na Guatemala para que uma campanha de imprensa tão tosca pudesse afetá-lo. O novo Governo confirmou-o em seus cargos, e...

... e continuaremos falando disso em outra carta.

Com todo o carinho,

Papai.

Sétima carta: 1953 - 1956

1º de janeiro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Penso muitas vezes no avô. Realmente, não há um dia em que não me lembre dele, mas nestas épocas, como é natural, tenho-o especialmente presente. Há alguns dias, quando via na televisão como o Papa abria a Porta Santa, pensava quanto ele teria gostado de contemplar essas imagens. Tê-las-á contemplado do Céu, estou seguro; e desde lá ajudar-nos-á a viver bem este Jubileu: o Jubileu do ano 2000!

Em minha carta anterior, falei-lhes de sua atuação durante os anos de Arbenz. Hoje quero falar-lhes de seu comportamento como médico cristão, como um bom profissional que enfrentava os problemas com coerência ética, e que facilitava os sacramentos a seus pacientes, em sua imensa maioria católicos.

Se uma criança recém-nascida corria perigo de morte, fazia que a batizassem imediatamente; se um doente estava moribundo e o pedia, avisava a um sacerdote, para que lhe administrasse a Extrema Unção, como se chamava antigamente a Unção dos Enfermos.

Porém, pouco a pouco, foi sentindo em sua alma que Deus *pedia-lhe mais* em sua vida espiritual: *mais* em sua entrega aos outros, *mais* em seu conhecimento da Fé... e em 1953, perguntou a seu amigo, o Arcebispo, se conhecia algum sacerdote que pudesse orientá-lo.

Por esses anos – escrevia – fui sentindo a necessidade de aproximar-me do Senhor: sentia que isso me fazia falta para a paz de minha alma. Saindo após velar um amigo doente que falecera, encontrei na porta Mons. Rossell, que vinha acompanhado de d. Antonio, recém chegado ao país para organizar o labor do Opus Dei.

Esse dia foi transcendental para mim, como imagino que seja para todos os que buscam o caminho mais seguro de ir a Deus.

No verão de 1953, ocorreu aquele que ele chamava “o grande encontro”. Seu amigo falecido era o doutor Alberto Vassaux; e esse d. Antônio que acompanhava o Arcebispo era d. Antonio Rodríguez Pedrazuela, que tinha 27 anos e ordenara-se poucos meses antes, em fevereiro.

O Arcebispo disse ao avô:

– Doutor: o senhor quer ter direção espiritual. Aqui pode encontrá-la.

O avô ficou surpreso pela diferença de idade. Imediatamente, d. Antonio pediu-lhe seu número de telefone.

Recordava d. Antonio em suas memórias: “o doutor e eu rimo-nos muitas vezes sobre essa primeira impressão mútua. ‘Ficou surpreso que lhe pedisse seu telefone tão às claras’, pensei, porque eu estava disposto a que seu desejo não fosse uma “chuva de verão”. O doutor, por seu lado, supôs que eu tivesse pensado em meu interior: Uf! Está um pouco velho. Vamos ver se é a sério!”.

Combinaram de ver-se em uma casa da Oitava rua, onde viviam d. Antonio e d. José María Báscones, outro sacerdote do Opus Dei. Era o primeiro centro do Opus Dei na Guatemala, que se havia instalado graças à ajuda econômica, ao estímulo e à magnanimidade de Mons. Rossell.

O avô foi visitá-lo, e d. Antonio começou a ajudá-lo a aprofundar na Fé. **Era preciso começar quase desde o princípio, pelo mais elementar**, dizia o avô.

Durante esse tempo, como lhes disse em minha carta anterior, o avô viajou aos Estados Unidos, porque um dos meus irmãos havia adoecido gravemente.

Escreveu: **Tive que sair precipitadamente do país ao receber um aviso de que meu filho estava muito mal em uma universidade norte-americana, para onde o havia enviado.**

Saí do país em momentos muito difíceis (...). Deixava nessa angústia minha esposa e meus filhos.

Chego à Universidade e encontro uma situação muito confusa: excesso de trabalho e nostalgia (...). O diagnóstico (...) era sério.

Eu estava só: não havia quem pudesse dar-me um consolo. As notícias na imprensa eram muito alarmantes no que dizia respeito à situação do meu país. A angústia oprimia meu coração como em uma prensa de aço frio e implacável.

Naquele lugar havia uma única igreja católica, de aspecto bem pobre, mas rica de conteúdo. Ali cheguei: era o único fiel a assistir a Missa; as lágrimas jorravam de meus olhos e banhavam meu rosto. Punham como um véu diante de meu olhar.

Mas mesmo assim, através delas contemplei no altar um Cristo Crucificado de tamanho natural. Parecia querer desprender-se da Cruz a que estava cosido para oferecer-me seu peito, e nele a chaga da lança, como brindando-me um refúgio...

Pouco a pouco, as lágrimas que não paravam de brotar foram-se tornando mais refrescantes, e a prensa de aço que oprimia meu coração foi afrouxando.

Quando fui receber o Corpo de Nosso Senhor, já estava mais calmo, a confiança começava a aparecer, senti que o Senhor não me abandonaria... e assim aconteceu.

O filho curou-se e retornei ao país. Voltei a encontrar a Obra e compreendi claramente que o Senhor me havia chamado à Obra. Por quê? Sem dúvida, sem nenhum merecimento.

Passaram os meses, e em 9 de setembro de 1955, antes de sair do Centro Hospitalar onde havia trabalhado durante vários anos, o avô quis ler os cadernos do diário do Hospital, para lembrar-se daquele tempo. Comprovou, entristecido, que haviam deixado de anotar muitos dados.

É uma verdadeira lástima que se tenha feito um silêncio completo em dez anos, sem dúvida por negligência, já que foram abundantes os acontecimentos dignos de mencionar-se, em todos os níveis.

Escreveram-se livros (Dr. Monzón, dr. Girón); patrocinaram-se muitos trabalhos interessantes; muitos são os colegas que se distinguiram; os que fizeram especializações; os que se encontram exercendo em outros países.

Sente-se, na leitura destes cadernos, tanto afeto e tanta sinceridade, que são verdadeiramente um bálsamo, quando se regressa de um longo caminho, com os pés feridos e o coração doído.

Há apenas poucos meses voltei a assumir a chefia de serviços e a docência na Cátedra de Pediatria, que deixei durante quatro anos...

Em 12 de julho de 1951, em meio à comoção popular, assumi o cargo de diretor do Centro Educativo Assistencial... quatro anos de luta incessante, de sonhos e desalentos... abandono total de minhas antigas disciplinas, o serviço de Medicina, Irmã Matilde, a docência na Cátedra de Pediatria...

Tudo isso substituído por um vivo interesse nos problemas sociais, e em particular na assistência à Criança Privada de Família.

O que foi essa obra, o tempo o dirá... É seguro dizer que a colheita foi boa, já que o espírito só pode ganhar têmpera no sofrimento, e a experiência só se adquire na luta...

Quantas coisas temos que contar: sonhos, triunfos, decepções e fracassos... e acima de tudo está a medular estrutura dos afetos, que são inquebrantáveis e que ao longo do ano vão ganhando traços de Eternidade...

Colocarei de novo nas mãos de Carlos Monzón Malice este livreto, para que nas páginas seguintes trate de recordar os principais acontecimentos destes dez anos, nos quais tanto se fez.

E verdadeiramente agora, mais formados, que todos os nossos atos se pautem segundo o exemplo do Divino Mestre... que Ele seja nosso guia, nosso Oriente, nosso apoio, e pensemos realmente que essas criaturinhas, afligidas pela vida, pela miséria, pelo abandono, são Sua própria Imagem, que se repete como um espelho de mil facetas em todo ser que sofre.

Este meio-sia de 9 de setembro de 1955 é luminoso; a luz entra em jorros pela janela de nossa clínica:... o coração se alarga e o otimismo apaga as últimas rugas das decepções. Tudo é belo, e nós temos a mais bela das profissões. Oxalá continuemos sendo dignos dela.

Carlos Monzón Malice era um jovem médico, que acompanhou em seus últimos momentos. Foi primeiro seu paciente, depois meu aluno externo – escreveu –, meu interno, e

finalmente dividiu comigo o serviço no hospital e a cátedra de Pediatria. Seu trabalho foi relatado de forma extensa; soube deixar marca.

Sua mão amiga estava apertada pela minha quando, ainda muito jovem, deixou este mundo... precisamente no momento em que repicavam os sinos chamando para a Missa de Natal...

Durante esses anos de 1953 a 1955, participou assiduamente nos meios de formação cristã do Opus Dei. Assistiu ao primeiro retiro que d. Antonio e d. José María organizaram na Guatemala, de 1 a 4 de novembro de 1955, no qual, embora tivessem convidado muitos amigos, somente confirmaram presença quatro: Julio Obiols, Humberto Olivero, Francisco Arrivillaga e o avô, que pensava que o retiro seria cancelado por falta de participantes.

– Não, doutor – disse-lhe d. Antonio –: vou pregá-lo mesmo que só venha o senhor!

Esse primeiro retiro foi realizado em La Concepción Pixcayá, perto de San Juan Sacatepéquez, em um sítio de dona María de Mirón. Minha mãe, que tinha muito carinho ao Opus Dei, ocupou-se de preparar a comida para aqueles dias.

Tempos depois, o avô ria, quando recordava que no primeiro dia, antes do almoço, colocou de brincadeira seu avental branco e levou-lhes uma bandeja cheia de aperitivos, como se fosse um garçom. Nenhum dos participantes sabia bem em que consistia um retiro...

Dom Antonio explicou-lhe, com paciência, que um retiro não é o mesmo que uma convenção médica ou um daqueles congressos a que estava acostumado. Não era uma simples reunião de amigos, nem haviam vindo para conversar e tomar aperitivos, mas sim para rezar e examinar-se a fundo sobre como buscar a santidade em sua vida cotidiana...

Depois do retiro continuou a encontrar-se com d. Antonio, **e assim – recordava – iniciou-se uma amizade que me foi levando pouco a pouco a conhecer o que o Senhor esperava de mim, até fazer-me ver tão claramente que me dispus a escrever a carta pedindo a admissão no Opus Dei.**

Pedi a admissão em 6 de dezembro de 1956, embora insistisse sempre que havia se “sentido” do Opus Dei desde aquele verão de 1953: **desde o primeiro dia em que o conheci!** – repetia com força.

Foi o primeiro supernumerário do Opus Dei na América Central. **A formação que a Obra me deu – escrevia – levou-me a assimilar a doutrina da Igreja, a tratar a Deus com profundidade através do cumprimento de algumas práticas de piedade, a fazer apostolado com meus amigos para recristianizar esta sociedade, esforçando-me em trabalhar bem e em cumprir minhas obrigações familiares, cívicas e sociais.**

Em outras palavras, a estar muito metido no mundo sem necessidade de sair dele para tratar a Deus.

A avó logo notou como foi melhorando em diversos aspectos de sua vida: no trato com ela e com meus irmãos, na alegria... “Não sei o que vocês fizeram com meu marido,” – contava, feliz e divertida, a d. Antonio – “mas é uma maravilha!”.

Vocês já sabem que nem a mamãe nem eu somos do Opus Dei. Deus não nos chama a servi-Lo por esse caminho; ou, pelo menos, não nos chamou até agora. Por isso, sobre todas essas questões só posso dizer-lhes o que o avô deixou escrito, ou o que me contaram algumas pessoas do Opus Dei.

Porém, sem ser do Opus Dei, fui testemunha, durante muitos anos – assim como a mamãe – de como o avô viveu sua entrega cristã.

Não sei como explicá-lo: entregou-se a Deus no Opus Dei com todas as forças de seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu ser, com toda a capacidade de sonhar de que era capaz. “Eu era apenas” – escreve d. Antonio – “um jovem sacerdote de 26 anos, sem experiência, recém-chegado da Espanha. Ele era um médico brilhante, conhecido no país. Porém aceitava os conselhos de caráter espiritual com grande docilidade, com uma grande humildade e um grande desejo de aprender”.

Enrique Fernández del Castillo lembra-se dele pelas manhãs, na Missa das sete, pontual, animado e feliz. Colocava esse mesmo entusiasmo, espiritual e humano, em tudo o que fazia. Sua entrega a Deus serviu-lhe para tratar mais intimamente ao Senhor e conhecer-se melhor a si mesmo, com suas virtudes e defeitos, que aceitava com humildade, esforçando-se em corrigi-los.

Por exemplo, sugeriram-lhe que quando trocasse de automóvel – possuía um muito grande, de cor verde –, procurasse comprar outro mais modesto. Assim o fez, com um desprendimento cada vez maior das coisas materiais. Gastava na roupa o necessário, sem gastos inúteis, e evitava qualquer entretenimento frívolo e mundano, fugindo das ocasiões de pecado. Em seus cadernos pessoais, há uma anotação muito expressiva: “**Tenho medo das mulheres? Não, tenho medo de mim**”.

Era profundamente humilde; e embora salvasse a vida de milhares de crianças, nunca pensava que era ele quem as curava. Nunca se vangloriou dizendo: “como sou habilidoso”; nem nunca o ouvi dizer: “fiz isso ou aquilo”; ou algo parecido.

Esforçava-se por converter-se a cada dia. Pensem que se entregou a Deus com quase 60 anos. Vocês não fazem ideia do que custa mudar nessas idades! Passamos tanto tempo convivendo com nossas próprias manias e defeitos que acabamos tomando carinho por eles...

Eu não sou velho, embora pareça a vocês; falta-me bastante para chegar aos sessenta. Mas tenho experiência de que, à medida que se cresce, cresce também a intransigência com os defeitos dos demais e a benevolência com esses mesmos defeitos em nós mesmos: “é que sempre fui assim”, dizemos, tentando justificar-nos.

Vi, dia a dia, como o avô lutava; como se esforçava por afastar de sua vida o que o afastasse de Deus; como se entregava de tal maneira, e com tal amor, que o amor de Deus foi rejuvenescendo sua alma de um modo assombroso.

Dizem que os artistas de cinema nunca se deixam fotografar pelo “lado ruim”. Em geral, tentamos transmitir a melhor imagem de nós mesmos. Pois bem: o avô não ocultou sua alma à graça de Deus. E essa graça o foi purificando por inteiro. Podia ter dado a desculpa

de sua idade, como tantos, que dizem: *“se me tivesse dado conta antes, em minha juventude! Mas agora, com esta ou aquela circunstância, já é tarde demais para entregar-me a Deus; já sou velho demais para mudar”*.

O avô lutou para mudar, e pediu a Deus que lhe desse a graça de uma profunda conversão... e Deus a concedeu, por meio da oração, dos sacramentos, dos conselhos das pessoas do Opus Dei, e dos acontecimentos de cada dia, nos quais sabia ver a mão divina.

Com mão carinhosa – escreveu – meus diretores foram talhando a pedra informe que eu era, com uma única vantagem: agradava-me ser talhado, dava-me prazer ver caírem arestas e ângulos. Na realidade, não me dava conta da figura que estava surgindo, mas tinha fé no escultor.

Abriu um novo capítulo em sua existência no momento em que muitos homens fecham as janelas de sua alma. Nesses anos em que tantos se fecham em si mesmos – nostalgias, recordações, desejos realizados ou frustrados –, ele deixou seu coração completamente aberto. Cheio de esperança, ao querer de Deus.

Penso que é uma das grandes mensagens de sua vida: sempre é tempo de mudar! Sempre é um bom momento para a santidade! Sempre se tem idade para entregar-se a Deus! Nunca é tarde para o Amor!

Fez grandes descobertas espirituais dos sessenta aos noventa anos. As últimas décadas de sua existência foram de plenitude, e supuseram uma nova juventude para sua alma. Descobriu um sentido, mais profundo e sobrenatural, de seu trabalho. Já não bastava realizá-lo humanamente bem – isso sempre o procurara fazer –: agora podia convertê-lo em oração, em louvor ao Criador, em amor a Deus. **Cada atividade – dizia –, realizo-a o melhor possível, oferecendo-a ao Senhor.**

Esforçou-se por ampliar seu círculo de amizades em uma idade em que custa muito fazê-lo. Para vocês é muito fácil fazer novos amigos com os colegas de classe, esportes e gostos. Querem conhecer e relacionar-se com muitas pessoas, e isso é bom. O avô sabia, além disso, que uma amizade verdadeira, que é um grande bem em si mesma, é o meio para aproximar de Cristo muitas pessoas: **fazer apostolado com meus amigos – escreveu – para recristianizar esta sociedade.**

Continuou cultivando suas velhas amizades junto com outras novas. Ajudava a seus amigos com carinho, e demonstrava-o com sua preocupação constante por eles e por seus problemas, com sua palavra e seu exemplo. E com suas petições: ajudava-os a fazer obras de misericórdia e de solidariedade com os mais necessitados.

Como mudou de caráter! “Perdeu completamente a arrogância de sua juventude,” – conta a tia Uca – “e foi capaz de fazer algo a que eu nunca teria me atrevido: pedir dinheiro para os labores... Nunca é fácil pedir dinheiro, por mais razões que se tenha para fazê-lo. Além disso, ele era de uma família muito bem instalada; mas se esqueceu disso: não lhe importava”.

Penso que no princípio devia custar-lhe pedir colaboração econômica e suportar as negativas e desaforos, mas ofereceu-o ao Senhor; e o que em outras pessoas pode significar uma “humilhação”, foi para ele fonte de alegria.

Nas páginas em que recordava seus primeiros vinte anos de vocação, falava, agradecido, **desse cuidado amoroso que a Obra me brindou, de dar-me a oportunidade de poder servir ao Senhor, e até de fazer-me sentir que era um instrumento não desprezível.**

Nos momentos difíceis e dolorosos, a Obra esteve presente em meu coração e em meu lar. Fez com que as lágrimas, sem deixar de sê-lo, se transformassem em sorrisos. (...)

Deo gratias!

Um último episódio de 1956. Meu irmão Ernesto já havia casado, e um belo dia o avô disse a d. Antonio:

– Dê-me os parabéns, porque vou ser pai.

– Que bom. O Ernesto vai ter um filho?

– Não, não. Sou eu que vou ser pai! Clemencia está grávida!

O filho que esperavam era eu, que nasci em 20 de outubro de 1956. Meu pai tinha então 57 anos.

Começou uma nova etapa de sua vida, tão inesperada quanto as anteriores. Porém, se lhes parece bem, falaremos disso na próxima carta. Muitos beijos do

Papai.

Oitava carta: 1956 - 1958

Janeiro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Terminei minha última carta no ano de 56, quando nasci. Na metade do século passado... Como soa estranho, não é verdade? O século passado... Queria dizer-lhes algo de minha infância. Mas antes disso, vou contar-lhes como nasceu, nessa mesma época, outra das *grandes aventuras* de sua vida: Ciudad Vieja.

Dom Antonio relata-o em seu livro de memórias. Um Enrique Fernández del Castillo perguntou ao avô:

– Doutor, o que lhe parece criarmos um grande Centro Universitário?

E explicou-lhe a ideia. Tratava-se de criar na Guatemala um lugar onde os universitários pudessem receber uma formação intelectual de qualidade, com rigor e exigência, que fosse

um foco de modernidade e progresso na América Central, e um espaço de diálogo e convivência, onde os que desejassem pudessem encontrar formação cristã.

Não sei que ideias terão passado então pela mente do avô. Talvez recordasse seus anos de Paris, quando os guatemaltecos tinham necessariamente de ir ao exterior para receber uma formação universitária de qualidade. Ou pensou nas situações de conflito que tivera de viver, fruto da falta de diálogo, do fanatismo e do esquecimento de Deus... Ignoro-o; mas sei que se animou ao saber que outros dois pais de família, também do Opus Dei, como Walter Widman e Alfredo Obiols, haviam-se entusiasmado com a ideia, e que o Opus Dei ocupar-se-ia da formação cristã daqueles rapazes.

Naquele projeto entrelaçavam-se muitos de seus ideais profissionais, espirituais e humanos. Para o avô, que era então o Primeiro Secretário Geral da Federação de Associações Pediátricas da América Central, o fato de ser universitário é **uma condição que não se perde: não é a beca que se põe e se tira**; e implica uma grande responsabilidade social, uma profunda obrigação de serviço aos demais.

Sigo relatando-lhes, passo a passo, o que conta d. Antonio. O avô, Walter e Alfredo pensaram que para colocar aquela ideia em andamento deviam em primeiro lugar constituir um Patronato que assumisse a gestão financeira e dos aspectos econômicos, técnicos e jurídicos do projeto.

Dito e feito. Puseram-se em contato com vários amigos seus, como Juan Maegli, Ernesto Rodríguez Briones, Julio Obiols, Humberto Oliveros e muitos outros. Com certeza alguns desses nomes lhes serão familiares, porque eram muito amigos de meu pai.

Marcaram a data para a primeira reunião do Patronato. E, precisamente na véspera dessa reunião... foi assassinado o Presidente Castillo Armas.

Ocorreu em 26 de julho de 1957. O Presidente caminhava com sua esposa pelos corredores do Palácio Presidencial, quando um soldado da guarda lhes apresentou armas. Segundos depois, apontou a arma para eles e apertou o gatilho. Dois dos disparos atingiram o Presidente, que morreu poucos instantes depois. Em seguida, o soldado suicidou-se.

Foi declarado *estado de sítio*. Mesmo assim, o avô seguiu adiante com o projeto de Ciudad Vieja. Nunca esperou de braços cruzados que surgisse isso a que chamam “uma conjuntura favorável”! Se fosse assim, nunca teria feito nada em sua vida. Teve que atuar quase sempre contra a corrente.

Dirigiu-se a seus amigos e conhecidos, e começou a pedir-lhes ajuda econômica para aquele projeto, explicando-lhes que aquilo era para Deus e para o bem dos demais. **Todos sentem vergonha de pedir dinheiro** – dizia. – **Eu não.**

É um sinal de humildade, porque a quem não custa, e ainda mais sendo uma pessoa de sua relevância social, pedir dinheiro e suportar negativas, ainda que seja para ajudar os demais?

Como de costume, deu o exemplo. Contam que doava para o projeto de Ciudad Vieja o salário que recebia em um dos hospitais onde trabalhava: 70 quetzales por mês. Essa quantia equivale, mais ou menos, a uns 1500 quetzales: o mesmo que chega a ganhar um

funcionário público. Na época as ajudas eram de 5, de 10, de 50 quetzales, e já pareciam grandes quantidades.

Procuraram uma sede para o futuro Centro Universitário, e por fim encontraram um chalé com jardim no bairro de Ciudad Vieja. Em agosto, assinaram o contrato de aluguel, e batizaram o centro com o nome do bairro.

Minha mãe ajudava-o em tudo, como de costume. Um dia souberam que havia sido fechada uma casa de jogo clandestina e estavam leiloando os móveis: quadros, vasos, mesas e cortinas... Ao avô repugnava ir a um lugar assim, mas foi; e quando viu umas cortinas de veludo verde, que podiam ficar muito bem no Oratório, decidiu comprá-las, dizendo:

– Isso sim que é santificar as coisas! Porque estas cortinas irão, da sala da roleta, ao melhor lugar que se possa pensar!

Naquele mesmo ano, em 12 de dezembro de 1957, festa da Virgem de Guadalupe, Mons. Rossell, que apreciava tanto o Opus Dei, benzeu o edifício de Ciudad Vieja.

Vocês podem imaginar a alegria do avô, que via como se tornava realidade outro sonho de sua vida.

Mais tarde, quando se decidiu construir um Centro Universitário com uma nova planta, acudiu a alguns amigos seus, os Piñol, que doaram o terreno. Fizeram-se os projetos, firmaram-se as escrituras, e naquele ano, como de costume, foi durante o mês de dezembro ao México com a tia Clemen; estando ali, pensando no novo Centro Universitário, ocorreu-lhe:

– Vão precisar de uma primeira pedra. Vou levá-la eu!

E comprou na Vila de Guadalupe uma Virgem de bronze, para que fosse a “primeira pedra” da nova Ciudad Vieja. **Que fundamento poderia ser melhor – dizia – do que a proteção da Santíssima Virgem para esta casa?**

Quando se aposentou, como o projeto de Ciudad Vieja o entusiasmava tanto, dedicou-se plenamente a esse empenho.

Ao completar os sessenta anos – contava –, em junho de 1959, decidi despedir-me do que haviam sido meus labores por 25 anos no Hospital de San Juan de Dios e na Cátedra de Pediatria. Várias forças pressionavam-me para chegar a essa decisão.

Por um lado, tinha colaboradores muito valiosos que haviam adquirido o pleno direito de assumir a chefia de ambas atividades, e mesmo que já viesse de fato dividindo responsabilidades com eles, considerei que havia chegado o momento de entregá-las por completo.

Por outro lado, crescia em mim um tremendo atrativo: poder dedicar maior tempo à atenção do Centro Universitário Ciudad Vieja, no qual vinha trabalhando de modo parcial desde 1957.

Desde então, até o final de sua vida, gastou suas melhores energias na formação integral dos residentes do Centro Universitário; ajudava os diretores a levar para a frente os programas educativos e foi formando vários membros da Associação para que pudessem substituí-lo no futuro.

Ciudad Vieja foi, em suas próprias palavras, **como a fonte da juventude**.

Mas não pensem que ao aposentar-se começou seu declínio. Ao contrário: foram para ele anos de plenitude, em muitos aspectos. Em maio de 1957 estive em Monterrey em um congresso de Psiquiatria, como representante do Conselho da Criança por parte da UNICEF. O tio Francisco conta que sua intervenção impressionou tanto os congressistas que o doutor Solís Quiroga, que presidia o congresso, convidou-o para fazer o discurso de encerramento, com uns vinte minutos de antecedência.

– **Mas eu não sou psiquiatra!** – disse o avô.

– Não importa – comentou-lhe Solís Quiroga. – É seu caráter humanístico o que me interessa, sua forma de perceber o mundo, com esse humanismo que perdemos muitas vezes. Faça o senhor o discurso de encerramento...

O avô aceitou, e fez o discurso.

Foi um período inesperado também do ponto de vista familiar. Pensem, por exemplo, que em 3 de setembro de 1958, dia em que se casou a tia Clemen, o avô já tinha um filho casado – o tio José Ernesto –, e três filhos vivendo em casa: dois muito jovens – minha irmã Sofía, de dezesseis, e meu irmão Roberto, de nove –; e um a ponto de completar dois anos, que era eu.

Quer dizer: quando me tirou das fraldas, preparou-se para ser avô...

Mas não lhes contei nada da minha infância... Não importa; depois falaremos disso.

Com todo o carinho,

Papai.

Nona carta: 1958 - 1965

16 de fevereiro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Às vezes sonho com o avô. Vejo-me quando pequeno, agarrado a sua cintura, cavalgando em seu cavalo branco pelos bosques de San Juan Sacatepéquez, como aquela manhã em que lhe deram a notícia.

Foi em 1º de janeiro de 1963. Estávamos em Santa Clotilde. Pela manhã fomos todos juntos à Missa, e depois o avô e eu fomos a cavalo desejar feliz ano novo ao doutor Argueta, que vivia perto.

Foi então que lhe disseram que minha mãe não estava bem.

Retornamos imediatamente. Havia sofrido um derrame cerebral. Trouxe-a assim que possível para a capital e internou-a no Hospital Bella Aurora, onde foi operada pelos doutores De la Riva e Sosa.

Estava muito grave. Havia perdido a consciência, que não voltou a recobrar. Foi um golpe duríssimo. Foi a primeira vez que vi o avô chorar.

Os médicos disseram que era preciso esfriá-la, para evitar que se alterassem os sinais vitais. E ele, que sabia que minha mãe detestava água fria, foi colocando-a, dia após dia, em camas de gelo.

Não havia nada a fazer. Esteve apenas oito dias no hospital, onde a operaram várias vezes, sem resultado algum. No final, trouxe-a para casa com meio corpo paralisado.

Alugou uma cama do hospital, e quis que a forrassem com um lençol fino, como um detalhe de carinho com ela. Minha mãe seguia inconsciente, sem falar, nem poder comunicar-se de nenhum modo.

Não conseguia fechar as pálpebras, e começaram a ulcerar-se seus olhos, aqueles belíssimos olhos que possuía.

Então o doutor De la Riva disse que teriam de suturá-los. Ocupou-se dessa triste tarefa o doutor Artur Quevedo, e o avô ajudou-o, com o coração despedaçado.

A doença durou um mês e meio. Foi uma época muito dolorosa. O avô – que sabia perfeitamente que a avó, salvo um milagre, nunca recobriria a consciência – agiu com grande fortaleza. Atendeu-a em todas as necessidades, até as mais materiais; e aceitou sem rebeldias a Vontade de Deus, sem deixar que se criasse um ambiente de tragédia. Falou com meus irmãos mais velhos para ajudá-los a enfrentar a situação, e procurou que minha mãe recebesse toda a atenção espiritual possível.

Vinham muitos amigos consolá-lo; e quando iam embora, tinham a sensação de que era o avô que lhes havia consolado a eles.

Ele só pedia à Virgem que a levasse em um dia de sábado. A Virgem o escutou: minha mãe faleceu no sábado 16 de fevereiro de 1963.

Por isso quis datar esta carta hoje, quando se completam 37 anos de sua morte.

Velaram-na aqui, nesta mesma casa, e Mons. Rossell, o Arcebispo, que os amava tanto, esteve no velório e celebrou uma Missa de corpo presente em seu quarto.

Tudo isso me foi contado pelo avô e meus irmãos com o passar dos anos, porque eu não recordo praticamente nada daquele mês e meio. O avô pressentiu que o desenlace viria logo, e enviou-me à casa de um dentista amigo seu, Manolo Lara.

Estava convencido de que a avó intercede por nós desde o Céu. Poucos anos antes, no Natal de 1957, d. Antonio havia-lhes dedicado um exemplar de *Caminho*, evocando uma frase do fundador do Opus Dei: “Doutor: que *Caminho* ajude o senhor e sua esposa a buscar a Cristo, a encontrar a Cristo, a amar a Cristo”.

E dizia o avô: **Esses bons desejos cumpriram-se: em minha esposa, em toda a sua plenitude desde o momento em que foi recebida – tenho certeza moral, porque foi muito boa – no Seio do Senhor. E em mim, a esperança de chegar lá também.**

Depois de sua morte, providenciou para que se rezasse uma Missa por ela todos os sábados às seis da manhã, na igreja do Seminário, onde ia como médico para atender – gratuitamente – os seminaristas; e anos depois, na igreja do Sagrado Coração. Durante mais de vinte anos assistiu a essa Missa, oferecendo o sacrifício de levantar-se tão cedo. Eu o acompanhei em algumas ocasiões.

Minha mãe deixou-nos muito cedo; quando meu pai era um homem jovem. Jovem... por dentro! Tinha 64 anos, e foi para ele um golpe muito duro, porque haviam sido profundamente felizes em seus trinta anos de matrimônio.

Por isso, um de seus amigos surpreendeu-se ao vê-lo tão sereno durante o funeral.

– É bom que você saiba – comentou-lhe carinhosamente – **que isto não se improvisa.**

Queria dizer que levava muitos anos aceitando a Vontade de Deus e preparando-se, se Deus assim o dispusesse, para aquele transe, para aquele momento.

A vida seguiu seu curso. No ano seguinte, em junho de 1964, casou-se minha irmã, a tia Sofia. Eu tinha oito anos. Nos meses seguintes o avô esteve preparando a homenagem que o povo da Guatemala desejava oferecer a Mons. Rossell em seu jubileu. Formava parte da comissão encarregada de preparar os textos, e pôs, logicamente, todo o carinho nessa tarefa.

Na quinta feira 10 de dezembro começaram os festejos. Às nove da manhã, segundo o programa previsto, chegaram milhares de freiras de diversas congregações religiosas para saudar o Arcebispo. O programa incluía a Santa Missa, uma série de recepções e a consagração do novo presbitério e do altar da Catedral.

Porém Deus quis que aquele homem santo celebrasse aquela festa no Céu. Naquela manhã sofreu um infarto, levaram-no ao Sanatorio Herrera, e faleceu pouco depois, às dez e quinze. Houve uma grande consternação no país, e sua morte significou uma enorme dor para o avô.

“Esteve intimamente mesclado à minha vida – escreveu –; diria que foi luz e oriente quase desde minha vinda à Guatemala.

Fui apresentado a ele precisamente por Piedad García, e desde o primeiro momento participou em todos os acontecimentos de minha vida, como o conselheiro oportuno e ideal.

Colocou luz, amor e sãos conselhos em minha vida de família; acompanhava meu trabalho no hospital; alegrou-se comigo na Colônia; foi luz oportuna no Hospício.

Não há praticamente nenhum episódio em minha vida em que não tenha estado em primeiro plano: discreto, simples, oportuno, eficaz.

Costumo dizer que foi ele quem me fez entrever um caminho luminoso, do qual estava recebendo o chamado.”

Foi nomeado arcebispo Mons. Casariego, que depois seria cardeal. Esse nome não os faz lembrar de nada? Era aquele menino órfão, que trabalhava de engraxate, do qual Mons. Rossell havia cuidado quando era pequeno. A vida dá às vezes voltas surpreendentes.

Outra reviravolta surpreendente: o avô viu-se, aos 65 anos, com um menino pequeno, que era eu, ao qual precisava educar e dar atenção. Era, na prática, como um filho único, porque em 1964 meus irmãos Ernesto, Clemencia e Sofía já estavam casados, e Roberto foi nesse mesmo ano estudar Medicina em Navarra.

O avô tentou suprir, na medida de suas forças, o carinho de uma mãe, embora eu não tivesse ficado desamparado, porque nessa época já havia vindo viver conosco a avó Sofia, à qual ele chamava “mãe”, e nós “Mamá”.

Minha mãe pressentia que partiria antes, e desde muito cedo procurou que eu me apegasse muito a ele. Por isso, desde pequeno, acompanhava-o quando fazia suas visitas aos doentes, e ficava esperando-o no carro. Éramos muito, muito unidos.

Ele pensava, logicamente, que minha mãe ia sobreviver a ele: era onze anos mais velho! Mas Deus sabe mais.

Depois da morte de minha mãe, sua relação com meus irmãos se dulcificou. Pelo que me disseram, antes exigia-lhes bastante, porque contava com o contrapeso do carinho de mamãe. Mas a partir daquele acontecimento, mudou. E um de seus grandes sonhos era ver-me crescer. **Será que verei meu filho pequeno terminar o colégio? – perguntava-se –. Será que o verei entrar na Universidade?**

E cuidou de mim como se fosse um jovem pai de vinte anos. Agora me dou conta de tantas coisas! Dizia-me:

– Prepare-se, José Luis: na semana que vem vamos a Río Dulce!

Com quase setenta anos, penso que não seria muito divertido para ele ir a Río Dulce; mas levava-me, e fazia tudo o que pudesse divertir a um menino de dez anos. Costumávamos ir nos primeiros dias da Semana Santa, do sábado anterior a Ramos até a Terça-feira Santa.

Viajávamos a Tikal e hospedávamo-nos em um bangalô incômodo, que possuía o encanto de estar em plena selva. Ainda me vejo de noite, ao seu lado, no escuro, escutando os gritos dos macacos...

Foi meu melhor amigo. Não sei como expressá-lo: tínhamos um carinho bárbaro um pelo outro. Depois da morte de minha mãe, poderia ter-se fechado em si mesmo, dedicando-se a revolver suas penas e chorar sua ausência; porém pensou em nós e lutou contra sua tristeza. Compreendeu que seus filhos, e especialmente eu, que era uma criança, necessitávamos sua alegria e seu sorriso.

É um dom de Deus saber superar-se nessas circunstâncias. Sempre pensei que esse dom lhe foi concedido por intercessão de minha mãe desde o Céu, das mãos da Virgem.

E poucos anos depois, em minha juventude (porque, embora vocês não acreditem, eu também tive quinze anos), sabia que se lhe contasse qualquer problema, por mais grave que fosse, ele me diria como solucioná-lo, sem assustar-se com nada. Confiava plenamente nele. Sinto tanto sua falta... Gostaria de poder perguntar-lhe tantas e tantas coisas!

Escutava-me e compreendia-me, apesar da diferença de idade: pensem que tínhamos a ninharia de... 57 anos de diferença!

Depois – é a lei da vida – quando se viu sem forças, coube a ele confiar em mim.

Mas deixaremos isso para a próxima carta. Muitos beijos. Continuarei dentro de poucos dias.

Papai.

Décima carta: 1965

18 de fevereiro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Como tantos cristãos, o avô tinha o sonho de ir a Roma e peregrinar ao túmulo de São Pedro. Cumpriu esse desejo em outubro de 1965. Fez uma escala na Espanha, onde visitou algumas iniciativas apostólicas do Opus Dei, como Tajamar, em um bairro operário de Madrid, e Molinoviejo, uma casa de retiros perto de Segóvia.

De Madrid viajou a Roma e realizou seu sonho: esteve perto do Vigário de Cristo e rezou diante do túmulo do Apóstolo Pedro.

Em 9 de outubro, um sacerdote que começou o trabalho apostólico do Opus Dei no México, d. Pedro Casciaro, acompanhou-o até Villa Tevere, onde vivia o Fundador. O que lhes conto procede das notas que o avô tomou assim que terminou o encontro.

O avô era consciente da transcendência daquele encontro: **A qualquer momento – escreveu – apareceria o Padre, e eu estranhava não sentir-me temeroso ou inibido. Somente estava ansioso, como um filho que por muitos anos não viu seu pai: era um sentimento de confiança acompanhado de muito amor.**

Na hora zero de minha vida, abriu-se a porta da saleta e o Padre apareceu no umbral: de altura mediana, cabelos negros, traços agradáveis; seu passo era firme, desenvolto; um sorriso acolhedor iluminava seu rosto.

Impressionou-o a alegria do Fundador. O mesmo aconteceu, em um encontro com ele, a d. Samuel, um empresário amigo do avô, de raça e religião judia, cooperador do Opus Dei, de quem lhes falarei em outra carta. Dom Samuel viu-se na obrigação de recordar ao Padre que era judeu. E o fundador lhe disse:

– Dá-me um abraço, meu filho, porque você também é filho de Deus!

E o avô escrevia: **Dom Samuel disse que ninguém o recebeu antes com expressões mais sinceras e efetivas de carinho.**

As primeiras palavras do Padre, antes de que se sentassem, desconcertaram-no:

– Meu filho, o que veio ver? Eu não sou nada além de um pobre pecador. Tenho muitas faltas, e – sabe, meu filho? –, de algumas dou-me conta e retifico, mas temo que outras me passem inadvertidas...

Falou-lhe de amor ao Papa e à Igreja, recordando-lhe alguns princípios cristãos para que os transmitisse aos demais. “É urgente ter doutrina clara”, disse-lhe, perguntando-lhe com tom afetuoso:

– Está claro, meu filho, o que lhe estou dizendo?

Insistiu na necessidade de amar a todos, sem distinções:

– Temos de amar a todos, ainda que não pensem como nós, ainda que nos sejam contrários!

Aconselhou-lhe que respeitasse as livres opiniões culturais, políticas, ideológicas, etc., dos demais, aprendendo a ceder.

– Isso não quer dizer – esclareceu – que uma coisa está bem quando está mal. No que você não deve ceder é na doutrina da Igreja. Isso já não é seu, e portanto cabe manter uma santa intransigência. Com amor e compreensão, você pode aproximar muitas almas de Deus; porém com discussão e polêmica só conseguirá afastá-las...

E de vez em quando dizia-lhe:

– Você vê, meu filho? Eu sou somente um pobre pecador. Todos devemos sentir-nos pecadores diante de Deus Nosso Senhor.

Comentou-lhe que no Opus Dei há uma mesma vocação para todos, sacerdotes e leigos, solteiros e casados:

– Que fique claro: não é uma vocação diferente para os sacerdotes, para os numerários e para os supernumerários. É a mesma vocação que Deus quis dar-nos a todos, no lugar e condições em que nos encontrou o Senhor.

Portanto, todos deviam alimentar-se da mesma panela: o amor a Deus.

– No Opus Dei, todos comemos da mesma panela: não há uma para mim e outra diferente para você: é a mesma. Você põe a sua colher e toma, assim como eu.

Ao terminar, disse-lhe algumas palavras que lhe ficaram gravadas na alma:

– Queira Deus que possamos você e eu comer dessa panela no Céu...

Aquele longo encontro, de mais de uma hora, deixou uma profunda marca em sua vida. Foi uma confirmação e uma reafirmação de sua entrega a Deus. Uma entrega que foi muito generosa, sob muitos pontos de vista; também o econômico: pensem que com o dinheiro que havia ganho, podia ter comprado uma grande mansão e aproveitado todo tipo de comodidades; mas decidiu continuar nesta mesma casa, com os mesmo móveis que tinha quando se casou, vivendo sobriamente.

E que fez com seu dinheiro? Deu-o a mãos cheias aos demais: a seus filhos, à Igreja, aos apostolados do Opus Dei, às pessoas necessitadas. A casa de San Juan, por exemplo, onde foi tão feliz com minha mãe, doou-a para que se fizessem iniciativas sociais de alfabetização e educação de adultos.

Não se preocupou com ostentações vãs. Em toda a sua vida de casado, só fez uma viagem à Europa com a avó, como lhes contei, e foi uma viagem de trabalho, da qual derivaram grandes bens para a Guatemala, porque trouxeram a vacina contra a tuberculose. Só estreou um ou dois carros novos em toda a sua vida: o resto foram carros usados. Viveu sempre com o justo, sem excessos.

Dez anos depois, em 1975, o avô voltou a estar com o Fundador, quando este veio à Guatemala. **Vem com um único propósito – escreveu –: falar de Deus, e é isso que faz, tanto em reuniões limitadas ou individuais, como nas grandes tertúlias, às quais assistem milhares de pessoas. Apesar das dimensões gigantescas dessas tertúlias, não se chega a perder o ambiente de família. Nelas – como vimos em vários filmes – o Padre se entrega sem medida.**

Em um longo texto, relata com detalhe a chegada do Fundador à Guatemala em 15 de fevereiro de 1975. Conta o cansaço que sentia o Padre, depois de muitas semanas de catequese por diferentes países da América e do episódio de gripe que sofreu assim que

chegou. Essa enfermidade impediu-lhe reunir-se com as centenas de pessoas que desejavam vê-lo.

Por causa de seu estado de saúde, o Padre teve apenas três encontros. O avô esteve em um deles, que se realizou em 18 de fevereiro, com sacerdotes.

Vocês se perguntarão por que esteve precisamente nesse. Muito simples: porque foi realizado em Ciudad Vieja, junto ao escritório onde o avô trabalhava, e este o acompanhou pela janela.

Para mim – dizia – esta foi a primeira vez que podia ver na Guatemala o Padre, a quem recordava perfeitamente em minha visita a Roma em 1965. Vê-lo e ouvi-lo proporcionou-me sentimentos contrastantes: por um lado alegria, por outro pena, ao dar-me conta de que o Padre não estava bem.

A voz não tinha o vigor que lhe conheço – que se pode observar nos filmes que lhe fizeram –; seus gestos careciam da vivacidade que lhe é habitual; a expressão de seu rosto era doce como sempre, mas sem essa força que lhe é habitual.

Dir-se-ia que estava fazendo um esforço, um esforço talvez não aparente aos que nunca o viram antes.

O que sim permanecia invariável era o conteúdo do que dizia, o vigor e a força de seus argumentos, a rapidez e oportunidade de suas respostas, a enorme carga espiritual que continha tudo o que expressava.

Ficaram-lhe muito gravados os ensinamentos do Fundador, que trataram, logicamente, de temas sacerdotais. Disse que os sacerdotes deviam dedicar tempo ao sacramento da confissão; pregar a Palavra de Deus com fidelidade à Fé; prestar obediência e respeito a seu Bispo; e manifestar seu amor à Eucaristia.

Ao terminar, o avô aproximou-se para saudá-lo:

– Que alegria em ver-te, meu filho! – disse-lhe o Padre. – Que Deus te abençoe!

Nesse mesmo dia, foi com seus amigos Rafael e Mary de Piñol, que haviam ajudado em tantas iniciativas apostólicas, e estiveram alguns instantes com o Fundador, que quis recebê-los apesar de estar muito doente.

O Padre chegou à sala em que nos encontrávamos – escreve o avô –, sempre com seu aspecto de cordialidade e carinho. E logo ao entrar disse a Mary:

– Minha filha, sei da valiosa ajuda que tens prestado à Obra, e agradeço-o de todo o coração.

E Mary respondeu-lhe:

– Padre, meu marido e eu ficamos muito felizes de poder servir à Obra, e somos nós que agradecemos tê-lo podido fazer.

E com a rapidez e expressão sincera que é própria do Padre, a resposta foi:

– É verdade, minha filha; se não me tivesses dito, tê-lo ia dito eu: temos de estar agradecidos de que Deus nos permita servir-lhe!

O tempo passou rápido; estávamos conscientes de que o Padre tinha que fazer um esforço, quando na realidade devia estar descansando.

E disse-nos:

– Neste mundo somos todos viajantes. Vou dar-lhes a bênção de viagem.

Foram poucos minutos, mas deixaram em Mary e em mim um profundo sentido de agradecimento... E ficou mais claro que devemos dar graças a Deus quando nos permite servir-Lhe.

Há muito mais textos do avô. Porém deixo-os por hoje, porque já ficou tarde. Como disse o poeta: *já são onze, e eu durmo/ fica para amanhã.*

Com todo o carinho,

Papai.

Décima primeira carta: 1965-1971

30 de março de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Estive pendente das notícias da viagem do Papa à Terra Santa, que deram na televisão. Tanto, que gostaria de tê-las gravado todas. A propósito, Jorge, você se lembra de quando ajudava o avô a sintonizar os canais, porque ainda que ele tivesse preparado seu próprio manual, tinha muitíssima dificuldade...?

Essa viagem do Papa foi um fato histórico inesquecível. Deus concedeu-lhe um de seus grandes desejos: rezar no Sinai, em Nazaré, em Belém, no Santo Sepulcro...

Interessava-me especialmente o encontro do Papa com os rabinos, e agora lhes direi por quê. Consegui baixar o texto da internet, e estas são as últimas palavras do discurso:

“É muito o que compartilhamos. É muito o que podemos fazer juntos em favor da paz, da justiça, de um mundo mais humano e fraterno. Que o Senhor do céu e da terra abra diante de nós uma nova e frutífera era de respeito e cooperação mútua, para benefício de todos”.

São as mesmas ideias, em síntese, que disse, há quase 30 anos, d. Samuel Camhi, um amigo judeu do avô, do qual lhes falei.

Dom Samuel era um empresário muito conhecido na Guatemala, e em sua casa queriam tanto ao avô que o chamavam “tio Neto”. E tenho amizade com alguns de seus filhos.

O avô o conheceu através de d. Salomón Elías, seu procurador, que os apresentou no começo dos anos 60. Pediu-lhe algumas bolsas para universitários de poucos recursos de Ciudad Vieja, e tornaram-se grandes amigos. Tinham muitas coisas em comum: eram quase da mesma idade; haviam conhecido a dor em sua infância, se bem que a de d. Samuel estivesse especialmente marcada pelo sofrimento; e compartilhavam um grande desejo de ajudar a infância e as pessoas necessitadas.

Dom Samuel havia nascido em Esmirna, no seio de uma família sefardita muito pobre, e ficara órfão de pai aos dois anos. Sua mãe foi viver com os três filhos em Jerusalém, onde passaram mil dificuldades, e acabou dando-o para adoção a um casal sefardita, os Camhi, quando tinha quatro anos.

Isso afetou-o muito. Eram os anos da Primeira Guerra Mundial, e ficaram-lhe gravadas as imagens das crianças desnutridas e andrajosas, vagando pelas ruas de Jerusalém. Havia começado a estudar em uma escola de origem francesa, porém fecharam-na quando a guerra terminou, e perdeu a oportunidade de estudar em Paris.

Paris! Talvez, se a história tivesse seguido outro curso, tivessem coincidido na França... Os dois tinham o “sonho de Paris”: era o sonho tornado realidade do avô, e o sonho impossível de d. Samuel.

No começo dos anos 20 morreram os pais adotivos de d. Samuel, que ficou novamente só. Decidiu emigrar para a América, e chegou em 1924 à Guatemala, sem nada. Três anos depois já havia instalado uma pequena loja, o armazém “*Mi Amigo*”; e quando o negócio começava a andar... desencadeou-se a famosa crise de 1929, e teve que começar outra vez, quase do zero.

E assim, vencendo mil dificuldades, foi prosperando, à força de trabalho, e fundou um negócio de roupas infantis, outro de brinquedos, e uma fábrica de tecidos.

Foi nessa época que conheceu o avô. Tornaram-se logo amigos, e em 1963 d. Samuel esteve em Junkabal, um centro dirigido por mulheres do Opus Dei, que está localizado na zona 3, junto ao aterro sanitário. Uma zona de pobreza incrível.

Dom Samuel, ao ver a ajuda que davam àquelas mulheres tão necessitadas, deu imediatamente seu apoio econômico. E anos depois, em 15 de maio de 1971, quando se inaugurou o novo edifício de Junkabal, o avô fez um grande elogio de seu amigo:

– Dom Samuel foi um comerciante de visão clara, que conseguiu obter muito dinheiro em seus negócios...

Porém esses lucros foram saindo pela porta de seu coração para fazer boas obras: leva pão onde há fome; alegria onde há lágrimas; e possibilidade de melhoria onde se necessita, como nesta escola de Junkabal.

Por isso, quando conheceu o espírito de serviço que anima as obras do Opus Dei, quando conheceu Junkabal, apaixonou-se por essa iniciativa, e desde 1964 prestou-lhe toda a sua colaboração. Graças a d. Samuel conseguimos terminar

Junkabal, destinada a todos os que aspiram a melhorar, sem levar em conta diferenças de raça, condições sociais, econômicas ou religiosas.

Aqui cumpriu o que prometeu a si mesmo em Jerusalém, quando era menino, demonstrando que possui um grande coração; e que um homem vale o que vale seu coração.

Dom Samuel escutava-o emocionado, e saltaram-lhe lágrimas dos olhos quando foi descoberta, em um dos muros de Junkabal, uma placa com esta inscrição:

Fundação Samuel Camhi

O Patronato, as professoras

e as alunas de Junkabal

a

DOM SAMUEL CAMHI

Em homenagem perene

por sua generosidade, altruísmo,

sensibilidade social e desvelo

pela juventude.

“Este dia é muito especial para mim” – disse d. Samuel – “porque Deus me deu a vida e a oportunidade de poder cumprir minhas promessas de ajudar os pobres. Agradeço de todo o coração o que recebi do Divino Criador do Universo.

“Os judeus e os católicos devem cumprir o mandato divino: ‘Ama o teu próximo como a ti mesmo’. O egoísmo humano impede tantas vezes que isso se cumpra; porém se todos pudéssemos diminuir o egoísmo e amar-nos mais, o mundo mudaria”.

Durante esse tempo, em 3 de outubro de 1969 a universidade de São Carlos concedeu-lhe sua máxima distinção: a medalha universitária. Poucos meses depois, em 26 de janeiro de 1970, nas últimas horas da tarde, Mary de Piñal telefonou-lhe para dizer que a Irmã María Teresa Vanegas havia falecido em um acidente. **As rodas cruéis de um trem fizeram capotar o carro em que viajava – escreveu o avô – e ela, que cumpria sua missão na Nicarágua, foi diretamente para o Céu.**

A súbita e tremenda notícia deixou-me aniquilado – dizia, evocando seus anos no Hospício –: ... um trabalho em que os dias somaram-se para tornar-se meses e anos...

Juntos estivemos na batalha, juntos lutamos, juntos passamos penas e alegrias...

E o fato é que realmente a única coisa por que vale a pena viver é o amor; é ele que transforma todos os atos de nossa vida; é o que faz que as coisas pequenas tenham um grande significado.

Cumprir a missão que o Senhor dá a cada um em seu lugar, sem querer sair dele.

E nada mais por hoje.

Com todo o carinho,

Papai.

Décima segunda carta: 1972-1974

23 de junho de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Passavam os dias e não sabia o que lhes contar sobre este período da vida do avô – os anos 1972, 73 e 74 –, até que, procurando entre seus papéis, encontrei uma longa carta que escreveu justamente em 23 de junho de 1973. Por isso quis datar esta carta hoje, quando se completam exatos 27 anos.

O avô intitulou a carta “Relato de um sábado”, e transcrevo-a tal como está.

Sábado, 23 de junho de 1973

O que vou relatar sucintamente sucedeu neste sábado, dia que sempre tenho mais dedicado a tributar a Nossa Mãe provas de terno carinho filial.

Em um lapso de tempo de 8 horas foi-me dado viver uma série de situações que marcaram profundamente em minha alma, como setas atiradas com força, o amor e a compreensão do Espírito Santo.

Vou relatá-las resumidamente para poder de alguma forma extravasá-las de meu coração, que estão pressionando.

Ao meio dia tínhamos um almoço em Altavista, nossa casa de retiros – lugar encantador, que parece libertar-se da terra para alcançar o Céu –. Estavam ali: d. Antonio, Enrique, Julio, Victor e Óscar. Como convidada, uma amiga muito querida, María, que fez muito pela Obra. Eu também estava de comensal.

De que se tratava? De um almoço cordial, no qual íamos encaminhar os trâmites para alguns terrenos nos quais construir um colégio de rapazes: el Roble.

Era, portanto, um almoço de trabalho, e a finalidade clara: esse colégio, fonte de vocações de filhos e pais, lugar de formação para uma juventude a que se procura confundir e perverter.

Termino o almoço, e com isso começo a sentir o sono que sempre me atinge pelo costume de dormir uma sesta modesta, mas imperiosa.

Após o almoço, e passada a tertúlia, tudo me convidava a uma curta e desejada sesta. Mas aconteceu que havia assumido um compromisso, e – que fazer? – tinha que cumpri-lo.

Tratava-se de reunir-me em Junkabal – nossa escola de capacitação para a mulher – com um grupo de moças estudantes de Medicina, com as quais nos propunhamos realizar um estudo médico das alunas dessa instituição.

Atuava como líder do grupo – eram cinco – uma jovem de 19 ou 20 anos, que reflete em seu rosto o que leva em seu coração. Ali as encontrei atarefadas nos exames, para os quais lhes dei algumas orientações.

Trabalhamos cerca de duas horas, e ao terminar, Beatriz, nossa jovem líder, conseguiu colocar em prática sua ideia: levar suas companheiras à meditação e Benção que haveria em Verapaz, Residência de Estudantes Universitárias, e ali passei para deixá-las, onde se reuniram com um grupo bastante numeroso de moças.

Em Junkabal encontrava-se a Diretora, trabalhando com duas de suas assistentes, entre elas Lidia, empregada da portaria e que sabe também realizar um ativo apostolado (...). Estava também (não consigo decifrar a letra), que havia reunido um grupo de empregadas domésticas que se encontravam em um Recolhimento conduzido por d. Antonio L.

Tudo isso já estava ficando gravado em meu espírito, ao ver tanta gente jovem em um labor de formação espiritual.

Cheguei em minha casa ao redor das 6: já havia passado a hora da sesta! Em minha mesa havia um folhetinho com uma homilia de nosso Padre: Vida de Fé. Sua leitura me foi especialmente grata. Sentia que minha capacidade de compreensão se havia agudizado.

Perto das 6h45 decidi ir ao Centro de Estudos Superiores, onde habitualmente costumo ir aos sábados para aproveitar a Meditação que se dá aos rapazes, e naturalmente ficar para a Benção. Havia um grupo de trinta ou quarenta.

D. Gustavo a dava a um grupo de uns 30 rapazes que enchiam a pequena capela. Suas palavras eram bem encadeadas e profundas, e dizia algo assim: o jovem egoísta, que não sabe ou não quer entregar-se, é como uma semente encerrada em uma grossa casca; não a pode romper, e por isso não emerge para o exterior; não se transforma em planta e não dá fruto: morre como o avaro enterrado com seu tesouro.

Depois, a benção solene, as nuvens de incenso subindo com as orações... Dormi bem essa noite, e despertei um pouco mais tarde do que o habitual, deviam ser umas 6h30.

Sem o sentir, foram desfilando por minha mente os acontecimentos do dia anterior, e ao mesmo tempo um sentido mais claro e profundo dos mesmos.

Eis que no mundo em que vivemos, quando há uma campanha diabólica para expulsar Cristo dos corações e até de sua Igreja, pode-se ter a felicidade de conviver com pessoas de todas as categorias, idades e sexos, empenhados no contrário: em

reinstalar Cristo nos corações; missão de apostolado e proselitismo, animada pelo Espírito Santo e sustentada pela Virgem.

E eu tenho o privilégio de estar participando nessa tarefa ideal.

Isso era algo habitual nele: quando algo o impressionava, punha-o por escrito para dar graças a Deus. E se era testemunha de um acontecimento que gostaria que outra pessoa tivesse presenciado, relatava-o por escrito com detalhes, como demonstração de carinho.

Conta em outro texto que em 28 de setembro de 1973 foi à Universidade para a formatura de um dos primos. Tinha 74 anos, e estava tão bem de aspecto que costumavam dizer:

– Neto! Você parece jovem!

– **Pois tenho 74 anos.**

– Ah, sim? Pois como está bem conservado! Eu lhe daria dez ou quinze anos menos!

O ato acadêmico começava às oito, em teoria, mas atrasou como de costume, e terminou às nove da noite. Quando saiu da universidade, estava chovendo a cântaros.

As tias e os primos ficaram conversando nos corredores da Faculdade, e o avô foi de carro até a casa da tia, no Boulevard da Libertação, onde haviam marcado de celebrar.

A zona universitária estava mal iluminada e a água caía com tal intensidade que o pára-brisas não conseguia conter as rajadas de chuva sobre o vidro. Na área de Trébol melhorou a iluminação. Chegou até o semáforo que há no cruzamento com a Avenida de la Castellana e estacionou no outro lado do Boulevard.

Continuava chovendo muito. Abriu o guarda-chuva e começou a caminhar para o Boulevard, até que se deu conta de que não podia atravessar para o outro lado, porque descia uma correnteza de quase um metro e meio. Os carros circulavam a toda velocidade, levantando grandes cortinas de água ao passar.

Que fazer? Uma possibilidade era subir no carro de novo e contornar a rua; mas decidiu ir caminhando por uma viela estreita que havia junto a um muro, para subir até a ponte da estrada de ferro e cruzar por cima dos trilhos.

A seu redor tudo estava escuro e solitário. Só se via, ao longe, a porta iluminada de um templo evangélico. Avançou em direção à ponte, e quando estava na altura do muro, sentiu um golpe seco no estômago, enquanto um homem lhe apertava o pescoço com seu braço. Estavam-no assaltando.

Eram dois homens. Não pôde ver seus rostos durante o ataque. Derrubaram-no na lama aos empurrões, e começaram a tirar-lhe todos os objetos de valor que levava, muito nervosos.

– Rápido, arranque-lhe tudo! – gritou o que o mantinha preso pelo pescoço, ao ver que o outro não conseguia tirar-lhe o anel do dedo.

Pouco depois, deixaram-no estendido na lama, e fugiram correndo. Em poucos segundos aproximou-se um policial, que se assombrou de vê-lo naquela situação.

– O que aconteceu?

– Acabam de me assaltar dois homens, que foram correndo para lá!

O policial saiu atrás deles, enquanto o avô, ainda mais estupefato por esse segundo encontro (que significou para ele – assim o disse sempre – como encontrar-se com seu Anjo da Guarda), recuperava-se, confuso e dolorido. Resgatou seu guarda-chuva, meio afundado no barro, e começou a caminhar pela escuridão, cambaleando.

Quando chegou à casa, e viram-no com o rosto lívido e a roupa enlameada, espantaram-se e começaram a fazer-lhe perguntas.

– Não se preocupem, não se preocupem. Estou bem, não é nada...

Às tias, que o ajudaram a trocar-se, contou o que havia ocorrido. Estava bem, embora lhe fosse difícil engolir e sentisse uma forte dor na boca do estômago.

Para qualquer pessoa da sua idade, um acidente assim supõe, além de um susto considerável, uma causa de inquietação. Para o avô, que se esforçava por ler a vontade de Deus em todas as situações, foi como palpar o amor de Deus; e quis pô-lo por escrito – empregando a terceira pessoa para referir-se a si mesmo –, para não se esquecer nunca daquela experiência:

Todo o ocorrido não fez senão firmar nele sua fé profunda, bem arraigada em Deus, mas um Deus que ele sente que está muito próximo, tão próximo que vive em seu coração, que se dá a ele em alimento diário, que está intimamente mesclado a todas as atividades de sua vida.

Para ele é um fato, do qual não tem a menor dúvida, que Deus lhe outorgou uma vocação divina e o chamou a Seu serviço, sem tirá-lo do lugar em que se encontrava: no meio do mundo, no seio de sua família, esposa e filhos, no exercício de sua profissão, em todo o seu labor social.

Tampouco lhe resta dúvida de que, apesar de sua insignificância, de sua miséria e de seus erros, Deus dignou-se fazê-lo Seu instrumento para realizar muitas coisas em benefício dos demais e para levar-lhes ao mesmo tempo Sua Palavra, para aproximá-los de Si.

Sabe perfeitamente que tudo o que recebeu são dons gratuitos para os quais não pode pretender nenhum merecimento. Dons que tem de fazer dar fruto, e de cuja gestão terá que prestar contas, quando o Senhor determine o momento em que deve deixar este mundo.

Em sua mente e em seu coração forjou-se o sentimento de que Deus é para todos – e especialmente para os que O amam – o Pai mais amoroso e mais cuidadoso que se possa imaginar; melhor que todos os pais e mães do mundo juntos.

Pela Fé está convencido de que Deus trata suas criaturas, mas a cada uma de maneira individual: com nome e sobrenome. Sua bondade não se exerce simplesmente sobre uma multidão ou um desconhecido, mas com uma criatura determinada, um *filho* seu, irrepetível.

Como conceber que no enorme, incomensurável formigueiro que é o mundo, Deus possa reconhecer individualmente a cada uma de suas formiguinhas?

A Fé nos diz que Deus é onipotente, e por isso está em todas as partes, em todo lugar e com cada uma de suas criaturas.

Ao mesmo tempo, Deus é AMOR, porém em um grau que nossa mente humana não consegue conceber. Tão grande é seu AMOR que nos deu seu Filho Unigênito para redimir-nos.

Só desse modo se pode conceber que, sendo nós menos do que insignificantes, ocupe-se em particular de cada um e se esforce para que nos aproximemos dEle.

Entendeu também que, através daquele episódio, Deus o animava a trabalhar mais a Seu serviço e a abandonar-se em Suas mãos.

O pobre homem, humilhado, enlameado e golpeado, levantou-se e imediatamente sentiu-se fortalecido ao admitir, assombrado, a intervenção de Deus. *O Senhor é minha luz e salvação. A quem temerei?*

Naquele acidente dramático, o Senhor fez-se presente àquele homem, mostrou-lhe Seu amor, fez-lhe ver que queria que continuasse trabalhando, que desse muito fruto, sem pensar se são muitos ou poucos os anos que ainda lhe restam de vida.

E cresceu naquele homem a confiança em Nossa Mãe – aquela que seguiu seu Filho no cruento caminho até o Calvário. A que esteve ao pé da Cruz, aquela mesma a quem Cristo disse, antes de expirar: MULHER, AÍ TENS O TEU FILHO.

No final das contas, não aconteceu nada de grave: um tremendo susto, uma roupa enlameada, rosto e mãos no lodo, dor no pescoço e no estômago, e umas poucas coisas perdidas... na realidade, praticamente nada.

Porém para esse homem o ocorrido teve um significado muito profundo: sentir em sua carne a presença real e amorosa de Nosso Pai Deus, protegendo-o, salvando-o.

O que aconteceu a nosso amigo é um privilégio que sem dúvida não muitos têm a ocasião de viver. É necessário para isso ter estado consciente de encontrar-se à beira da morte e ter sido salvo de maneira milagrosa. Mas sobretudo saber, com firme convicção, que quem o levantou do chão, quem lhe estendeu sua mão poderosa foi o próprio Senhor: Ele, que em seu caminho até o Calvário teve de levantar-se sem ajuda, por três vezes, para poder chegar até a Cruz Redentora.

Outros textos seus tratam de questões espirituais, familiares ou médicas. Neles se comprova que o avô foi, até o dia de sua morte, um médico dos pés à cabeça.

“Foi médico” – afirma Alejandro – “no sentido mais amplo da palavra: médico é o que procura a saúde de seu paciente e luta corajosamente contra a morte, exercendo essa profissão com sublime abnegação; e o doutor, quando era necessário, além de procurar a saúde para o corpo, procurava também a saúde da alma”.

Encontrei algumas páginas comovedoras que recordam a morte da avó Sofia, “Mamá”. Quando pequeno, parecia-me natural que ele a chamasse de “mãe”, e que tivesse tantos detalhes de carinho com ela. Agora dou-me conta de que manteve com sua sogra uma relação de afeto excepcional. Cozinham juntos, levava-a a todas as partes, e cuidava-a como se fosse sua própria mãe.

“Mamá” foi-se apagando pouco a pouco ao longo de 1973. Em outubro começou a ficar na cama, e o avô ia a seu quarto, lia-lhe um livro para que se distraísse, rezava com ela e a consolava.

No mês de novembro, durante uma recaída, escreveu um longo relato, que intitulou “os últimos dias de uma mãe”, como um detalhe paternal para conosco, seus netos, para que soubéssemos o que aconteceu durante aqueles dias.

Como veem, havia sempre uma razão de amor e de carinho em tudo o que fazia.

Quinta feira, 15 de novembro de 1973

A noite não foi especialmente ruim – dormiu até as 11 pm e seu sono pareceu normal –. Por volta das (não entendo a letra) despertou com dor – o que acontece quase sempre – e deram-lhe um comprimido.

Essa noite eu dormia em seu quarto: agradou-lhe sentir-me próximo, e provavelmente ocorre que – além do carinho – sente-se mais protegida, se estou mais à mão. Acontece na doença e na velhice que se produz um retrocesso à infância: e as crianças gostam de sentir-se protegidos, assim dormem mais tranquilos.

Meu despertador tocou às 5h15, horário habitual. Ela me disse: “não sei o que se passa, mas sinto-me muito mal e não é por dor”. Isso já havia acontecido no sábado anterior, quando teve uma crise de taquicardia muito forte.

E era isso mesmo que lhe estava acontecendo: desencadeara-se uma crise de taquicardia com arritmia: o pulso era difícil de palpar e ainda mais de contar; a pressão sistólica havia baixado. O mal estar era grande.

No momento ocorreu-me dar-lhe um comprimido de Segontus e esperar o efeito. Não me atrevia a dar-lhe Digilamid por medo de causar-lhe uma somação de efeitos.

Não me afastei de seu lado, e estive ao pé de sua cama enquanto fazia minha oração costumeira.

Às 6h30 deixei-a um momento para fazer minha higiene habitual. Ao regressar disse-me que continuava sentindo-se mal e que não a deixasse só: ela sabia que era minha hora de ir à Missa.

Ali fiquei: pulso incontável a 140 por minuto, pelo menos.

Telefonei ao Dr. Carlos de la Riva, consultando-o sobre o caso; ofereceu-se – e o cumpriu – vir imediatamente. Achou o quadro muito alarmante, com perigo de que o coração entrasse em fibrilação.

Chamamos o Dr. Alfredo Saravia, e enquanto isso Carlos também não se afastou de seu lado – naturalmente, avisei por telefone a María e José Luis, seus filhos.

Carlos de la Riva comporta-se com minha mãe como se fosse a sua. Cada vez que chega beija-lhe o rosto, e usa com ela sua voz mais suave, mais consoladora. Sua mão de excelente cirurgião acaricia com a suavidade de uma mão de criança.

Permanece a seu lado, infundindo-lhe confiança: fala pouco e inspira muito.

Para mim é um grande consolo tê-lo perto: sinto-me apoiado e compreendido.

Perto das nove – em menos de um segundo –, produziu-se o que se chama (não entendo a palavra). O pulso, que estava 140, baixou para 88 e tornou-se regular; a pressão normalizou-se. Assim a encontrou o dr. Saravia [...].

Ainda estavam lá os colegas amigos quando chegou d. Juan, a quem pedi que lhe trouxesse a Santa Comunhão. É consolador vê-lo chegar, e recebêmo-lo naturalmente com profundo respeito e silêncio.

No centro estava a mesinha redonda com tampo de mármore coberta com uma toalha de linho, dois pequenos candelabros de cristal, o Cristo de meu quarto, que Roberto me trouxe da Espanha, uma pequena vasilha de cristal com água, o frasco de água benta, e o sacerdote, paramentado, diz fervorosamente as orações preparatórias, que todos seguimos com devoção.

Chega o momento solene: “Eis o Cordeiro de Deus...”. “Senhor, não sou digna...”, e a querida mãe se ergue para receber o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo... Bênção final.

Que sensação de consolo: diria que já está “equipada” para sua viagem final, que será quando Deus assim o disponha em Sua infinita Misericórdia: Ele escolhe o momento em que a alma está pronta para voltar a Seu Seio.

Já vejo o caminho que vai se alargando e torna-se luminoso em seu final: Jesus, com os braços abertos, como o pai do filho pródigo, espera-a, e estreitá-la-á contra Seu Coração.

Já não mais dores, já não mais angústias. Ela, que soube cumprir, recebe a coroa reservada aos justos – “a coroa de vida que Deus prometeu aos que O amam”.

Esta é a verdadeira conversão: em questão de um segundo passa-se da vida para a Vida. Que bom seria dar-mo-nos conta desse período transcendente! Porém nossa natureza humana abate-se, e o mal do corpo inibe os sentidos da alma.

Mas, no fundo, que estou dizendo? Só Deus sabe o que se passa naquele coração. Deus é amor e amor é compreender, não colocar limites a Sua Misericórdia.

A bisavó faleceu em 31 de dezembro de 1973, o dia do fim do ano, à uma e meia da madrugada. Quase exatamente dez anos depois que minha mãe perdeu a consciência.

Continuaremos outro dia. Hoje limitei-me a transcrever-lhes essas cartas, porque me parece que deixam descoberto, em carne viva, o coração do avô.

Com todo o carinho,

Papai.

Décima terceira carta: 1974-1981

Agosto de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Nunca esqueceremos na família esses meses de julho e agosto. Há alguns anos, depois da morte do avô, quando saiu a estampa e começaram a chegar notícias de favores a pessoas que se encomendavam a sua intercessão, parecia-nos tão sobrenatural, tão... não sei como expressá-lo, que eu, pelo menos, não me atrevia a imaginá-lo. Era como um sonho, um maravilhoso dom de Deus.

E agora isso está se tornando realidade. Por isso, quando na manhã do último 31 de julho tornou-se público o Decreto de Introdução de sua Causa de Canonização, na presença do Arcebispo, não sabia o que pensar.

Estive durante o ato, assim como mamãe, rezando e dando graças a Deus. É um dom de Deus tão grande que a Igreja inicie sua Causa de Canonização, e que tenhamos estado presentes...

Eu não sabia em que consistiam esses atos. Nunca havia estado em nenhum. Depois disseram-me que foi o primeiro processo diocesano da história da Igreja na Guatemala.

Que responsabilidade! Que grande presente o Senhor nos deu! Nesses momentos, rogava ao avô que intercedesse por nós, por vocês, que talvez tenham a felicidade de vê-lo nos altares – embora nos submetamos de todo o coração ao juízo da Igreja –, para que sigam seus passos, para que sejam bons cristãos e dignos netos seus.

Foi muito bonito quando o Arcebispo tornou público o *nihil obstat* da Congregação dos Santos, declarando que essa Congregação dava sua conformidade para a abertura da Causa

Nesses momentos pedia-lhe por toda a família, pelo Opus Dei, pela Guatemala, pela Igreja em todo o mundo e, em especial, pelo jovens.

Estamos vivendo dias históricos. Víamos na televisão, há alguns dias, as imagens da Jornada Mundial da Juventude, e aqueles dois milhões de jovens junto ao Papa. Já sei que

vocês gostariam de ter estado ali, mas não era possível estar em Roma e aqui ao mesmo tempo, nestes dias tão importantes para nós. Tudo a seu tempo.

No futuro – quem sabe? – talvez vocês façam faculdade na Europa, como os tios, e acabem conhecendo esses países como a palma da mão. Nesta família somos muito viajadores... Fui o único de meus irmãos que estudei na Guatemala; e não porque não tivesse ganas de conhecer o mundo. Se lhes parece bem, conto-lhes essa história com detalhes.

Quando chegou o momento de eu ir para a Universidade, meu pai pensava que devia dar-me as mesmas oportunidades que aos meus irmãos, e perguntou-me onde queria estudar. Pensava que desejaria ir aos Estados Unidos, como meus amigos. Porém eu não queria separar-me de seu lado. Estava convencido de que o que pudesse aprender de um homem como ele era muito mais importante do que o que me poderiam ensinar em qualquer universidade do mundo, e disse-lhe:

– Papai, vou fazer minha faculdade na Guatemala. Quero ficar do seu lado.

Depois, na Universidade, tentei como aluno – e agora, como professor, continuo tentando – fazer as coisas o melhor possível, procurando seguir seus passos. Mas não é fácil. O avô possuía um alto conceito do trabalho do ponto de vista humano, profissional e espiritual.

Muitas vezes li e ouvi falar – escreveu – do que é o trabalho na espiritualidade do Opus Dei; é um elemento essencial para nossa santificação e a dos demais. Portanto, não cabe fazê-lo de qualquer modo.

Explicava que o trabalho santificante e santificador **é aquele que realizamos com todo o amor, com entusiasmo e com empenho de perfeição: fazê-lo cada dia melhor, cada dia mais acabado, tornar a coisa mais insignificante em um ato profissional.**

O trabalho deve estar intimamente mesclado, unido à oração, para que na realidade se transforme em oração. E conseguimos isso quando oferecemos cada trabalho a Deus.

Se nos sai bem: dar graças a Deus. Se nos sai menos bem ou mal, não nos desesperarmos, mas sim colocar todo o empenho para que na próxima vez nos saia melhor.

Na época o avô estava aposentado, o que não significa que tivesse deixado de trabalhar. Não pensem que se dedicava a ler o jornal no jardim! (E olhem que gostava muito de ler. Sempre me perguntei como conseguia ler com tanta intensidade, sem perder a presença de Deus. Se prestarem atenção, em muitos livros da biblioteca há uns papezinhos pequenos, com jaculatórias escritas por seu próprio punho. Vê-se que os utilizava para marcar as páginas e que escrevia naqueles momentos o que lhe saía da alma).

Mas continuemos: aproveitou aquele tempo livre da aposentadoria... para trabalhar durante vários anos na Cáritas, ocupando-se da distribuição de alimentos para cinco mil famílias.

Nada lhe era indiferente. Diante de um determinado problema, procurava fazer tudo o que podia, fosse muito ou pouco, para remediar a situação. Depois do terremoto de 1976,

colocou-se à frente de um comitê formado por profissionais e estudantes, para ajudar as pessoas de Sajcavillá, uma aldeia próxima a San Juan Sacatepéquez.

Ali, sob sua direção, os estudantes de Ciudad Vieja e seus amigos colocaram em andamento uma escola, ajudaram a reconstruir a igreja e a praça central, instalaram banheiros públicos e outros serviços. O avô foi muitas vezes a essa aldeia e apoiou a criação da Fundação para o Desenvolvimento Integral, que segue trabalhando em benefício dessa população.

Ficaram em ruínas muitas zonas do país. Foi um desastre imenso; mas naqueles momentos dramáticos, não se deteve em lamentos estéreis nem se propôs projetos irrealizáveis, fora de seu alcance. Estudou, com sentido realista, o que podia fazer, e o fez.

Em 16 de novembro de 1979, celebrou as Bodas de Ouro de sua profissão. Fizeram-lhe uma homenagem, à qual respondeu evocando, em primeiro lugar, a figura da avó:

Profissão e vida são inseparáveis: ao lado de atividades médico-profissionais e sociais, está a vida do lar, e salta impetuoso do coração, onde dorme, a viva recordação de minha esposa querida, Clemencia Samayoa, com quem a bênção de Deus nos uniu em 1933 e nos manteve em sólida e amorosa união até 1963, quando foi levada a sua morada de paz.

A ela devo – já o reconheci, quando presente na celebração de minhas Bodas de Prata profissionais – o que pude realizar. Ela foi alento nos momentos difíceis; ânimo nos fracassos; alegria no lar que cinco filhos vieram encher...

A ela meu tributo de invariável amor; deixou-me quando soube que estava forte para seguir meu caminho, um caminho que – por acontecimentos que ela conhecia – tornou-se luminoso e com clara visão de uma meta.

Fecho a página, e deixo encerrada entre suas folhas esta pétala de rosa que transcende aromas de amor...

Evocou depois seus anos em Paris e a figura de seus professores.

Tive excelentes mestres, todos muito queridos, que vivem em minha lembrança, ocupando um indiscutível lugar de preferência o Professor Robert Debré, que nos deixou não há muito tempo, após completar 96 anos de uma vida prodigiosa de trabalho em todos os campos da Pediatria, com amorosa predileção pela Pediatria Social.

Quando declinaram suas forças físicas, persistiu sua clarividente produção mental: são dessa época dois livros excelentes, *A Honra de Viver*, relato de sua carreira, e *Vir ao Mundo*, expressão de seu respeito pela vida incipiente.

Visitei-o algumas vezes, a última deve fazer cinco ou seis anos; costumava chamar-me “*mon petit-fils*”, meu neto. Recordo o último almoço em sua casa da rua da Universidade, em volta de uma mesa redonda, o mestre e eu, *tête a tête*, degustando um prato que ele sabia ser de meu agrado.

Em 30 de março, foi nomeado Membro Honorário do Colégio de Médicos e Cirurgiões da Guatemala. Naquele dia, depois de receber a homenagem, na qual se fazia menção a suas realizações profissionais, fez uma espécie de testamento profissional e espiritual, que intitulou “**Mensagem de um pediatra a seus colegas**”.

Transcrevo-lhes a anotação do discurso. A redação é um pouco confusa, porque se tratam de notas para falar em público.

Realmente encontramos-nos todos imersos em um ambiente de sincera e cálida amizade, que convida à confiança, [a falar de] aquelas coisas das quais se costuma falar apenas com os que estão próximos do coração.

Comentou-se com detalhe e com delicada complacência, nascida precisamente da amizade, o que foram minhas atividades nos diversos campos durante esse longo percurso de 50 anos.

É natural que tenha ficado no lugar discreto que lhe corresponde algo que desempenhou em um dado momento uma nova orientação de minha vida.

Sucede com muita frequência que no decorrer da vida – em nosso caminhar intenso e cotidiano – vamos levantando o pó do caminho; o mesmo ocorre com os que nos rodeiam. Esse pó que se levanta vai se depositando insensivelmente no vidro da janela que tem por função manter a claridade em nossa vida interior.

Como o processo é muito lento – dir-se-ia imperceptível – é explicável que no momento sua existência não seja notada, e pouco a pouco vá diminuindo a luminosidade e nos leve a um estado de penumbra.

Com menos luz, as coisas que nos rodeiam vão se tornando menos aparentes, menos notórias. Desse modo, vamos perdendo o sentido das coisas que não estão onde deveriam estar, que se escondem de nós, que se dissimulam; e é assim que, por nos acostumarmos, já não vemos os detalhes.

Isto nos sucede quando paulatinamente nos vamos desacostumando a notar em todas as coisas a presença de Deus; sabemos de maneira abstrata que está em algum lugar, e não é raro que vamos postergando para uma melhor ocasião o relacionarmos-nos com Ele; o que podemos sem dúvida estar seguros é de que Deus não nos esquece nem um único momento...

Li repetidas vezes um pensamento de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer – Fundador do Opus Dei – que teve a força de penetrar muito profundamente em mim e abrir minha mente à meditação. Diz assim:

“A vocação acende uma luz que nos faz reconhecer o sentido de nossa existência. É convencer-se, com o esplendor da fé, do porquê de nossa realidade terrena. Nossa vida, a presente, a passada e a que virá, adquire um relevo novo, uma profundidade que antes não suspeitávamos. Todos os acontecimentos ocupam agora seu verdadeiro lugar: entendemos onde o Senhor nos quer conduzir, e sentimo-nos como levados por esse encargo que se nos é confiado”.

Este pensamento, que deve ser saboreado com a maior delicadeza para que se vá infiltrando em nossa intimidade, vai-nos levando por novos caminhos...

E vai-se destacando com certa luminosidade um fato essencial: pelo próprio fato de possuímos uma natureza humana – dotada de tantíssimos privilégios – torna-se-nos evidente que temos de ter vindo ao mundo com uma espécie de “instrução” que nos leve a ter a atuação que como seres humanos deve corresponder-nos.

Assim passamos a intuir ou conhecer a fundo o que é a existência da Lei Moral Natural, e de seu elemento de apreciação que é a consciência, como uma realidade bem definida, que já não é aquela espécie de capricho que usávamos para dar sentido a alguns de nossos atos.

Pasmamo-nos da riqueza que temos em valores cristãos autênticos, e vemos que desprezamos o ouro puro em troca de bugigangas.

Dessa maneira, é cada vez mais claro o fato de que não cabe sugerir ou buscar uma contradição entre a ciência e a religião: Como é possível que o tenhamos crido, quando é tão evidente que o Autor de ambas só pode ser Deus?

É então que vemos que o que nos corresponde é buscar com afã a Deus em todas as atividades de nossa vida, colocá-Lo na intimidade e no cume de todas as coisas.

Mas como pôde ocorrer essa mudança? É possível que tenha sido um amigo, um cristão corrente talvez, igual a você, que lhe descobriu este panorama de assombrosa profundidade que às vezes é como se tivéssemos medo de aceitar, espantados pelo que nos parece tão profundo e insondável...

Levar-nos ao conhecimento – ao amor – dessas realidades foi o labor a que dedicou (...) sua vida o Fundador do Opus Dei, desde 2 de outubro de 1928; labor que não cessou, e que lançou (...) a voleio a semente espiritual.

Que estranha pareceu ao mundo, no início, essa pregação, que afirmava que todos os caminhos da terra podem ser divinos! Que profundo significado! E que novo era então afirmar que a santificação – isto é, a relação com Deus – está ao alcance de todos, qualquer que seja sua idade, sua posição, sua cultura, ou sua profissão ou ofício...!

Para nós, os médicos em particular, abrem-se amplos horizontes. Nós vivemos imersos na dor, nos sofrimentos e na morte; mas também vemos de perto a recuperação, tão próxima da ressurreição.

Temos que admitir o privilégio de ter sido escolhidos como instrumentos de Deus.

É por isso que devemos ter uma noção muito clara da posição que nos cabe assumir como médicos, e defender-nos contra aqueles que nos querem tornar instrumentos de sabe-se lá quais insanas intenções. Recordemos uma frase orientadora do Professor Jérôme Lejeune, professor de Genética Fundamental na Sorbonne, que diz: “Durante milênios a Medicina lutou pela vida e a saúde, contra a doença e a morte. Toda a inversão da ordem desses termos mudaria inteiramente a própria Medicina”.

Procurei algum outro episódio dessa época, de começo dos anos 80, e encontrei o que disse a seus amigos em 4 de junho de 1979, na véspera de seu aniversário: 80 anos!

Começava assim: **“Aqui estamos entre verdadeiros amigos; não me dá pena ser indiscreto comigo mesmo e correr o véu de minha intimidade”**, e contava-lhes o que havia sentido durante a celebração da Eucaristia: **“Foi como colocar-me diante do Senhor e de sua Santíssima Mãe, implorando seus favores e dizendo-lhe de minha pena por ofender-lhes”**.

Dizia-lhes, em tom de confidência: **“No meu interior batem mil sinos ao entrecocar-se os mais variados sentimentos: recordações que se querem fazer presentes, sem esperar sua vez.**

Devo colocar um pouco de ordem em minha mente para ir pondo em seu lugar, por sua importância e cronologia, os acontecimentos desses anos de minha vida.

É como um gigantesco quebra-cabeças, com milhares de pequenas peças de contornos irregulares. Vão-se identificando por detalhes simples: este pedacinho azul, recorda um tempo feliz; e esta luz, aquela que me feriu no tempo oportuno; aqui uma planta que se inicia; mais adiante a árvore, com muitas folhas... mas não apenas folhas; vejo entre os ramos alguns frutos.

E é apenas uma parte do quadro: falta o que virá agregar-se nos anos – poucos ou muitos – que ainda faltam para terminá-lo”.

Buscando em sua correspondência, encontrei um texto datado de um ano depois. É a resposta a uma carta que lhe escreveu Lourdes, uma amiga da família, por ocasião da doença de seu marido:

“15 de Junho, 1980

Meu querido doutor Cofiño,

O senhor, que estive tão perto de nós desde há 26 anos (para mim) e não me lembro exatamente quantos para Carlos, creio que pode entender o que nos espera agora... tantas coisas belas que compartilhamos, tanto amor que houve, tanta felicidade, agora vai tornar-se tão dolorosa... e sabe de uma coisa?... ainda que me digam com todo o carinho que tudo correrá bem, e assim o desejo... no fundo do meu coração há outras palavras da Virgem, recebo outras mensagens de Deus, o que nunca antes me havia acontecido... por que agora? Por que me sinto agora assim, como em um deserto?

E não me falta a fé, não me falta a presença de Deus... este grande mal que há dentro de mim é ainda maior do que o que foi encontrado em seu exame de Carlos... dói tanto, faz-me chorar como uma menina, faz-me compreender ou sentir algo que nunca vivi... mas o aceito; dr. Cofiño, despedaçame, mas o aceito, e quero transformá-lo em remédio e quero transformá-lo em agradecimento a Deus por tanto que me deu... mas não consigo... sinto-me sozinha em um deserto... não consigo pensar... sinto apenas que algo muito forte

me invade e me domina... mas Deus não me abandonou e não me abandonará nestes momentos, e aceito toda a Sua divina vontade...

Receba meus carinhos mais sinceros, não tenho que dar-lhe as palavras, o senhor as sente, até logo.

Lourdes.”

O avô respondeu-lhe imediatamente:

“17 de junho de 1980

Minha querida filha Lourdes,

Leio esta manhã com profunda emoção em meu querido escritório do Centro Universitário sua dolorosa carta, nestes momentos em que o seu coração – o meu também – encontram-se apertados diante de uma realidade, um fato que não estávamos preparados para receber.

Quero que sinta, querida Lourdes, que o deserto em que diz encontrar-se no momento possa ser transformado em um jardim, regado com suas lágrimas de amor e vivificado com a presença de nossa Santa Mãe de Guadalupe.

É uma nova etapa da sua vida com Carlos: você lhe dará otimismo, tirar-lhe-á o desalento e lhe dará coragem, confiança e fé em sua recuperação.

É certo que vocês se encontram em um momento muito difícil, porém não desesperado, como teria sido há alguns anos. A ciência progrediu e segue progredindo. A doença é controlável e logo será totalmente dominada.

A Virgem só pode enviar-lhe mensagens de esperança; Ela, que sabe de dores, soube estar erguida ao pé da Cruz. Foi ali que Nosso Senhor no-la deu por Mãe...

Passados estes primeiros dias, você recuperará a confiança e a coragem de sempre para seguir lutando. Já sabe: estou com vocês.

Ernesto.”

Durante esses anos eu estudava na universidade; e era namorado da mamãe, desde 23 de maio de 1974. Um belo dia de 1979 decidimos casar-nos, e combinei com o avô de apresentá-la em casa.

Já lhe havia falado muito dela, exceto de um aspecto: mamãe não era católica. Não o dissera, não por falta de confiança, pois podia perfeitamente contrariá-lo, e sabia que ele me escutava, valorizava minhas opiniões e as ponderava: confiava muito em mim!

Porém falara-me tanto da necessidade de que, quando me casasse, minha mulher e eu déssemos uma boa formação católica aos filhos... que não sabia como dizê-lo, e fui

deixando mais para a frente. E como no primeiro dia em que mamãe veio para casa não falamos de religião, quando foi embora, pensei que não tinha percebido.

Como que não ia perceber?! Tinha um dom especial, uma forma de olhar que entrava na alma; e naquele dia, em um momento em que os deixei sós, estiveram conversando sobre a fé cristã e começou entre eles, mais que a relação entre um futuro sogro com sua futura nora, a relação de um pai com sua filha.

A partir daquele dia, mamãe foi-lhe perguntando suas dúvidas, e o avô foi-lhe explicando as verdades da fé com muito carinho. E assim, pouco a pouco, mamãe foi se aproximando do catolicismo, e começou a vir à Missa conosco aos domingos.

Passou o tempo; e quando mamãe já tinha um firme desejo de batizar-se, diagnosticaram-lhe uma doença que podia ser grave, e disseram que teria de ser operada.

Era uma operação muito delicada, e o avô perguntou-lhe se desejava batizar-se antes de entrar na sala de cirurgias. Mamãe disse que sim, não por temor, mas porque o estava desejando.

O avô ocupou-se dos trâmites, e em 5 de fevereiro de 1980 d. Antonio a batizou e deu-lhe a Primeira Comunhão. Graças a Deus, a operação foi bem, e pouco depois mamãe recebeu a Confirmação no Palácio Arquiepiscopal.

E começamos a preparar o casamento. Havia apenas um problema: o avô pensava que mamãe e eu devíamos viver por nossa conta, e eu não estava disposto a deixá-lo só de maneira alguma. Quantas vezes falamos disso, nesta mesma sala de estar!

Ele me recordava o refrão:

– Casados: “casa a dois”.

– Papai – dizia-lhe eu –. Não quero que o senhor viva só. Não será nenhum sacrifício para Guisela e eu, pelo contrário!

– Não, José Luis; vocês precisam ter sua casa e resolver seus problemas em paz. Eu não farei mais do que incomodar.

Eu já esperava essa resposta, porque conhecia sua forma de pensar e sabia que não era fácil convencê-lo. Além disso, não faltavam aqueles que diziam que viver os três juntos seria uma fonte de desgostos e problemas.

Mas eu estava seguro de que não seria assim. Falamos várias vezes, até que a tia Clemen conversou com ele e disse:

– Papai: não insista mais. Os meninos querem viver com o senhor.

Aceitou, embora fosse contrário ao que ele pensava, porque era humilde e sabia mudar de opinião. E quando nos casamos, em 30 de maio de 1981, começamos a viver os três juntos nesta mesma casa.

A partir de então, o avô mudou. Fê-lo com simplicidade, quase sem que percebêssemos, mas deve ter-lhe custado muito sacrifício.

Esforçou-se, por exemplo, para passar a um segundo plano, para que a mamãe fosse realmente *a dona da casa*. E conseguiu: mamãe fazia e desfazia, trocava as cortinas, mudava os móveis, tirava e punha o que queria, com toda a liberdade. Jamais houve o menor problema. Comportou-se com ela com uma sabedoria e um tato realmente portentosos.

Antes, ele se divertia surpreendendo seus amigos com suas saladas improvisadas: colocava sua touca de cozinheiro e fazia de anfitrião da casa; agora, se mamãe deixava queimar algo na cozinha ou se a salada não lhe saía bem, ele agia como se não tivesse percebido.

Outro, em seu lugar, ao ver um prato que não estivesse no ponto certo, teria feito reluzir seus dotes de cozinheiro, ou teria dado uma lição a sua nora; mas o avô tratava-a como um pai a sua filha, com muita compreensão e um enorme carinho, sem dar um pio!

Deixou que mamãe, que era, logicamente, um pouco inexperiente no manejo de uma casa, tomasse suas próprias decisões, e deixou que acertasse ou que se equivocasse, sem dizer nada. E, em vez de problemas, o que tivemos foi uma alegria imensa. Fomos tão felizes, os três juntos!

Tudo isso aconteceu ao contrário dos prognósticos de alguns, porque, entre outras razões, ele não era um velhinho de 80 anos, cheio de manias, que era necessário levar para tomar sol pelas manhãs; e sim um pai bom e divertido, simpático e otimista, cheio de esperança e de projetos, que estava constantemente planejando novas coisas para ajudar os demais.

E se via algo no andamento da casa que pudesse melhorar, sugeria-me: – **Escute, poderia dizer à sua mulher isso ou aquilo?** Mas nunca o dizia diretamente à mamãe, por delicadeza. Tratava-a com muito carinho e respeito, valorizando suas qualidades.

Jorge: como o avô ficou contente quando você nasceu! Queria ajudar em tudo, até na troca de fraldas. E o mesmo com vocês, Paola e Diego: estava como que abobado: embalava-os nos braços, mimava-os, e não parava de olhá-los. Como teria gostado de vê-los tal como são agora!

Mas com certeza os vê e conhece muito bem; e ajuda-os como ajuda a todos nós, lá do Céu.

Muitos beijos,

Papai.

Décima quarta carta: 1981-1989

3 de setembro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Fazem agora dezenove anos, no começo de agosto de 1981, o avô começou a ter dores na mandíbula. Foi ao dentista, que lhe disse que possivelmente era apenas uma irritação provocada pela prótese que usava. Após quatro ou cinco dias, como a mandíbula continuava a incomodá-lo, aconselhou-o que fosse a um patologista, que lhe fez uma biópsia.

Na quinta, telefonou-lhe para saber o resultado. O médico disse-lhe que preferia entregá-lo em pessoa. Ao ouvir aquilo, deduziu: câncer.

Não se enganou. Tinha um carcinoma na mucosa oral que havia se estendido para a mandíbula esquerda. Recebeu a notícia com serenidade, e ao sair da consulta explicou-me seu plano:

– Veja: primeiro vamos fazer tal e tal coisa. Depois...

Que lhe podia dizer? Eu estava de acordo, porque quem poderia decidir, melhor do que ele, o mais adequado medicamente?

Agora, ao ler as notas que foi tomando durante esses meses, compreendo que viveu aquela situação de forma muito distinta à minha: no humano, com a objetividade de um médico; e no espiritual, com a serenidade de um filho de Deus. Copio-lhes o que anotou naquele dia:

Quinta, 20: às 16h marquei consulta (...). Já desde esse momento, como é natural, estava convencido de que a lesão era de caráter maligno. E fui me preparando para o que devia fazer.

José Luis, meu filho – que havia acompanhado todo o processo – acompanhou-me à consulta. Era minha obrigação i-lo “acostumando” com essas situações, sem nenhuma evasiva.

O doutor emitiu sua opinião com clareza, respondendo a meu pedido de colocar as coisas assim como estão. Os cortes indicam que se trata de um carcinoma de tipo escamoso, que, até onde se pode julgar – dada a periferia da peça submetida a exame – parece estar muito localizado e não ter invadido a camada muscular. Clinicamente não se observam gânglios infartados no pescoço: o caso parece favorável.

Os três médicos que haviam intervindo – o dentista, o patologista e o cirurgião – pensaram que talvez fosse suficiente uma ressecção limitada, seguida ou precedida de radioterapia.

Nessa mesma quinta, 20, passamos a considerar a situação com José Luis, com perfeita objetividade. É uma lesão cancerosa cujo grau de extensão, maior ou menor, não se pode, por enquanto, afirmar. O essencial é não perder tempo em consultas, ainda que amanhã possamos solicitar que outros anatomopatologistas examinem os cortes.

De qualquer forma, e seja qual for a opinião, minha decisão é ir a Houston.

Em seguida, escreve algo de que me lembro muito bem: **Devo dizer que havia tido a desvairada ideia de ir só: somente a mim poderia ocorrer uma ideia assim; José Luis descartou-a de cara.**

Naturalmente a descartei de cara! Sabia o que pretendia com isso: causar-nos o menor incômodo possível.

Conto-lhes isso para que vejam que era um homem resoluto, mas não inflexível: compreendeu logo que era uma **ideia desvairada**.

Descobri um detalhe simpático em suas notas. Naquele dia à noite, depois de fazer todas as gestões (retirar a passagem aérea em uma agência, verificar o visto e o passaporte, telefonar a um amigo médico de Houston, e depois à tia Clemen, para dizer-lhe que chegava na segunda-feira, etc.): depois de tudo isso... dormiu estupendamente bem!

Não pude acompanhá-lo a Houston, muito a contragosto, porque nesses dias começava a trabalhar na Universidade. Ele foi daqui para o México, e de lá viajou até Houston com a tia Clemen. Poucos dias depois, internou-se no hospital. Fizeram-lhe muitos exames e análises, até que o médico lhe disse:

– Doutor, o senhor tem um câncer que sai do osso. Não há possibilidade de fazer-lhe radiações. A única solução é amputar-lhe a mandíbula. Quer pensar a respeito?

– **Não, doutor** – disse o avô –. **Vim para colocar-me em suas mãos.**

Foi tudo muito rápido. Chegaram em uma segunda, na terça estive com o médico e na quinta o operaram. Foi um êxito, embora tenham-lhe cortado parte da mandíbula para colocar uma prótese interna. Depois de oito ou dez dias regressou ao México com a tia Clemen para a convalescença.

Eu estava muito preocupado, e fui vê-lo no México durante o feriado de 15 de setembro⁹, temendo o pior; porém minhas preocupações desfizeram-se quando o encontrei tão animado como de costume, com bom apetite e fazendo os exercícios de recuperação indicados.

Quando retornou, pôs-se a trabalhar, sem comentar com ninguém os sofrimentos e incômodos da operação. Embora tivesse a mandíbula um pouco desfigurada e o lábio um pouco afundado, havia ficado muito bem, graças a Deus: falava e comia sem dificuldade, não tinha que tomar remédios e podia seguir vivendo sua vida normal; embora sua vida, de fato, não fosse tão “normal” para uma pessoa da sua idade...

Essa forma de atuar – inteirar-se do problema, pedir conselho, enfrentá-lo e resolvê-lo – era muito característico dele. Era um homem valente, audaz e decidido. Porém sua valentia não era temeridade, e sim fruto de sua confiança na Providência.

Não temia nada nem ninguém, porque se sentia nos braços de seu Pai Deus.

Já conhecem a história do assalto. Vou contá-la de novo para deixá-la por escrito: é o melhor exemplo que me ocorre para ilustrar sua confiança no Senhor.

Aconteceu em uma quinta-feira pela manhã, quando fazia gestões com Alejandro Deustschman para conseguir donativos para o fundo de bolsas de Ciudad Vieja.

⁹ Independência da Guatemala. (N do T)

O avô fazia várias a cada dia: um amigo seu assegurava que no ano de 1990 fez ao redor de mil gestões pessoais com empresários, aproveitando essas ocasiões para aproximá-los do Senhor.

Naquela quinta, quando Alejandro acabara de estacionar o carro na rua, dois homens com o rosto coberto abordaram-nos, ordenando-lhes que descessem. Um deles aproximou-se do avô e encostou-lhe uma pistola na cintura. Foi tudo tão rápido que o avô não se deu conta do que estava acontecendo, e tentava afastar aquele homem, até que Alejandro lhe disse:

– Doutor, estamos sendo assaltados. Querem que desçamos.

Essa rua está a duas quadras de uma delegacia de polícia. Por isso, não se atreveram a roubá-los ali. Gritaram-lhes:

– Vamos! Entrem na parte de trás do carro! Rápido!

Assim que entraram no carro, o chefe assumiu o volante e começou a dirigir a toda velocidade, enquanto o outro apontava-lhes seu revólver.

– Passem tudo o que têm!

O avô e Alejandro entregaram as carteiras, os relógios, as canetas...

– Agora as medalhas e os anéis!

Foi o único momento em que Alejandro percebeu um gesto de dor no avô, que não pôde evitar as lágrimas quando deu àquele homem sua aliança.

Enquanto isso, o chefe, muito nervoso, ia dando voltas pelas ruas. Pensava que a polícia os estava perseguindo e não sabia o que fazer, se soltá-los ou matá-los.

Quando comprovou que ninguém os seguia, decidiu assassiná-los, “apagá-los”, na linguagem dos marginais, e disse ao de trás:

– Apaga eles!

Ao ouvir aquilo, o avô começou a rezar em voz alta. O carro entrou por uma rua solitária, junto aos trilhos do trem. Estava claro: iam matá-los ali.

Alejandro estava inquieto, mas ao ver que o avô continuava rezando em voz alta, recobrou a calma, e preparou-se para morrer bem.

O chefe disse, muito irritado:

– Cale-se de uma vez, velho!

O avô respondeu com paz:

– Rezo sempre, e ainda mais agora. Rezo para que o Senhor os ilumine, porque vão por mau caminho.

Ao ouvir isto, o chefe gritou:

– Vamos!

E parou o carro um pouco mais adiante. Ocorreu algo insólito: o sujeito que apontava o revólver abriu a porta e... ajudou o avô a descer! E disse-lhe, estendendo-lhe a mão:

– Passe bem.

O avô respondeu:

– Não; não lhe dou a mão agora, porque vão por mau caminho. Rezarei muito por vocês, para que encontrem a Deus. E quando mudarem de vida, terei muito gosto em apertar-lhes a mão.

Quando os assaltantes se foram, começaram a caminhar, desorientados, até que chegaram a umas casas onde havia uma loja de equipamentos elétricos.

Entraram e pediram ao dono que lhes deixasse fazer um telefonema. Aquele homem, ao vê-los tão pálidos, perguntou-lhes o que havia ocorrido e preparou-lhes um café. Tinha apenas uma xícara, e foram-na revezando.

Naquela noite o avô dormiu bem; no dia seguinte ofereceu a Santa Missa em ação de graças ao Senhor. Depois, foi à loja para agradecer de novo ao dono, e levou-lhe como presente um jogo de xícaras de café. E desde então, até sua morte, rezou para que aqueles delinquentes mudassem de vida.

Em outra ocasião, foi com Alejandro Deutschmann visitar um senhor para pedir-lhe um donativo, e a recepcionista tratou-o de forma muito grosseira. Alejandro indignou-se; o avô se conteve, e antes de sair, escreveu uma nota e deu-a à secretária:

– Veja: aqui estão anotados os nomes destes dois doutores. Aconselho-a que vá vê-los o mais rápido possível.

Depois de um ano, decidiu visitar de novo aquele senhor. “Mas não se lembra” – disse-lhe Alejandro – “de como o tratou a recepcionista?”.

O avô não se importava. Se era para o Senhor, sofria qualquer humilhação. Quando chegaram ao escritório havia uma nova recepcionista que lhes disse para aguardarem um momento. Saiu para recebê-los a secretária executiva da gerência, que era... a recepcionista anterior!

– Doutor! – disse-lhe emocionada. – Finalmente volto a vê-lo! Estou muito agradecida, porque fui consultar um dos médicos que me aconselhou, e disse-me que, embora eu não soubesse, padecia de uma doença grave. Além disso, estava passando uma situação difícil em meu casamento, que se resolveu; e estava a ponto de perder este trabalho e promoveram-me a gerente...

Recorro de novo a seu currículo, que me está sendo tão útil. Escreveu-o porque o pediram com insistência: não gostava de fazer listas de méritos e reconhecimentos. Agora, ao lê-lo, inteirei-me de aspectos de sua vida que ignorava: há muitos títulos, por exemplo, dos quais nunca o ouvi falar, porque, embora os agradecesse, não gostava de alardear nada.

Mesmo assim, houve um que o emocionou especialmente: a nomeação que o Governo francês lhe fez em 1950 de Cavaleiro da Legião de Honra em grau de Oficial.

Não era por vaidade, mas porque era uma das máximas distinções francesas, e ele amava tanto esse país! As visitas costumam dizer, quando vêm aqui em casa e veem a placa “París mon coeur” sobre o bar, a bandeja com o mapa da “doce França”, e tantas recordações da cultura francesa:

– O doutor gostava muito da França, não é verdade?

Sim: possuía, em suas próprias palavras, **um profundo amor** pelos franceses, aos quais definia como um **povo nobre, que conserva o espírito dileto da latinidade**. Por ocasião de sua nomeação para a Legião de Honra, a *Revista* de San Juan, cidade onde havia trabalhado tanto, afirmou:

“A Guatemala deve reconhecer o que esse ilustre filho lhe deu em vinte anos de vida profissional. A França, nação que ilumina o mundo com seus fulgores de arte e ciência, fez-lhe justiça outorgando-lhe sua maior condecoração”.

O doutor de la Riva afirmou, em algumas declarações à televisão: “Deixou na Guatemala uma pegada inapagável em todos os sentidos, como homem e como mestre, como pai e como educador. Recebeu homenagens muito merecidas, e tantas condecorações, que se as puséssemos na parede, precisaríamos de muitas para conseguir pendurar todos os galardões que recebeu em sua vida”.

Cito-lhes alguns desses reconhecimentos:

- O governo da Guatemala outorgou-lhe em 1960 a Ordem do Dr. Rodolfo Robles;
- Nesse mesmo ano, foi nomeado Sócio Honorário da Associação Pediátrica da Guatemala;
- Em 1961, o Conselho Superior Universitário da Universidade de San Carlos nomeou-o “Professor Honorário da Cátedra de Pediatria”;
- Vários anos depois, em 1969, concedeu-lhe a maior distinção: a Medalha Universitária;
- e um longo etc.

Embora não falasse de seus próprios méritos, gostava de ponderar as virtudes das pessoas que admirava, como seu amigo doutor Eduardo Ortiz de Landázuri, da Universidade de Navarra. O avô era Delegado dessa universidade para a América Central, e teve muita relação com ele. Tinha-o em tal estima que fez emoldurar uma fotografia sua e colocou-a aqui, na parede, junto à sua mesa de trabalho.

Não fez nada semelhante com nenhuma outra pessoa.

Dom Eduardo era também do Opus Dei, e há dois anos, em 1998, abriu-se sua Causa de Canonização na Espanha.

Sigo com seu currículo: trabalhou, junto a outros profissionais, em um Código Deontológico para os médicos da Guatemala. Fundou a Associação Pediátrica e foi seu Presidente Honorário até sua morte. Organizou vários congressos de Pediatria, nos quais recordava **que é indispensável que em países como os nossos se coordenem diversamente todos os trabalhos; porque é muito o que nos falta, e, por muito que recebamos, acaba sendo sempre como uma gota na imensidão do mar.**

Comparava essa solidariedade entre os povos com as orquestras sinfônicas, nas quais é preciso conseguir **o som do conjunto, e não o de cada um dos instrumentos.** Porém essas ajudas e colaborações – explicava – não devem ser indefinidas; e propunha este exemplo: é como quando se estende a mão a uma pessoa enfraquecida para que se levante: ajuda-se apenas até que possa caminhar por conta própria.

Não era nada “protecionista”, no sentido pejorativo do termo. Foi sempre muito inovador, progressista e avançado: quando começaram as campanhas retrógradas a favor do crime do aborto, fundou uma Associação em defesa da Vida.

E não se limitou a presidir um comitê: ao ver que estavam em jogo milhões de vidas humanas, colocou todas as suas energias nesse empenho, dando respostas positivas. Muitas tardes, dava conferências que preparava conscienciosamente.

Isso devia ser esgotador para uma pessoa de sua idade, porque não se conformava com ler umas anotações: projetava um filme, comentava-o, conversava com as assistentes, muitas vezes mulheres sem recursos, resolvia suas dúvidas, punha meios para resolver seus problemas...

Compreendia muito os problemas da mulher, e em especial das mulheres necessitadas; colocava-se em seu lugar e oferecia-lhes, junto com seu alento e seu consolo, soluções dignas e humanas.

Esse é um dos motivos por que quis tirar uma foto com um livro de Debré, *A honra de viver*, entre as mãos. Não foi apenas uma homenagem a seu mestre. Gostava desse livro porque era um legado a favor da vida, de caráter rigorosamente científico.

“O que pensar” – escrevia Debré em outra de suas obras, *Vir ao mundo* – “de uma sociedade que se recusa a admirar a maravilhosa criação da vida, que menospreza tantos esforços e proezas e que não valoriza a felicidade de dar à luz nem respeita a existência desde sua aparição?”.

Quantos milhares de crianças lhe devem a vida! Há três anos, em 1997, o doutor Enríquez Villacorta começou a aula inaugural do IFES, um Instituto Feminino de Estudos Superiores, com estas palavras:

“Vou iniciar esta dissertação contando-lhes um episódio de alguns anos atrás. Trata-se de uma mulher grávida de sete meses, com uma doença grave. Era preciso interromper a gestação, pois a mãe morreria e essa criatura não teria oportunidade de viver. Nessa época, era impossível que um prematuro de sete meses sobrevivesse. Mesmo assim, houve alguém que pensou nesse bebê e disse que era preciso dar-lhe a oportunidade. Esse bebê nasceu, e é hoje minha esposa Mônica... Tanto a mãe como a filha sobreviveram, pela fé e o trabalho científico do Dr. Cofiño”.

Sua paixão pela defesa da vida tinha raízes muito profundas e antigas: provinha de seus anos parisienses e de seu trabalho junto a Debré. Sabia que não estava só nessa luta, do ponto de vista médico e profissional, e trocava cartas com figuras de prestígio no âmbito internacional, como Jérôme Lejeune e Jacques Lafourcade.

O doutor Tilve recorda sua atuação cidadã quando se tentou aprovar na Guatemala uma lei liberalizadora do aborto no final dos anos 60. O avô, consciente de sua responsabilidade, começou a recolher assinaturas entre médicos e pessoas de muitos ambientes.

Argumentava com dados científicos, com a experiência de um médico que havia salvado a vida de milhares de crianças. E, também, com a experiência de um homem que havia lutado com todas as suas forças contra a pobreza e a injustiça, contra a exclusão social, contra a situação de abandono de tantas mulheres. Quantas vezes o ouvi falar da dignidade da mulher!

Não exercia apenas um direito cívico; para ele – como médico, como pediatra, como pessoa – era uma questão de consciência colocar os meios a seu alcance para defender os inocentes e proteger a vida dos não nascidos.

Como tivera uma decidida intervenção pública como especialista na matéria, foi chamado pelo Congresso da República para estar presente no debate parlamentar. Não baseou sua defesa em sentimentalismos, nem em argumentações retóricas, mas em dados científicos, comprovados e objetivos, à margem de qualquer ideologia e de qualquer partido.

A maioria dos congressistas apoiou sua postura e o projeto de lei de liberalização do aborto não foi aprovado; e como reconhecimento a sua luta pela vida, quando entrou no Congresso recebeu uma longa salva de palmas em sua honra: um aplauso tão intenso que o fez sentir-se – dizia, muito divertido – **como um toureiro**.

Há milhares de crianças da Guatemala, não só do passado, mas também do presente e do futuro, que lhe devem a vida.

Que mais posso dizer-lhes sobre o avô? No princípio, pensava que me bastariam cinco ou seis cartas longas; já foram mais que o dobro, e ainda não lhes falei de muitos aspectos. Por exemplo, de seu caráter durante a última etapa de sua vida.

Tornou-se um homem muito simples, que conquistava imediatamente a confiança das pessoas, porque não guardava distâncias com ninguém, e falava com a linguagem de cada um: com um colega de profissão, uma criança, uma indiazinha, um amigo... Não é de estranhar que tivesse tantíssimos amigos. Ainda consigo ouvi-lo dizer:

– Olha, meu velho...

Que capacidade de carinho tinha! Ouvi muita gente dizer: “É uma das pessoas pelas quais mais me senti querido”. E demonstrava-o de mil modos. Quando algum médico, como Pérez Avendaño, chamava-o de “doutor”, dizia:

– Veja, nós somos “parceiros”. Não me chame de doutor, trate-me de você.

Era muito humilde, e por isso servia para mandar: conhecia bem seus defeitos e limitações, sabia estimular, e não guardava rancores.

Sua atitude – agora o vejo com mais clareza – nascia de seu grande amor a Deus. Porque era muito dinâmico, mas não um ativista frenético. Era um homem apaixonado, um cristão coerente e um católico responsável no momento do mundo e da Igreja que lhe coube viver.

Contava fundamentalmente, em tudo e para tudo, com Deus. Possuía alma de lutador, e lutava: contra o esquecimento e a crescente negação de Deus na sociedade de seu tempo; lutava contra uma visão animalesca da natureza humana; lutava, ainda que ficasse extenuado no combate, embora, com o passar dos anos, quase não lhe restassem forças.

Quando, já ancião, viu que se perdia o costume de rezar o Rosário, fez editar dezenas de milhares de folhetos pequenos, em forma de sanfona, com diversas orações à Virgem. Tentava sempre dar, diante de cada problema, uma resposta.

Às vezes era uma resposta geral, como editar um folheto. Mas o habitual era uma resposta pessoal: um conselho a um amigo, a solução para o problema de outro... Não lhe agradavam – nem como médico, nem como cristão – as receitas genéricas.

E procurava ir à frente, com seu exemplo. Remunerava pontualmente seus empregados e pagava seus impostos; possuía um forte sentido social. Queria que os universitários de Ciudad Vieja cumprissem com seus deveres cívicos, e colocou em andamento, em 1976, um curso intitulado: “Pagamos os impostos corretamente?”.

Quando fizeram a ata de fundação de La Médica Guatemalteca, uma empresa em que trabalhou, escreveu, no artigo nº 4: **É lema da empresa dar ao beneficiário um pouco mais do que lhe corresponde, porém nunca, e por nenhum motivo, um pouco menos.**

Mas será que não possuía nenhum defeito? – vocês se perguntarão. Pois já viram que sim: já os apontei, mas dia após dia foi lutando e melhorando, com a graça de Deus.

Melhorou, por exemplo, na educação dos filhos. Embora isso da educação seja uma tarefa muito difícil: ele foi educado no começo do século, com os critérios autoritários do século XIX; teve que educar meus irmãos, nos anos 30 e 40, entre as grandes guerras mundiais; e eu nasci nos anos 50, quando se havia imposto uma nova mentalidade. Foi uma época de grandes mudanças: a sociedade transformou-se mais rapidamente do que em nenhum outro século.

Antes, os pais limitavam-se a mandar, e habitualmente isso era suficiente; agora, é preciso escutar, ceder em alguns aspectos, não ceder em outros...

Seus amigos foram testemunhas de seu afã por melhorar. Contam que uma vez estavam com ele em uma reunião de diretoria, e antes de começar havia dito à secretária que não lhe passasse recados; mas esta entrou e saiu várias vezes, interrompendo a reunião; até que em uma dessas, o avô lhe disse, com voz taxativa, que não voltasse a entrar.

Depois, pediu-lhe perdão por havê-la repreendido dessa forma; e dizia a Julio Matheu:

– É preciso ter cuidado com esses assomos, porque são empurrões do diabo; e pedir a Nosso Senhor que nos dê a graça para controlar-nos.

Com os anos foi-se tornando mais flexível, ao contrário do que costuma acontecer, e não perdeu o interesse pelas coisas novas; ao contrário: o mundo ia se modernizando, e ele também. Passou do chapéu-coco dos anos 20 às calças jeans dos 60 com grande naturalidade. E devia passar dos oitenta anos quando pediu a um estudante do Centro Universitário que lhe ensinasse computação. E aprendeu!

Vocês, que nasceram com os computadores, e que se movem no mundo da cibernética como se tivesse existido desde sempre, não imaginam o que significa para um homem de sua idade passar dos caminhos de mulas que levavam dezessete horas para chegar a Antigua a isso que agora chamam “autoestradas da informação”...

Por essa razão, não lhe agradavam essas conversas de velhinhos, nas quais recordam com nostalgia tempos passados. Pareciam-lhe **reuniões de móveis velhos**.

Um dia foi visitar uma senhora anciã que desejava dar-lhe um donativo para uma iniciativa apostólica. Esta começou a evocar recordações de sua juventude, e o avô, para abreviar, disse-lhe que tinha um pouco de pressa, e despediu-se.

À saída, a pessoa que o acompanhava fez-lhe ver que essa senhora desejava conversar, e que teria sido mais delicado deixar que falasse... Reconheceu seu erro imediatamente, e pouco tempo depois foi visitá-la de novo, e começou a falar de quando eram jovens:

– A senhora se lembra de...? Que tempos, aqueles!

Não repudiava o passado; simplesmente, não queria que o passado fosse como um lastro que acabasse por paralisá-lo. Guardava carinho às pessoas que havia conhecido ao longo de sua vida, e interessava-se por elas. Em seus escritos, evoca muitas pessoas; entre elas, **a imagem querida da Irmã Matilde, Filha da Caridade, ou seja, do amor, enfermeira de excepcional capacidade e experiência aumentada por seu profundo amor para com suas crianças. Sempre pronta para servir e aceitando os mais cruéis sofrimentos.**

Um dia em que a visitei, disse-me: “imagine só, doutor, que fiquei cega...”, como quem relata um acontecimento desagradável acontecido com outra pessoa.

Visitei-a recentemente no Hospital Pedro de Bethancourt. É a mesma Irmã Matilde: doce, suave, humilde, amorosa.

Graças a essa luta contra seus defeitos, com os anos melhorou extraordinariamente de caráter, e converteu-se, como dizia a tia Clarita, “em um velhinho muito amoroso, de grande serenidade, que dava aos outros uma sensação de paz”.

Por isso, sua vida dá muita esperança. Alguns pensam que a partir dos 40 já não há o que fazer. Ele se entregou a Deus aos cinquenta e muitos, e lutou sem cessar até sua velhice,

que foi extraordinariamente fecunda. Que teria sido dele, se ao conhecer d. Antonio, tivesse dito: “É tarde demais para mim. O trem já passou.”?

Sua existência é um exemplo de desejo de viver; mostra que todos os tempos – também a velhice – são tempos de sonhos, de esperança e santidade; e que sempre se pode começar e recomeçar.

Mas ia lhes contando – e assim termino esta carta – que o avô lutava contra seus defeitos; embora às vezes... não sei como dizê-lo. Reconheço que havia algo que me deixava perplexo: sua impaciência por chegar pontual à Missa.

Parece que o estou ouvindo:

– José Luis, José Luis, não vamos chegar, apresse-se! Vamos, vamos, vamos...!

Esperava a Missa com tanta paixão! Não podia conceber um pequeno atraso por nada no mundo. Era o centro de sua vida, sem ela não podia viver, isso era claro.

Porém a mim, naquele tempo, seu afã parecia-me quase uma obsessão. Vou dizê-lo com todas as letras: uma mania. E todos os domingos, a mesma canção:

– Vamos, vamos, José Luis, que não vamos chegar, apresse-se!

Agora compreendo que não era obsessão, nem mania, mas puro amor. Estava ansioso por receber a Cristo, e comportava-se como um apaixonado de quinze anos em seu primeiro encontro com uma menina; e às vezes... às vezes corria tanto que chegava à igreja antes da hora, e tinha que ficar na rua, junto à porta, esperando que a abrissem!

Com todo o carinho,

Até a próxima:

Papai.

Décima quinta carta: 1989

8 de setembro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Terminei minha carta anterior falando-lhes da impaciência do avô. Andei dando voltas ao assunto, e agora penso que “impaciência” não é o termo adequado. Essa palavra sugere nervosismo, desassossego, inquietação, e as últimas décadas de sua vida foram profundamente serenas.

Era uma impaciência boa, que nascia de sua urgência por amar o Senhor e por fazer o bem a mãos cheias. Seus últimos anos estiveram traspassados por essas urgências de amor. Fazia coisas aos 80 anos que... mas é melhor que lhes conte como eram seus dias, e vocês tirarão suas conclusões.

Levantava-se muito cedo, às cinco e quinze da manhã. Punha-se de joelhos e oferecia a Deus as obras do dia. Seu primeiro olhar era para a imagem do Coração de Jesus com os braços abertos que está sobre a cabeceira de sua cama. Depois fazia a sua higiene. Habitualmente, tomava banho com água fria. Em seguida rezava uma parte do Rosário em seu dormitório, junto à janela que dá para o jardim. Tudo está como ele o deixou: a cruz, a imagem da Imaculada...

Eu me levantava um pouco mais tarde e via-o rezar em silêncio, com os olhos fixos no Crucificado. Nunca esquecerei aquele modo de contemplar o Senhor.

la à Igreja. Chegava às seis e meia; fazia oração durante cerca de meia hora diante do Sacrário e assistia à Missa. Às vezes, quando não podia ir de carro, pedia-me que o levasse em minha moto.

Retornava, colocava sua roupa de esporte e ia correr: uma corrida bem suave, porque tinha oitenta e tantos anos... Quando foi se aproximando dos noventa, aconselhamo-lhe que corresse em uma quadra de basquete, onde mais que trotar, o que fazia era caminhar depressa; mas isso supunha bastante esforço, de qualquer modo, para uma pessoa de sua idade.

Ficávamos preocupados de que pudesse escorregar e cair, especialmente na época de chuvas. Mamãe dizia-lhe que tivesse cuidado, porque às vezes as folhas caídas das árvores acabavam cobrindo as poças e isso era perigoso.

Muitos homens, a essa idade, tornam-se teimosos, e não há maneira de fazê-los mudar.

O avô, entretanto, sabia retificar, e um dia contou-nos, divertido, o conto daquele sapo que tentou, à força de inchar o peito, deter um caminhão que passava pelo caminho.

– O sapo começou a inchar e inchar... até que explodiu.

– E então...? – perguntamo-lhe.

– Pois hoje, quando passava por um lugar em que havia muitas folhas no chão, ia pensando: “se continuar caminhando por aqui vou escorregar”... E depois de várias voltas, pá! dei um tropeção e caí. Lembrei-me do sapo e decidi mudar de esporte. A partir de agora vou andar de bicicleta!

Ficamos de olhos arregalados.

– De bicicleta?

– Sim; de bicicleta. Estacionária, naturalmente!

Dito e feito. Comprou-a, e instalamo-la no quarto dos fundos; falou com um amigo seu aficionado ao ciclismo, Oswaldo Chacón, e pediu-lhe que o ajudasse. Oswaldo aceitou com muito gosto.

– Doutor – disse-lhe –, na sua idade, deveria fazer uns vinte minutos de bicicleta, três vezes por semana.

– **Vinte minutos. Muito bem!** – respondeu-lhe o avô, com um gesto divertido que lhe era muito próprio –. **Então precisaria que você me dedicasse uns quarenta minutos.**

Ao ver sua cara de surpresa, explicou-lhe:

– **Com quarenta minutos poderíamos fazer o seguinte plano: você me treina durante vinte minutos, e eu lhe dou uma aula sobre a Fé cristã durante os outros vinte. Você é meu treinador no ciclismo e eu sou seu treinador em religião. O que acha?**

Dizia essas coisas com uma graça e uma simpatia que animavam a aproximar-se e conhecer mais a Deus. Oswaldo aceitou, rindo, e a partir daquele dia “treinaram-se” mutuamente.

No que se refere ao esporte, há diversas opiniões. Alguns dizem que em Paris ele fazia “sport”, como se dizia então; nós nunca falamos disso; mas parece-me que durante sua vida não praticou muito do que vocês entendem como “esporte”. Outra coisa é que sempre levasse uma vida muito ativa, por razões profissionais.

Começou a fazer esporte a partir dos 75 anos, por uma razão de carinho: queria manter-se em boa forma para que eu não tivesse que enfrentar a carga de um pai velho e doente. Sempre havia uma razão de carinho, de caridade e preocupação pelos outros, em tudo o que fazia.

Sigo com seu horário. Depois do esporte, aseava-se, tomava seu café da manhã e por volta das nove e meia planejava os compromissos do dia, para não perder o tempo.

Essa foi uma constante em seu modo de ser: vivia sem ansiedade, espremendo cada minuto para tirar-lhe o maior fruto apostólico possível. Dessa forma, aos oitenta anos conseguia fazer mais coisas do que eu faço agora aos quarenta...

E, surpreendentemente, nunca o vi estressado. Era um fruto da ordem que colocava em tudo: fazia apenas o que se podia fazer em um dia e deixava o resto para o dia seguinte. Parece fácil, não é verdade? Pois não é. Sabia que um dia só tem 24 horas, e não se propunha coisas impossíveis! Seu lema era: **hoje, agora.**

“Meu trabalho principal” – escreveu em 1989 – **“é conseguir fundos para o sustento do Centro e para as bolsas dos estudantes.**

Graças à generosa ajuda de muitas empresas do setor privado, a cada ano damos bolsas a cerca de 100 universitários que vêm do interior do país para estudar na capital.

Todas as manhãs visito 5 ou 6 empresários, e até agora não toquei em nenhuma porta sem ter sentido imediatamente o bater generoso de seus corações. E o fato de dar dinheiro não depende de o ter, mas sim de ter coração. Tenho que agradecer a bondade que têm comigo cada vez que os visito.

O principal motivo de seus desvelos era Ciudad Vieja, mas não era o único, porque levava para a frente muitas iniciativas com gente de todo tipo: com universitários, como Ciudad Vieja; com operários, como Kinal; com senhoras de condição modesta, como Junkabal...

À uma da tarde voltava para casa rezando uma parte do Rosário em seu carro. Isso não falhava nunca. Apesar da intensa atividade que tinha, conseguia rezar todos os dias seu Rosário completo, com as três partes: mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, com as ladainhas.

Almoçávamos, e depois de um pequeno período de conversa à mesa, sumia em um “doce bem-estar” que durava uns vinte minutos, não mais. Esse repouso deixava-o como novo.

Durante a tarde continuava trabalhando. Por volta das três e meia dirigia-se a seu escritório em Ciudad Vieja. Ao chegar fazia uma visita ao Santíssimo Sacramento e, depois, resolvia questões acadêmicas, falava com os alunos ou preparava suas palestras de formação cristã.

Ali, em Ciudad Vieja, ia ao oratório com frequência: para cumprimentar o Senhor, ler o Evangelho ou fazer a meia hora de oração que costumava fazer todas as tardes diante do Sacrário, sob o olhar da Virgem Dolorosa.

Por volta das seis da tarde voltava para casa, onde dava uma aula de vida cristã vários dias por semana. Eram tantas aulas e tantas palestras que eu não saberia dizer-lhes com certeza quantas pessoas vinham no total: várias dezenas.

As idades dos assistentes variavam; um dia podia dar um círculo de formação cristã para gente jovem; no seguinte, uma palestra para pessoas da minha idade; e no outro, uma aula para velhinhos como ele. Uma vez disse em um desses círculos, brincando, que se somassem a idade dos presentes chegariam a um milênio... E era verdade!

Eram círculos vibrantes, ardorosos, inflamados. E não se conformava com dá-los: falava, um a um, com os que assistiam, para ajudá-los em sua relação com Deus.

E assim, todos os dias, exceto segunda-feira, em que assistia a seu círculo de estudos. Os que o acompanhavam recordam com que interesse o seguia, assim como as meditações do sacerdote. Colocava-se no primeiro banco do oratório para ouvi-lo melhor – usava um aparelho auditivo no ouvido esquerdo –, e rezava com o olhar fixo no Sacrário.

Surpreendia-me que, ainda que houvesse dado centenas de discursos e conferências, preparasse tanto essas aulas. Sem dúvida, pensava eu, com seu dotes oratórios podia improvisar sem tanto esforço...

Porém ele não se conformava em improvisar. Estudava os temas – a santificação do trabalho, ou o matrimônio como vocação cristã, por exemplo –; consultava os Evangelhos e a doutrina da Igreja, lia os escritos dos Santos Padres ou dos Santos, e depois escrevia uma guia detalhada e clara, com exemplos.

E quando se publicava algum texto do Magistério – uma encíclica do Papa, uma carta pastoral do bispo, etc. – estudava-o a fundo, para transmitir seus ensinamentos o mais rápido possível.

Amava muito o Papa. João XXIII nomeou-o Cavaleiro da Ordem de São Silvestre em 1962, como reconhecimento a seu serviço à Igreja. Difundiu amplamente o magistério de Paulo VI e seus ensinamentos, como a *Humanae vitae*. E quando João Paulo II veio à Guatemala em 1983, fez uns folhetos, com o desejo de que os guatemaltecos se preparassem espiritualmente bem para sua vinda, e distribuiu-os entre muitíssimas pessoas.

Dom Antonio conta um detalhe significativo: não mandou fazer o uniforme de Cavaleiro. Agradeceu profundamente essa distinção papal, mas nunca quis alardear nada. Foi mais uma manifestação de seu desejo de servir à Igreja sem esperar reconhecimentos.

Respeitava muito a liberdade interior de seus amigos, o caminho pelo qual o Espírito Santo conduz cada alma; e se alguém lhe pedia, por exemplo, um conselho para tratar a Virgem, não se conformava com animar-lhe a rezar o Rosário. Dava-lhe um de presente, explicava-lhe a origem dessa oração, ajudava-lhe a contemplar os mistérios...

Se outro não sabia um determinado ponto da Fé, esclarecia-lhe as dúvidas com palavras adequadas a sua mentalidade e formação. Ou emprestava-lhe um folheto para que o lesse. E quando era necessário, estudava o catecismo e pensava no melhor modo de explicar o ponto em questão...

Alguns de seus amigos tinham dificuldade para vir, por causa de seu estado de saúde, como o sogro de Otto Vinicio, que sofria de uma paralisia nas duas pernas. Ao vê-lo, fez que se colocasse uma rampa de madeira na porta, e quando soube que havia sido um bom esportista em sua juventude, convidou-o a ir a Kinal, para falar aos jovens sobre temas esportivos, de forma que se sentisse útil.

Ao terminar as aulas, quando todos já haviam saído, punha seu roupão azul, sentava-se junto ao telefone e ligava para seus amigos para concretizar os planos do dia seguinte. Perguntava-lhes sobre suas famílias, interessava-se por seus problemas, fazia-lhes uma brincadeira e animava-os, pendente de tudo e de todos.

Jantávamos; e depois de conversar e brincar um pouco com vocês, que corriam sem parar pelo tapete e os corredores da casa – não se lembrarão, porque eram muito pequenos, mas... como se divertia o avô com seus netos! –, recolhia-se com o Senhor em seu quarto até dez e meia da noite; depois fazia seu exame de consciência, breve; rezava três ave-marias à Virgem, de joelhos; e deitava-se.

E assim, um dia, e outro, e outro...

Em 1989, quando completou noventa anos, organizamos uma reunião familiar em casa. Foi algo inesquecível: imaginem esta sala de estar e todo o corredor cheio de mesas. Sobre uma mesa pusemos o buquê com noventa rosas vermelhas que lhe haviam presenteado. Veio toda a família, e o avô foi cumprimentando carinhosamente cada um de seus netos.

Era muito divertido. Via um deles, e sussurrava-lhe ao ouvido:

– Você é o meu preferido.

Depois via outro, e dizia-lhe:

– Você é o meu preferido.

E não mentia. Cada um de vocês era seu neto preferido, porque tinha um coração grande, onde cabiam todos! E dizia-o de tal maneira que cada um se sentia, de verdade, “o preferido”.

Aquele aniversário de 90 anos foi especialmente feliz. E como costumava fazer em datas importantes, colocou por escrito suas impressões. Transcrevo-lhes algumas linhas:

Um de meus filhos, brincando, comentou-me recentemente: papai, do que o senhor vai morrer, se sua saúde é tão boa?

Disse-lhe que viverei os anos que Deus queira, até os cem, se essa é a Sua Vontade. E como Deus quiser, seja com saúde ou com doença.

A única coisa que desejo é continuar servindo-O como tenho tentado fazer até agora... De graça recebi toda a minha formação, e de graça hei de dá-la aos demais.

Tenho um amigo em Miami, um médico brilhante, que pensa que não vai morrer, ou, se o pensa, vê-o como algo muito distante. Enviei-lhe o folheto intitulado *Além da Morte*, e disse-lhe: “...prepare-se para morrer, e não para receber homenagens”.

Eu me preparo vivendo cada dia como se fosse o último de minha vida, de maneira que faço cada atividade o melhor possível, oferecendo-a ao Senhor.

Por nossas obras nos julgarão, e não pelos cargos importantes ou títulos que tivermos acumulado.

De novo, alonguei-me mais do que pensava. E já levamos nada menos do que... quinze cartas!

Com todo o carinho,

Papai.

Décima sexta carta: 1990

2 de outubro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Perguntava-me hoje, antes de pegar a caneta: será que lhes estou descrevendo bem a personalidade do avô? Não é tarefa fácil. Tinha uma personalidade muito rica, dentro de sua simplicidade: era muito espiritual e muito humano. Era profundamente humilde e possuía uma grande fortaleza de caráter, porque a humildade não se opõe à fortaleza.

Era audaz e decidido; e ao mesmo tempo, sereno e prudente. Sério e responsável, com muito senso de humor e com uma capacidade admirável para rir de si mesmo. Em uma ocasião, quando subia a escada de um edifício, viu um ancião que se aproximava e pensou: **esse senhor sim, é que está acabado. Vê-se que está mal, muito mal...**

E começou a rir, ao dar-se conta... de que era um espelho o que havia à sua frente!

Era naturalmente otimista, e acolhia com tanto entusiasmo os novos projetos que emprendia, que um dia percebi que, embora me levasse 57 anos de vantagem, em seu coração era muito mais jovem do que eu.

Sua alegria era transbordante e contagiosa. No entanto, nem por isso deixava de dar broncas. Se tinha que corrigir, corrigia, e quanto mais broncas dava, é curioso, mais a gente lhe queria bem! Isso sempre me surpreendeu. Havia um, que colaborava com ele, ao que dava muitas broncas, porque era muito lento em seu trabalho.

– Como é que o senhor o chora tanto – perguntei-lhe, quando morreu o avô –, se a cada momento estava corrigindo-o por isso ou aquilo?

E disse-me:

– É que o doutor me queria muito bem; por isso me corrigia tanto: porque gostava muito de mim.

Nunca se aborrecia, nem se queixava por nada... Alguém lhe dava feijão para comer, e parecia-lhe um prato delicioso. Adaptava-se a qualquer circunstância; coisa rara para um homem de sua idade.

Possuía um grande espírito de trabalho, e custava-me levá-lo por um fim de semana para descansar no sítio. Ali, embora a igreja ficasse bastante longe, ia à Missa todos os dias. Eram finais de semana deliciosos: levava-o em minha moto e íamos à montanha para colher amoras, para tomar banho de rio... Ficava feliz, feliz... mas ao cabo de dois dias começava a dizer-me:

– Já é muito tempo; preciso retornar e continuar trabalhando e fazer alguns telefonemas...

Em uma ocasião, telefonaram-lhe com urgência da Associação de Amigos de Ciudad Vieja. Tinham que pagar uma dívida importante em menos de 30 dias, e não sabiam como. Começaram a buscar soluções. O avô propôs:

– E se organizássemos um curso de especialização de engenheiros na área de produção de açúcar, pedindo aos professores que deem as aulas *ad honorem*, em favor de Ciudad Vieja?

Era uma boa ideia: assim poderiam resolver a questão econômica e colaborar com o desenvolvimento do país.

– Mas antes – disse alguém – seria preciso falar com o presidente da Associação de Produtores de Açúcar.

– Muito bem. Pois amanhã mesmo vamos vê-lo – disse o avô –, e começamos o plano.

Quem o conta é Alejandro Deutschmann, que o acompanhou no dia seguinte.

Foram à Associação, e ao entrar no edifício viram que os elevadores não funcionavam. E a sede dos Produtores de Açúcar ficava no nono andar!

– Venham hoje à tarde, que já estarão arrumados – disse-lhes alguém que trabalhava ali.

Alejandro já estava indo embora, quando viu que o avô começava a subir as escadas.

– Homem – disse-lhe –, não se aflija! São apenas nove andares, vamos!

Alejandro ficou sem saber o que fazer; e por fim, decidiu subir atrás do avô. Ao chegar ao terceiro andar, pararam para recuperar-se.

– **Que está fazendo?** – perguntou o avô.

– Pois, você está vendo... subindo as escadas – disse-lhe Alejandro, ofegante.

– Só isso? Não se lembra do que nos disse d. Julio?

Alejandro, que mal se aguentava, não sabia a quem se referia.

– Dom Julio?

Até que caiu em si: era d. Julio Ortiz, o sacerdote que lhes havia pregado um recolhimento no dia anterior.

– Não se lembra de que d. Julio nos dizia que podíamos oferecer a Deus tudo o que nos custasse, pedindo-lhe vocações e dizendo-lhe: “Almas, Senhor! São para Ti, para a Tua glória!”? Pois isso é o que temos que pedir: Almas! Cada degrau... uma alma para o Senhor!

E foram subindo, penosamente, os nove andares. É preciso pensar no esforço que isso supõe para uma pessoa de oitenta anos. Chegou extenuado, assim como Alejandro. Descansaram um quarto de hora, e depois fizeram a petição.

Esse episódio reflete como o avô se aproximou do Senhor: degrau a degrau. Foi adquirindo virtudes pouco a pouco, lutando um dia depois do outro... Não houve acontecimentos espetaculares em sua vida. Tampouco os houve em sua maneira de aproximar de Deus centenas de pessoas, dos ambientes mais variados da Guatemala: foi sempre pessoa a pessoa, amigo a amigo, degrau a degrau. **Cada degrau... uma alma para o Senhor!**

Sua alma “puxava” seu corpo. Não há outra explicação para aquela vitalidade transbordante em um ancião. É curioso: teve o conhecimento, desde sempre, de que ia chegar à velhice. Lembram-se daquele dentista, Manolo Lara, para quem me enviou quando minha mãe adoeceu? Pois muitos anos antes, Manolo dissera-lhe, carinhosamente:

– Neto, com os anos que você tem a mais do que eu, logo estará pedindo por mim lá em cima.

– Temos que estar prontos para ir a qualquer momento – disse-lhe o avô, sorrindo –, mas, provavelmente, você vai antes que eu; por isso, desde agora lhe peço que interceda por mim quando estiver com nosso Senhor.

Seu pressentimento cumpriu-se: Manolo morreu de um ataque cardíaco, um quarto de século antes dele.

De qualquer forma, como sabia que, apesar de sua boa saúde, Deus podia chamá-lo a qualquer momento, dizia-nos: **eu já estou com as malas feitas.**

Estava preparado espiritualmente, e já havia repartido a herança até nas menores coisas. Havia feito uma lista em que nos deixava a cada um aquilo de que mais gostaríamos.

Ao chegar à escultura do burrinho, escreveu, de seu próprio punho: **Para José Luis, meu filho.**

Eu sabia o que essa escultura significava para ele, que desejava ser só um burrinho humilde e fiel à Vontade de Deus.

Por isso lho agradei tanto: era a herança mais carinhosa; o melhor presente que poderia me dar.

Continuarei a escrever-lhes.

Com todo o carinho,

Papai.

Décima sétima carta: 1991

17 de outubro de 2000

Queridos Jorge, Paola e Diego,

Hoje, quando se completa o aniversário da morte do avô, quero escrever-lhes a última carta.

Tudo começou nos primeiros meses de 1991. Começou a sentir-se cada vez mais cansado. Custava-lhe dar os círculos, e embora desejasse continuar com sua atividade de sempre, o corpo não lhe respondia.

Foi passando o ano. Em junho, vieram do México a tia Clemen e o tio Francisco, para celebrar seu 92º aniversário. Estava muito contente e não fazia outra coisa senão dizer: **Só me faltam oito aninhos para chegar aos cem.** Estava muito agradecido a Deus por ter-lhe dado tantos anos de vida, e pedia-lhe mais anos para gastá-los a Seu serviço, se era a Sua Vontade.

Eu estava preocupado, porque a placa que lhe haviam colocado na operação anterior o incomodava, e não havia ido ao médico. Estava tão pendente das necessidades dos demais que se esquecia das suas. Disse-o à tia Clemen antes que voltasse ao México, porque ela, como irmã mais velha, podia dizer-lhe as coisas de uma forma diferente que eu.

E a tia Clemen lhe disse mais ou menos isto, com muito carinho, mas com clareza:

– Papai, querido, o senhor não se pode permitir o luxo de não ir ao médico. Arranje o tempo de onde quiser... mas agora mesmo tem que telefonar para marcar uma consulta.

Os tios regressaram ao México e o avô obedeceu, porque não só os filhos têm que obedecer; os pais, a uma determinada idade, também... e foi ao médico, que descobriu outro pequeno câncer na mandíbula esquerda. Então já não tinha as mesmas forças da primeira ocasião. Não dá na mesma ter 82 ou 92 anos.

Fomos conversar com d. Antonio e outras pessoas para que nos dessem sua opinião. O tio Francisco telefonou do México para dizer que havia consultado um especialista em laringe amigo seu, que estava disposto a vir no mesmo dia do México à Guatemala só para vê-lo.

Conversamos entre os tios. Não sabíamos o que fazer. Se não se operasse, havia o perigo de que o tumor aflorasse ao rosto e o levasse à morte com um aspecto monstruoso. Porém a operação, na sua idade, supunha um altíssimo risco; e se saía com vida, não sabíamos se poderia valer-se por si mesmo... Ao extirpar-se essa parte do rosto, poderia perder um olho. Enfim: não sabíamos o que fazer.

Ele estava tão animado e tão disposto a operar-se que o tio Francisco perguntou-lhe, como psicólogo:

– Mas Ernesto, você tem consciência de que tem 92 anos?

– **Sim; e estou disposto a ser operado.**

O tio Francisco não podia dizer-lhe, naqueles momentos, em que consistiria realmente a operação. Se o câncer estivesse muito estendido, teriam que ressecar-lhe meio rosto.

– É que vão tirar-lhe o maxilar superior. E você pode perder um olho...

– **Não importa** – disse o avô, com bom humor –, **um olho me basta!**

Para o tio Francisco, sua atitude naqueles momentos revelava sua admirável capacidade psicológica para enfrentar um novo tipo de vida. “Qualquer outro se deprime e começa a

despedir-se das pessoas”, comentou-nos. Porém o avô tinha um profundo desejo de viver e de continuar trabalhando para o Senhor.

No final, decidimos que fosse a Houston, para ver que possibilidades havia. Acompanhamo-lo a tia Clemencia e eu.

Foi algo muito duro... Chegamos ao consultório do hospital. Veio o cirurgião que o havia operado na vez anterior. O avô cumprimentou-o, muito amável:

– Doutor, lembra-se de mim? Foi o senhor que...

– Vamos ver, abra a boca – cortou o doutor secamente, sem sequer responder-lhe, tirando-lhe os dentes.

– Doutor – disse-lhe a tia Clemencia –, nós pensávamos que com algumas radiações...

– Nada de radiações – disse, taxativo –. É preciso operar. Vou indicar que lhe façam alguns exames.

Deu meia volta, fechou a porta e foi embora sem se despedir. Eu pensava que ia voltar, mas a tia Clemen me disse: “Vá atrás dele”, e corri em seu encaço pelos corredores do hospital. Era meio dia e estava indo almoçar.

– Doutor – disse-lhe –, queria falar um momento com o senhor. Meu pai tem 92 anos. Se ficar descerebrado, ou em coma, ou com qualquer sequela... o que fazer?

Respondeu-me com frieza:

– Nesse caso, têm que assinar um documento aceitando que lhe instalem uma máquina. Adeus.

E se foi.

Fiquei com um nó na garganta. Retornei ao consultório. O avô não acreditava que o doutor não fosse voltar. Achava que tinha tido que sair por uma razão urgente... Expusemo-lhe o problema. Retornamos ao hotel. A tia Clemen estava muito afetada, e eu também. Deus deu-me forças para dizer-lhe:

– Papai: eu não posso dizer ao senhor o que tem que fazer. Mas sugiro-lhe uma coisa: por que não vamos ao oratório do centro do Opus Dei hoje à tarde? Já sei que Deus está em toda parte, mas o senhor vai se sentir mais à vontade lá. Vá e converse com Deus...

Olhou-me com serenidade, contente de que tivesse colocado a situação daquele modo. Almoçamos juntos. Depois o levamos ao centro, e deixamo-lo só no oratório, para que tomasse essa decisão, como costumava fazer sempre, junto ao Senhor.

Quando regressou à Guatemala, estava muito mal do ponto de vista físico, mas continuava com o bom humor de sempre. Se alguém lhe perguntava, comentava com simplicidade o que havia ocorrido: tinham-lhe feito uma biópsia, e era maligna; e com a idade que tinha já não podia ser operado, porque corria risco demais...

Terminava com um sorriso.

Em julho e agosto de 1991 foi piorando. Levamo-lo ao Hospital Bella Aurora, onde os médicos lhe aplicaram algumas radiações como solução extrema, que afetaram seu cérebro e deixaram-no muito debilitado. Perdeu o ritmo do sono e a noção do tempo.

Por fim conseguiram que dormisse com regularidade durante a noite, mas passava grande parte do dia em letargia. A única forma de animá-lo um pouco era propor-lhe rezar o Rosário.

Ao ver-se assim, aceitou e amou a vontade de Deus, sem lamentar-se. E a partir de então, sua única preocupação foi receber o Senhor na Comunhão, rezar e aproximar-nos de Deus.

No hospital fez uma relação muito boa com Benjamín Antonio, um enfermeiro de 30 anos com muito valor profissional. Quando nos demos conta de quão bem sintonizavam, propusemos a Benjamín que o cuidasse em casa. Esse trabalho supunha-lhe um esforço notável; mas no fim, movido por seu carinho ao avô, aceitou.

Assim resolvemos o grande problema que tínhamos, porque fazia semanas que o cuidávamos por turnos (e não só mamãe e eu, mas muitos da família e várias pessoas do Opus Dei), e não éramos suficientes. Mamãe tinha que ocupar-se de vocês, que eram muito pequenos, e das tarefas da casa; e eu tinha que trabalhar. Não dávamos conta de tudo, e o avô não podia estar trocando continuamente de pessoa; necessitava de um profissional, como Benjamín, que estivesse pendente dele noite e dia.

Benjamín o fez muito bem. Estava maravilhado, porque não recebeu, em todo o tempo que o cuidou, “nenhuma queixa ou revolta”. O avô só manifestava um pouco de prevenção quando ia fazer-lhe a barba, porque da primeira vez, como a lâmina não era nova, deve tê-lo machucado um pouco. O avô não disse nada, mas sempre lhe perguntava, antes de começar:

– Está boa a lâmina do barbeador?

– Sim, doutor – dizia-lhe Benjamín, que sabia por que lho perguntava –; acabei de trocá-la e está novinha, novinha...

No começo, Benjamín levava-o para dar uma volta até o Géminis Diez¹⁰, para que se distraísse um pouco. O avô, para agradecer-lhe seus cuidados, tratava de ajudá-lo no que podia, na medida de suas forças, que já eram muito poucas.

Às vezes, por causa da doença, quando Benjamín colocava o avental branco para atendê-lo, confundia-o com um amigo ou pensava que era um de seus antigos alunos da Faculdade, e começava a dar-lhe conselhos.

– Você estudou?

– Não muito, doutor – dizia-lhe Benjamín, para dar-lhe o que conversar.

– Bem, então veja: como não quero prejudicá-lo, não vou fazer a prova. O que quero é que você aprenda, que estude. Vou escrever aqui os pontos que deve revisar, e daqui a uma semana aplico-lhe o exame.

¹⁰ Empreendimento e centro comercial da Cidade da Guatemala. (N do T)

E escrevia algumas perguntas, com sua mão trêmula.

No princípio, Benjamín levava-o em uma cadeira de rodas até a paróquia. O pároco ficava maravilhado de ver que um homem nessas condições desejasse tanto assistir à Missa e para facilitar-lhe as coisas disse que o posicionássemos na sacristia, perto do altar. E embora não tivesse forças nem para abrir a boca, comungava com uma devoção! Com um amor!

Até que não pôde mais ir à igreja. Deu-me muita pena, porque tinha tanto desejo de receber o Senhor!

Foi piorando. No final estava quase sempre dormindo, embora pudesse recobrar a consciência a qualquer hora do dia ou da noite. Muitas dessas vezes, dizia a Benjamín:

– Você já está pronto?

– Pronto para quê, doutor?

– Para que seria? Está na hora da Missa!

– Muito bem doutor – dizia-lhe Benjamín, e ajudava-o a sentar-se em sua cadeira de rodas.

Tinha o desejo de comungar no mais fundo da alma. Benjamín passeava-o pelo corredor até que ficava inconsciente, com o olhar fixo na distância. Então trazia-o de novo para seu quarto e deitava-o. Depois de várias horas, voltava a exclamar:

– A Missa! A Missa!

A doença fez com que sua alma ficasse, para dizê-lo de algum modo, como em carne viva, à vista de todos. Já não podia evitar que nos inteirássemos das obras de caridade que fazia em segredo.

– Venha cá, venha cá... – dizia em voz baixa a Benjamín **–. Já lhe dei o cheque?**

– Que cheque, doutor?

– O cheque de que lhe falei. Vá de minha parte e leve-o para...

E sussurrava-lhe o nome de uma pessoa necessitada. A quantos deve ter ajudado assim, ao longo de sua vida, silenciosamente, sem que ninguém o soubesse! Nem sequer naqueles momentos deixou de preocupar-se pelos demais.

Pouco depois, em outro momento de lucidez, dizia-lhe:

– Benjamín, você levou o cheque? Lembre-se de que têm necessidade dele...

Queria estar unido ao Senhor continuamente, e rezar o Rosário, mas a mente não lhe ajudava... Dizia: **Primeiro mistério** e recitava uma ave-maria; depois: **Quinto mistério**; e recitava três; depois: **Segundo mistério**; e duas...

Durante as semanas seguintes, deram-lhe a Unção dos Enfermos em várias ocasiões.

Em 16 de outubro, véspera de sua morte, recebeu uma carta de Mons. Mons. Álvaro del Portillo, Prelado do Opus Dei. Dom Antonio trouxe-a perto do final da tarde. O avô já não conseguia falar, mas reconheceu-o imediatamente e foi-lhe expressando seus sentimentos com as mãos e o olhar, enquanto d. Antonio lia-lhe a carta ao ouvido, com voz clara:

Comoveu-me comprovar tua visão sobrenatural perante a doença que padeces.

Continua abandonado nos braços paternais de Deus, convencido de que o Senhor nos dá sempre o melhor para cada um, ainda que às vezes pode custar compreendê-lo.

Apoio-me especialmente em ti, meu filho, para levar adiante o labor da Obra em todo o mundo: continua a oferecer teus sofrimentos por minhas intenções.

Que Deus te pague!

Quando d. Antonio terminou de ler, vi em seus olhos a alegria e a paz que aquela carta havia produzido.

Naquela noite de 16 para 17, não quis deitar-se. Sentou-se em sua poltrona, junto à janela, perto da imagem da Virgem; e assim, em atitude ativa, como estivera durante toda a sua vida, passou a noite inteira; até que às sete e quinze da manhã do dia 17 de outubro, mês do Santo Rosário, do qual era tão devoto, foi-se-nos, dando um leve suspiro.

Na mesma tarde daquele dia 17 enterramo-lo, junto à avó Clemencia, depois de uma Missa de corpo presente, na igreja de Nossa Senhora da Paz.

Tinha-nos pedido que o funeral e o enterro fossem muito simples; assim o fizemos, com todo o nosso carinho.

Naqueles momentos eu sentia uma grande dor, e ao mesmo tempo uma alegria inexplicável: tinha a íntima convicção de que já estava gozando de Deus.

Morreu um santo, diziam-nos as pessoas. Emocionava-me escutá-lo, porque estava – e estou – plenamente convencido dessa realidade: o avô foi um santo.

Dom Álvaro escreveu pouco depois a d. Antonio:

“Não deixo de oferecer sufrágios pelo descanso eterno de sua alma, embora esteja convencido de que não os necessitará.

Como tantos filhos do nosso Padre que o precederam, terá podido dizer: «cursum consummavi, fidem servavi...», e o Senhor tê-lo-á acolhido em Sua Glória, bem purificado pela doença que padeceu, premiando o amor, a abnegação e a entrega com que correspondeu a sua vocação.

A sua intercessão encomendo minhas intenções”.

Tenho que terminar. Durante estes últimos meses muitas testemunhas de sua vida fizeram declarações para seu Processo: familiares, colegas, amigos, pacientes...

Sei que há milhares de pessoas que rezam a oração da estampa para a devoção privada em muitas partes do mundo: em toda a América Central, na França, na Espanha, em vários países da África...

Eu, submetendo-me de todo o coração ao que diga a Igreja, coloco-me sob sua intercessão e rezo por sua canonização. E não me move apenas o carinho de filho: estou convencido de que o exemplo cristão de sua vida fará um bem imenso à Guatemala e à Igreja inteira; e encherá de alegria e esperança milhares de almas.

Deus concedeu-nos esse dom excelso e não sei como agradecê-lo. Por isso escrevi estas cartas: para dar graças a Deus e para que vocês não esqueçam nunca a figura de seu avô: como amou a Deus, à Igreja e aos que o rodeavam, com toda a alma.

Deus queira que, pela graça de Deus e mediante sua intercessão, atuemos sempre como devem atuar os filhos, os netos, os descendentes de um homem santo; e Deus queira também que um dia gozemos, todos juntos, a seu lado, da plenitude divina.

Lembram-se daqueles versos?

“Ditoso és tu, doutor Neto Cofiño

Que pudeste, ao cruzar aquela esquina

Chegar a ver a plenitude divina

Com fé de ancião e simplicidade de menino.

Ditoso tu, que fizeste do carinho

O abrigo de tua alma cristalina

Que é uma rosa viva e sem espinhos,

Um leito de púrpura e arminho.

Hoje de madrugada, amado Neto,

Vai teu espírito excelso em romaria

Até o seio impoluto de Maria.

E no suave perfume das rosas,

Um ramo de virtudes primorosas

Ofereces ao Senhor, quase em segredo...

Com todo o carinho,

Papai.

Um pós escrito de mamãe

5 de abril de 2001

Queridíssimos Jorge, Paola e Diego,

O papai me pede que lhes conte algo sobre o avô, como um “pós escrito” às cartas que lhes escreveu, e não sei por onde começar, porque... tenho tantas lembranças! Esta manhã, durante a clausura do Processo, no salão do trono do Palácio Arquiepiscopal, enquanto liam os documentos, veio-me à memória o dia em que o conheci.

Foi nesta mesma casa. Eu estava um pouco nervosa, como qualquer uma que vai conhecer seu futuro sogro... Quão longe estava de suspeitar tudo isto! Vemos a santidade como algo distante, e depois o que acontece é que está aqui, entre nós...

Pareceu-me um homem mais velho, porque o era; simpático; culto, bem apessoado – em sua juventude deve ter sido muito bonito – e de boa presença ainda, apesar da idade, com seu terno branco e sua gravata de nó bem feito; com uma voz cálida e expressiva, e olhos verdes muito vivos; um homem sereno e de grande elegância interior...

Era um “homem do mundo” com um “não sei quê” muito especial... Do mundo, entendam-me bem, mas não “mundano”, porque era simpático, mas não frívolo; divertido, mas sem superficialidades de nenhum tipo. Isso se refletia até em seu modo de vestir: correto, sem luxos, algumas vezes clássico, outras esportivo, segundo as circunstâncias...

Depois, com o passar do tempo, fui descobrindo novos aspectos de sua personalidade. Por exemplo, seus contínuos detalhes de carinho. Nestes últimos meses, falando com a tia Clemen, lembrei-me de muitos... chamava-me a atenção que quando ia ao México levava uma agulha e um carretel de linha para pregar seus botões e não causar incômodos a sua filha.

A isso chamo... um “detalhe”.

A elegância a que me referia antes não era questão de roupas, mas de algo mais íntimo; era fruto de seu carinho com os demais (**não há coisa pior** – dizia com graça – **do que um velho mal vestido**); e fruto também de seu bom gosto natural e de sua extraordinária finura ao falar. Nunca o ouvi dizer uma palavra má, jamais! Era um saber calar; um saber ceder; um saber sorrir...

Outro detalhe, mais importante do que parece: era pontualíssimo. Isso é caridade com os demais, sobretudo em alguém “importante”, como ele: significa que não lhe dá na mesma que os outros tenham que esperar, e que você não se coloca acima de ninguém. É também uma demonstração de humildade.

A cada ano ia ao primeiro retiro que se organizava. Dizia, meio brincando, meio a sério: **na minha idade, é preferível ir ao primeiro, não aconteça de não chegar ao segundo.** Parece-me que o vejo sair pelo jardim, feliz e contente, com sua mala na mão, sua jaqueta cinza e sua calça xadrez...

Conheci-o quando já era bem mais velho, e já tinha as costas um pouco curvadas; mesmo assim, esforçava-se por manter-se direito e erguido: não por vaidade, mas por mortificação. **Eu me agacho muito – dizia –, mas estou procurando corrigir-me.**

Não era uma dessas eminências científicas que só sabem falar de sua especialidade. Era um homem culto e dava gosto conversar com ele sobre arte, sobre arquitetura, sobre pintura (sobretudo a francesa). Encantava-lhe convidar seus amigos para almoçar em casa, porque lhe parecia que levá-los a um restaurante era uma descortesia.

Aqui, fazia de tudo para acolhê-los e para oferecer-lhes o melhor que soubesse fazer na cozinha: frango ao molho de laranja, berinjela à Mussak, segundo a receita que lhe deu seu amigo d. Samuel...; embora, agora que penso nisso, não sei se não lhe agradava comer em restaurantes porque era muito sóbrio ou por que era muito caseiro; ou pelas duas coisas ao mesmo tempo.

Quando comia fora, em um casamento, por exemplo, sabia apreciar o que lhe serviam, porque eu lhe perguntava depois e ele explicava-me o menu: o primeiro prato, o segundo, a sobremesa... e no final dizia-me, carinhoso:

– Mas tenho certeza, minha querida, que você teria feito muito melhor.

Outro detalhe: quando fazia um prato especial para seus convidados, comia muito pouco. Desculpava-se dizendo que já havia provado os pratos na cozinha; mas eu penso que não: que era um sacrifício que oferecia ao Senhor.

Estivera nos Estados Unidos, na Europa e na França, e isso se notava em seu profundo conhecimento de lugares e costumes. Sabia distinguir entre as diversas marcas de vinho. No entanto, só tomava vinho em ocasiões raríssimas; e jamais o vi tomar bebidas alcoólicas como gin, whisky ou coisas assim.

Não tinha caprichos. Nunca me disse: “Guisela, amanhã quero que você me prepare tal e tal coisa”. Não tinha manias, nem na comida, nem em nada. Quando se sentava à mesa, comia de tudo, e tudo lhe parecia bem, embora eu soubesse que não lhe agradava a carne de fígado e que adorava sorvetes. Ah! e os doces!

Por isso, na Quaresma não comia doces. Mas para perceber tudo isso era preciso estar muito atenta, porque comportava-se com total simplicidade. Ah, tomem nota: não fumava. Deixou de fazê-lo quando era jovem.

Lembro-me de tantas coisas! Era tão humano... Em seu coração, sua mãe ocupava um lugar muito especial. Falava-nos muito dela em seus últimos anos. Lembrava-se dela com **os cabelos brancos, pequenininha, sumamente dedicada a Deus e com muito carinho à Virgem.**

Tinha uma fraqueza por seus netos. Quando morreu, tinha 21. Parece-me que estou vendo vocês três, a seu lado, deitados no sofá, brincando com a coleção de dinossauros. Algumas vezes mostrava-lhes as ilustrações do *Quixote*. Outras, explicava-lhes a Bíblia ou dizia-lhes palavras em francês... Levava Jorge sempre que podia consigo no carro, como copiloto, e falava de geringonça, lembram-se?; e quando via alguma criança na rua, parava para perguntar-lhe:

– Apa onpon depe vopo cepe vaipai?

Em 1966 fez um folheto com os mistérios gozosos do Rosário e músicas natalinas. Como gostava quando reunia seus netos pequenos antes da Noite de Natal e contava-lhes a história do Menino Jesus!

Sempre me amou como a uma filha. Com que sabedoria, com que inteligência tão fina me explicava a religião, antes de que me batizasse! Com que delicadeza me aconselhava antes de meu casamento!

Possuía o dom de conselho: dizia a palavra adequada no momento adequado, e dava o conselho acertado para cada problema: de família, de filhos, de casal: **veja, se você tem que fazer isso, faça desse modo...** Nunca se assustava. E era muito sincero.

Por isso eu o procurava, antes de casar-me com o papai: porque era o único que se atrevia a dizer as coisas claras, chamando-as pelo nome, e sabendo ver o lado bom dos demais.

Em uma de suas cartas, escrevia sobre María Raskin de Piñol, uma senhora por quem tinha muito apreço, porque o havia ajudado em várias obras caritativas: **Costumo dizer isto a Mary Piñol quando tenta fechar a porta de um carro, o que raras vezes consegue: É porque você, Mary, existe para abrir portas, e não para fechá-las: esta é a imagem do seu coração.**

Veem que modo tão bonito de dizer as coisas? E como é lógico, jamais o ouvi murmurar, nem dizer um comentário negativo sobre ninguém, embora conhecesse o fundo das pessoas logo que as via. No mesmo instante. Nunca me esqueci de um dia em que eu estava conversando com uma amiga minha e ele disse:

– Olha: você tem olhos de quem está esperando bebê...

Ela ficou surpresa. E sim: estava grávida... e nem ela mesma o sabia!

Tampouco tinha isso que chamam de respeitos humanos, nem se perguntava “para que dizer-lhe isso...”. Com delicadeza, ia a uma amiga minha e dizia-lhe: **O seu filho respira com a boca aberta.** E a outra: **Veja: seu filho está andando mal; seria bom que um ortopedista o visse.**

Quando alguém da família tinha uma alegria ou uma dor, procurava a ele, porque era “o patriarca da família”, como dizia a tia Clarita, e procurou aproximar-nos a todos do Senhor.

Graças a ele sou católica, e cada vez me convenço mais do que diz a tia Uca: “quando há alguém que se dedica a Deus em uma família, acaba salvando toda a família”. Deus queira que seja assim.

Que mais posso dizer-lhes? Tinha uma grande devoção à Virgem do Rosário de Quetzaltenango, diante da qual tantas vezes havia rezado a avó Clemencia. Você já não se lembrará, Paola, porque tinha então dois ou três anos, mas muitos dias ele tomava você pela mão e levava-a até os roseirais do jardim, cortava as rosas mais bonitas que via, e depois em casa erguia-a com as mãos para que você as pusesse aos pés da Virgem.

Milhares de pessoas na Guatemala recordam-no com tanto afeto e agradecimento... Cheguei a acostumar-me a que, quando íamos pela rua, uma senhora se aproximasse dele: “Doutor, o senhor curou meu filho”; ou que viesse um senhor agradecer-lhe; ou uma indiazinha, para dizer-lhe: “o senhor salvou-me a vida quando eu era menina”.

Ele os escutava com carinho, dava graças a Deus e sorria.

Estava sempre sorridente.

Tenho gravado na alma esse sorriso.

Mamãe.